



1  
—  
222

1  
—  
222

Tit. 107515  
C. 1134978

R 344822

R. R. A. Gata 1a

# OCUPACION EN EL RETIRO,

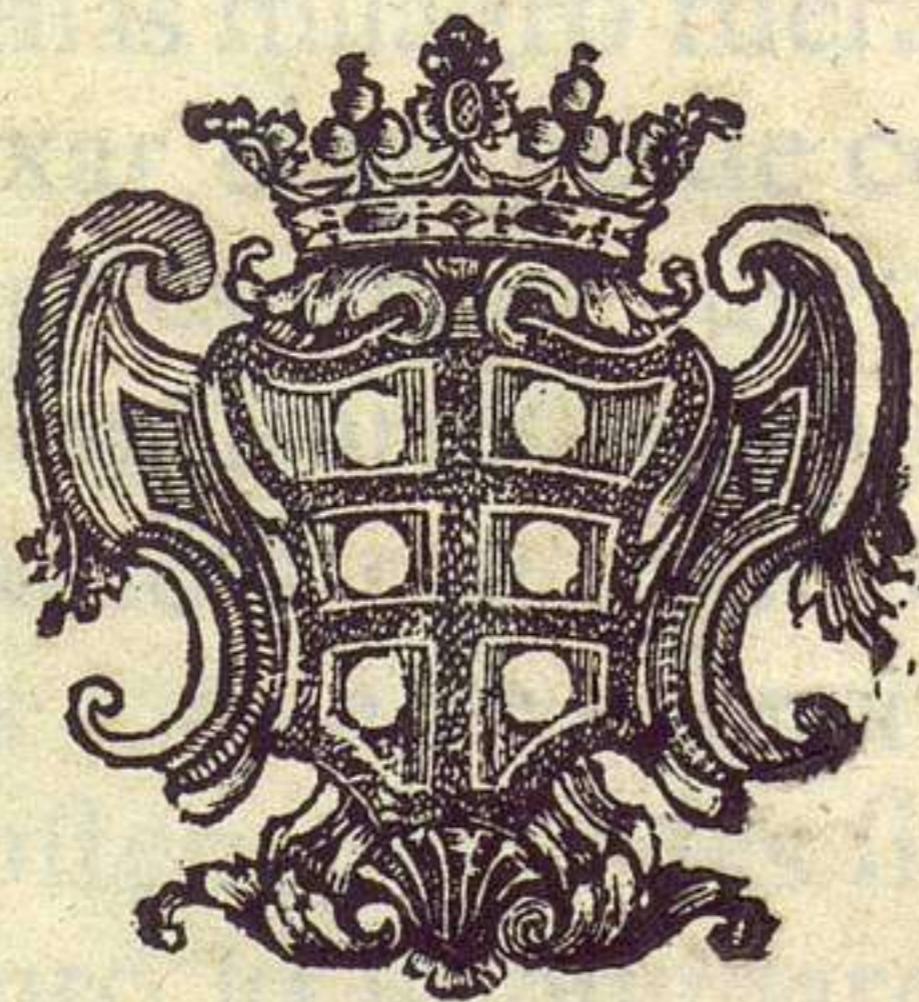
COMPREHENDIDA EN LA SYLVA, QUE EN RESPUESTA de otra, embia desde su Quinta Galindo a Ergasto. Describe Christianos, y virtuosos exercicios, passatiempos apacibles, y entretenimiento del campo. Persuade communes, y generales engaños de varias opiniones, que se padecen en el siglo. Inculca evidentes desengaños para reformation de la vida, y preparacion de la muerte.

COMPUESTA POR EL CAPITAN  
D. GABRIEL GARCEZ Y GRALLA,  
Cavallero Catalan,

Y DEDICADA AL SEÑOR  
FRANCISCO DE MELO,

*Comendador de S. Pedro de las Govêas, y de S. Martin de Piñel, ambas en la Orden de Christo, y Capitan de Infantaria.*

Por FRANCISCO LUIS AMENO.



LISBOA:

En la Inprenta de ANTONIO ISIDORO DE AFFONSEC:

Año de M. DCC. XLII.

*Con todas las licencias necessarias.*

OCUPACION  
EN EL RETIRO.

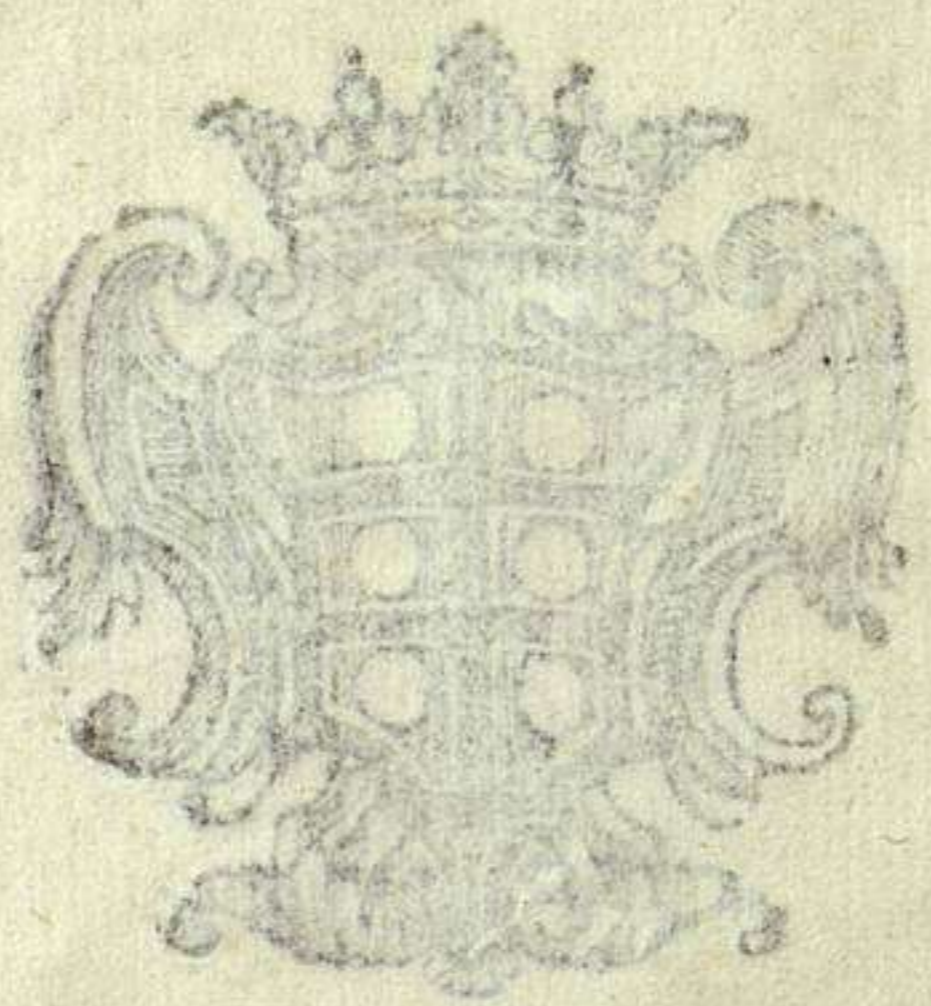
COMPREHENDIDA EN LA SÉPTIMA, QUE EN RESPUESTA  
de otra, enviada desde la Oficina de la Real Academia de Ciencias, y  
virtudes exercidas, y particularmente de las que  
por el presente se proponen, y generales en los de varias opiniones, que  
se piden en el siglo, facultades evidentes de los señores para reformacion  
de la vida, y preparacion de la muerte.

COMUESTA POR EL CAPITAN  
D. GABRIEL GARCEZ Y GRALLA,  
Cavallero Catalán,

Y DEDICADA AL SEÑOR  
FRANCISCO DE MELO.

Comendador de S. Pedro de las Gortas, y de S. Martin  
de Pinel, ambas en la Orden de Christo, y Cavallero  
de Infanteria.

Por FRANCISCO LUIS AMENIO.



L I S B O A :  
En la Imprenta de ANTONIO ISIDORO DE VILONGE.

Año de M. DCC. XLII.

Con todas las licencias necesarias.

# A'LVULGO,

BIEN, O' MAL INTENCIONADO.

**E**STE limitado volumen, este pequeño desvelo, parto compendiofo de mi ocupado retiro, se expone al rigoroso, ò moderado examen de la desigual censura de milindrosos ingenios. Quedará fatisfecho el mio (tal como es) si a lograr llega en tan corto empeño la dicha de algun acierto, dissimulando-le faltas: màs milagro fuera (y nõ pequeño) dexar el vulgo de censurarlas. Admitelo puès tu, ò vulgo yà propicio, ò yà contrario, ò como tu quifieres; solo seas tan benêvolo como en los mas, que te ofrecî en la Imprenta, te ostentates. Mas si fatirico, ò mal contento lo impugnares, ò mordieres (que será lo mas cierto) advierte, atiende, que ni de chismes me ofen-

ofendo, ni de lisonjas me pago: nadie se escandelize, nõ te molestes tu de mi doctrina, que hará mal, nõ harás bien, si assi lo hizieres, que nõ es mi intento particularizar a ninguno, porque solo a la generalidad atiendo: escribo por mi antojo, por mi capricho, y passatiempo; mas si tu nõ lo tuvieres desto, tente por sabido, que nõ se me dá dõs blancas, puès escribiendo solo por mi gusto, es màs que cierto, que del tuyo nõ dependo.

Vale.

DE





# DEDICATORIA

## HISTORICO-GENEALOGICA:



*E o procurar asylo, e protec-  
ção a este limitado volume dependesse da elei-  
ção, não sey que pudesse desejar outro Mece-  
nas, nem outro amparo, que o de V. S. porèm*

CO-

como a offerta não seja acção da liberdade, senão generosa força da obrigação, venho a ficar violento para o acerto de expôllo ao patrocinio de V. S. em cuja Caza não sômente achou sombra o engenho do Author para o realce deste livro, mas até a mim me servio de guia para novamente procurar o amparo de V. S. Deste modo declaro, que o mais sublime, e o mais perfeito deste trabalho he honroso credito de pennas alheas, cujo delicado apàro se vio sempre adornado da erudição, e da elegancia: sô ao methodo, disposição, e cultura posso chamar mais ousadia, que acção de meu talento, pois ainda para tal empreza he bem que nasção, não presumidas azas à minha confiança, mas prudente mêdo à minha insufficiencia. Não he menos excellente a sollicita Abelha, porque fabrica a composição de seu saboroso favo com a sustancia alhea, que lhe dão varias, e diversas flores. A deste pequeno assumpto notará V. S. que sem apartarse dos termos de humana, entra pela grandeza de divina. Divina a contemplo pelo principal fim, a que encaminha a sua doutrina, que he o fruto da occupação, opposta sempre ao vicio da occiosidade, que, conforme Seneca, he morte, e sepultura do homem vivo: humana lhe chamo pelo modo da sua composição

posição; porque o estudo da curiosa humanidade lhe administra não pequeno apparatus rhetorico de poeticas curiosidades, com que espero se julgará este livrinho aprazivel Jardim de doutrina, donde as deliciosas correntes de locução sonora fecundão as flores de agradaveis pensamentos.

Requeria, pois, este pequeno Palacio de Musas a protecção, e amparo de hum esclarecido Heroe, a quem respeitassem as vulgares tiranias da Inveja, e os vis combates da Calumnia. Levantey os olhos ao sempre heroico Appellido de Mello, e acheey nelle, e descobri em V. S. tantos motivos para esta Dedicatoria, que fora erro em mim qualquer demora, e qualquer duvida delicto; pois os soberanos attributos, e as eminentes qualidades, que no filho de Latona só chegãraõ a tocar a linha de fabulosos encarecimentos, em V. S. alcançaõ a gloria de singularissimas verdades. Mas se eu quizesse ponderar com distincção, e certeza os principios deste tão sublimado, como heroico Appellido de Mello, he muy evidente, he infallivel se embarçaria a comprehensão, de tal sorte, q̃ titubearia em assinarlhe determinado tempo, ou lugar certo; porèm não obstante esta difficuldade direy o que souber felizmente descobrir.

O

O tão entendido, como curioso investigador de antiguidades D. Antonio Alvares da Cunha, sугeito em quem parece quiz competir o estudioso de seu eminente talento com o esclarecido de sua nobreza, diz, no Obelisco Portuguez, que o tronco da illustre familia de Mellos foy o antiquissimo Cavalhero D. Pedro Ferrmariz, o qual concorreo com o Conde D. Henrique, que conforme a minha conta foy pelos annos de 1093. de Christo, cujo ascendente foy aquelle valeroso Elvecio, que tomou a Aguia da Legião quinta dos Romanos em tempo de Julio Cesar, que floreceo pelos annos de 3945. e que este Elvecio descendia do Principe Mello. Atè aqui he do dito D. Antonio, de que se mostra ser muito possivel (assim o julgo) que pela dita razãõ a nobilissima familia dos Mellos, no Escudo de suas Armas, traz por timbre dellas huma Aguia negra, estendida, e abezentada de prata, como diz Fr. Leaõ de Santo Thomás na sua Benedictina; o que seria, creyo eu, em memoria daquella grande acção de Elvecio. O grande Joaõ Rodriguez de Sá, descrevendo as Armas desta illustrissima familia dos Mellos, suppoem que vieraõ de Roma a estes Reinos, como V. S. pôde ver em seus versos.

Nãõ

*Não tem Leoens, nem Castellos,  
Mas seis brancas Arruèllas,  
E tres Barras amarèllas  
O nobre sangue dos Mellos,  
Que suas Armas traz nellas;  
È o que delles se toma,  
Ser Estrangeiros em soma,  
Donde não se sabe affaz,  
Ainda que o nome faz  
Presumir virem de Roma.*

*Grande antiguidade descobrem estes Au-  
thores para gloria deste famoso Appellido de  
Mello; porèm se me não estranharem a curio-  
sidade, muito mayor a pertendo eu descobrir; e  
não serà com menos fundamento, que o das Di-  
vinas Letras. No segundo, e terceiro livro  
dos Reys se faz menção desta palavra Mello:  
Salomon ædificavit Mello. El-Rey Salamaõ  
edificou a Mello. Este edificio de Salamaõ, di-  
zem alguns, era huma Praça de Jerusalem,  
que servia para feiras, e mercadorias. Outros  
dizem, que não fez mais Salamaõ, que fechar  
com muros aquella Praça, ou lugar de Mello.  
Aqui temos este nome Mello taõ antigo, que  
jà era conhecido 799. annos, antes que flore-  
cesse Elvecio, descendente do Principe Mello;*

porq̄ Salamaõ, segundo a Chronologia de Ge-  
nebrardo, reinou pelos annos do mundo de 3146.  
e Elvecio floreceo pelos annos de 3945. com que  
fazem os ditos 799. annos, em que já era co-  
nhecido no mundo este nome de Mello, antes do  
Principe Mello, progenitor do referido Elve-  
cio, pouco mais, ou menos. Além disto se hade  
advertir, que a versãõ de Menochio sobre os  
referidos lugares dos Reys, não diz que aquel-  
le edificio de Salamaõ fosse praça, senão Fami-  
lia urbis Mello, familia do lugar de Mello, e  
he conforme esta versãõ ao cap. 9. do livro dos  
Juizes vers. 6. que diz: Univerfa familia urbis  
Mello. A Biblia Magna sobre este lugar diz  
as seguintes palavras: Mello propinqua erat  
Sichem; quidam dicunt non fuisse urbem; &  
quidam Hebræorum, & Chaldæorum, & Se-  
ptuaginta solum dicunt domum Mello, id est,  
familiam Mello. Do que se colhe evidentemen-  
te, que aquelle nome de Mello, edificado por Sa-  
lamaõ, não era praça, nem era lugar fechado  
de muro, mas só Caza da familia de Mello, si-  
tuada, e edificada junto a Sichem; e se El-Rey  
Salamaõ foy o que a edificou, como diz o Texto:  
Salomon ædificavit Mello, quem duvidará que  
o grande, o poderoso, e sabio Rey Salamaõ fos-  
se o tronco, a raiz, e o progenitor desta nobilif-  
sima,

*fima, e antiquissima familia de Mello? Eu ao menos não o duvido, pois vejo que há probabilidade para isso, porque esta palavra Aedificavit nas Sagradas Letras faz muitas vezes o mesmo sentido, que Creavit, e aqui parece que assim se deve entender, segundo as versoens referidas, Hebraea, Caldaica, e dos Setenta: Domum Mello, id est, familiam Mello. De sorte q̄ dizer, q̄ Salamaõ edificou esta Caza de Mello, he o mesmo dizer, que foy o tronco, raiz, progenitor, e primeira origem da familia de Mello, id est, familiam Mello. Verosimil, parece que passasse este esclarecido Appellido de Mello desde aquellas partes do Oriente a Roma na pessoa do referido Principe Mello, e de Roma a Espanha em seu descendente Elvecio, que militou nas guerras, que nella tiveraõ Cesar, e Pompeo, e se continuaria taõ Illustre descendencia, como diz o referido Obelisco Portuguez atè o famoso Cavalleiro D. Pedro Fermariz, em quem tem sua heroica ascendencia o grande Mem Soares de Mello, primeiro Senhor de Mello nestes Reinos, de quem V. S. e os mais Senhores deste grande Appellido descendem; e ainda q̄ falta quem nos dê noticia particular dos Heroes antigos desta Illustrissima familia, e de suas heroicas acçoens, com tudo podemos dedu-*

zir, e argumentar quaes seriaõ aquelles; porque, como diz Horacio, as Aguias generosas, e excellentes não podem por sua natureza gerar Pombas humildes. Digaõ-no sim, diga-o tanto glorioso ascendente, que à nossa noticia vierãõ, famosos progenitores de V. S. desde o nobilissimo Senhor Mem Soares de Mello, clarissimo tronco, e insigne raiz desta familia excellente, estendida, e continuada em tantos ramos, como se vê não só nos Senhores de Mello, mas tambem nos de Povos, e Castanheira, Alcaldes môres de Evora, de Elvas, e de Serpa, Condes de Olivença, de S. Lourenço, Porteiros môres, e Monteiros môres do Reino; e finalmente outros Varoens taõ grandes, que assim no secular, como no Ecclesiastico se honrãõ com elles os Bastoens, e as Mitras, de sorte, que parece competiraõ nellès as letras com as armas, ou estas com aquellas, para gloria de taõ illustres descendentes. Diga-o na India Oriental a grande Cidade de Malaca no valeroso Roque de Mello, a quem se deve a primeira viagem da China. Os cercos de Chaul, e de Damaõ publicaõ o valor de Henrique, e Manoel de Mello, adonde ao mesmo Marte atemorizou o seu esforço. A Religiaõ de S. Joãõ de Malta confessará dever o seu augmento ao Senhor,



nhor Jorge de Mello; e não menos a Minerva  
Deosa da sabedoria, e das letras accumullá-  
rão Coroas, e grandezas os estudiosos alumnos  
desta esclarecida familia. Digaõ-no, entre ou-  
tras, as duas Cidades de Coimbra, e Lamego  
nos dous Illustrissimos Senhores D. Martinho  
Affonso, e D. Jorge de Mello, que occupan-  
do nellas as cadeiras Episcopaes foraõ tambem  
illustres Inquisidores destes Reinos. Diga-o a  
Cidade da Guarda no Illustrissimo Senhor D.  
Martinho Affonso de Mello, seu Bispo, cujas  
letras, cuja virtude, e cujos heroicos procedi-  
mentos pediaõ, para se relatarem com verdade,  
além demais delicada penna que a minha, mais  
dilatado papel. Atè nas Matronas desta es-  
clarecida familia se descobriraõ as graças to-  
das; pois além dos dotes naturaes da fermosura,  
parece que se juntou nellas com todas as  
mais virtudes a da Prudencia. Diga-o por to-  
das a Excellentissima Senhora D. Guiomar de  
Mello, que pelos seus merecimentos foy prefe-  
rida entre tantas as de igual qualidade para  
occupar, como occupou, o alto exercicio de  
Camareira mór da Senhora Dona Isabel, Em-  
peratriz de Alemanha, quando partio deste Rei-  
no. Mas que direy se pela parte da Senhora  
Dona Catharina de Castro, terceira Avó ma-  
ter-

terna de V. S. quizer relatar sua real ascendencia? Aqui se devia suspender a penna por não ter valor para tanto, mas bastará dizer que he V. S. terceiro neto do Senhor Francisco de Mello, e da dita Senhora Dona Catharina de Castro, filha do Senhor D. Rodrigo Manoel, por cujo matrimonio se unio com o sangue dos Mellos, e dos Manoeis, Senhores da nobilissima Caza de Chelez, vindo a ser V. S. em igual gráo duodecimo neto por linha materna do Excellente Senhor Mem Soares de Mello, e duodecimo neto do Serenissimo Infante D. Manoel, tronco famoso dos Manoeis, filho que foy do Santo Rey de Leaõ, e Castella D. Fernando, e Avó da Infanta Dona Constança Manoel, primeira mulher do Infante D. Pedro, depois Rey o primeiro deste nome em Portugal.

Parece que não pôde haver mais calificada nobreza; mas se dilatarmos a vista pela famosissima familia dos Castros, e sua antiquissima descendencia, de quem V. S. descende por sua quarta Avó materna, a Senhora D. Filippa de Castro, que cazou com o Senhor D. Rodrigo Manoel, progenitores da Senhora D. Catharina de Castro, terceira Avó de V. S.; que grandezas, que titulos, e que excellencias não descobriremos? Só direy, que veyo esta grande familia

milia dos Castros a estes Reinos com os antigos Castrucios Romanos, Illustradores daquelle poderoso Imperio com os postos, que occupáraõ de Consules, Pretores, Prefeitos, e outros Magistrados. Ou tambem de Castro Xeréz veyo esta Illustré familia a Portugal em D. Pedro Fernandes de Castro, a quem por excellencia chamáraõ o da Guerra, o qual foy filho de Fernão Rodrigues de Castro, e da Infanta Dona Violante Sanches, filha del-Rey de Leão D. Sancho, e por ficar menino D. Pedro, quando o Infante D. Philippe matou a seu pay, o trouxeraõ a criar a este Reino de Portugal em caza de seu parente D. Lourenço Soares de Valadares, Senhor desta antiga Caza, de cuja filha Dona Aldonça, com quem cazou D. Pedro, teve entre os mais filhos a Dona Ignez de Castro, a quem por sua fermosura chamáraõ o Collo de Garça, e veyo depois a ser Rainha de Portugal, cazando com El-Rey D. Pedro, e della procede pelos Infantes seus filhos muita da mayor Nobreza de Espanha, e destes Reinos. E se ainda no Senhor Francisco de Mello, Illustrissimo Avó de V. S. quizessemos observar o illustre sangue da sua ascendencia, seria pertender esgotar o mar, e numerar as suas aréas; porque quem se atreverá, sem particular

cular nota de necio, a sondar o grande Pélago, e dilatado Oceano da illustre, e antiquissima familia dos Mendocas, que como esmalte, e como realce das dos Mellos, Castros, e Manoeis, no dito Senhor (por filho da Senhora D. The-reza de Mendocça, Avò segunda de V. S.) res-plandece. He esta insigne familia de Mendocça taõ antiga, que apenas se lhe pôde descobrir a origem com certeza; alguns a deduzem, entre outras opinioens, dos antigos Senhores de Ita, e de Buytrago, illustres troncos dos Duques do Infantado, e dos Marquezes de Hinojoza, e Mondexar, e outros muitos Titulos grandes, e dilatados por todos os Reinos de Portugal, Castella, Aragaõ, e os mais das tres Espa-nhas. Outros lhe daõ principio nos Senhores de Biscaya; porèm tenho para mim, que o mais certo he descender esta nobilissima familia de Mendocça daquelle famoso, e taõ celebrado, co-mo antiquissimo Mendonio, Serenissimo Prin-cipe Cathalaõ Ilergete, grande debellador dos Romanos, como referem os antigos Annaes. Sejaõ, pois, como forem taõ difficultosos os principios, que eu só sey, e ainda todo o mundo o não ignora, que todo o esplendor, todo o lustre destas quatro nobillissimas familias de Mellos, Mendocças, Castros, e Manoeis, concorreraõ,  
bri-

brilháraõ , e resplandeceraõ , como em seu proprio centro , no Senhor Francisco de Mello Avó de V. S. filho herdeiro do Senhor Pedro de Mello , Commendador das Commendas de São Martinho de Pinhel , e São Pedro das Gouvêas , Mestre de Campo General da Provincia da Beira , e Governador do Rio de Janeiro ; cuja pessoa , e relevantes merecimentos o fizeram tão amavel , como respeitado de quantos chegáraõ a conhecello. Digaõ-no quantos tiveraõ a ditta de ser por elle governados nos muitos , e varios postos , que com tanto credito delles mesmos occupou , já sendo Numa na paz , já sendo Cesar na guerra ; e com tanta sagacidade , e prudencia no exercicio de suas obrigaçoens , que pudéra accrescentar novas maximas à militar Eschõla , e não poucas ao politico ; e tão pratico se fez na difficil arte de governar homens , que escrevendo o Senado da Camera do Rio de Janeiro à Rainha Regente D. Luiza , que lhe mandasse hum Governador , que os governasse com satisfação publica de todos , e que soubesse castigar alguma desordem do Povo , que alguma vez excedia , e degenerava da obediencia devida ; para satisfazer aquella prudentissima Senhora a tão justa petiçaõ , nomeou por Governador do Rio de Janeiro ao Senhor Pedro

b

dro

dro de Mello, em cuja prudencia, e valor lhe deo o que desejava aquella Provincia.

Da Caza do Senhor Pedro de Mello ficou por herdeiro o Senhor Francisco de Mello, que deo a primeira idade ao estudo da Grammatica, que interrompeo com a applicação das Artes liberaes, e proprias de hum Cavalhero, como foraõ o exercicio da caça, montar acavallo, e jogar as armas, em que fez maravilhas, para o que conduziaõ muito as grandes forças, de que foy dotado. Nas Cortes, que se celebrãõ em Lisboa no anno de 1697. foy Procurador de Serpa; e como o seu animo o chamava para a guerra, assentou praça na Provincia da Beira, e El-Rey D. Pedro segundo lhe deo o Governo de Porto Salvo naquella occasiãõ, em que se esperava, que a Armada Inglesa fizesse alguma irrupção em Lisboa; nella foy Coronel de hum dos Terços da Ordenança da Corte, e com o posto de Mestre de Campo passou a governar a Praça de Moura com a Patente de Sargento mór de Batalha, em que teve gloriosos successos, como foy hir com o partido daquella Praça ao Condado de Niebla, em que fez grandes hostilidades, e poz os inimigos daquella Fronteira em tal temor, que se não atreviaõ a fazer presas nos campos da dita Praça.

ça. Com o mesmo partido passou à Villa de Alcaría de la Puebla de Guzman, e lhe rendeo o seu Forte, em que como Governador fez prisioneiros trezentos Soldados, que tinha de guarnição, e se recolheo com muitas armas, e huma grande presa de gado; e encontrando-se na retirada com dobrado poder inimigo, de tal sorte conservou a ordem, que se não resolverão a investillo. Na mesma Praça o sitiou o Duque de Ossuna, General das tropas Castellhanas; e não esperando socorro, pela falta das tropas, que havia na Provincia a defendeo, passando os limites da guerra; porque não tinha mais Soldados, que Payzanos, e Auxiliares, e com poucos mantimentos, e muniçoens; e vendo a brecha disposta para o assalto, capitulou com todas as honras militares, sahindo acavallo, e seguido da guarnição, e Artilheiros; e por esta defesa lhe fez S. Magestade mercê da Comenda de Veatodos, e de huma ajuda de custo; e podendo vir à Corte, passou logo ao Exercito. No anno de 1708. defendeo o partido de Beja, impedindo a passagem da Guadiana aos inimigos, que tinhaõ hum corpo de tropas nos campos de Moura, e Serpa; e depois de evacuadas estas duas Praças foy encarregado de lhes reparar as ruinas das fortificaçoens, o que execu-

tou com grande trabalho, e diligencia, pondo-as em estado de se defenderem com pouca despesa da fazenda Real. Na segunda tomada de Alcaría se achou por ordem do Marquez de Fronteira; e no anno de 1709. na Batalha de 7. de Mayo ficou muito mal tratado de hum braço, pelo grande valor, com que rompeo hum esquadraõ inimigo, e depois de ficar no seu campo, por ser conhecido, foy taõ fortemente atacado, que lhe chegáraõ a pegar na maõ da espada, de que valerosamente se livrou, e se incorporou no Exercito. Este se poz em retirada, mas entendendo o Governador das Armas o Marquez de Fronteira, que ficava exposta a Praça de Campo Mayor a lhe porem sitio os inimigos, lhe mandou que se metesse nella para a defender: e não tendo effeito esta presumpção o mandou o mesmo General à Praça de Elvas, porque se temia que os Castelhanos a sitiasssem. Repassáraõ estes o Guadiana na ponte, que demoliraõ, bloqueando a Praça de Olivença, aonde julgou o Marquez de Fronteira, que para evitar o perigo, antes que os Castelhanos principiaßsem o ataque, era conveniente, que nella entrasse o Senhor Francisco de Mello; e para este fim lhe ordenou, que sòmente com quatro cavallos se metesse naquella Praça, pela grande confiança, que fazia da



da sua pessoa, o que elle felizmente executou, atravessando todo o Exercito inimigo, e entrando na Praça aonde dispoz de modo a defen- sa, que os Castelhanos se não atreveraõ a ataca-  
calla.

Para satisfação de tantos, e taõ grandes serviços lhe fez S. Magestade mercè da Patente de Mestre de Campo General, e com ella governou as Armas da Provincia da Beira, em cujo governo fez obras muito importantes, tanto nas Fortificaçoens, como nos Quarteis, e Hospitaes de Almeida; mas vindo a Serpa com licença de S. Magestade, contrahio huma dilatada enfermidade, que lhe tirou a vida no primeiro de Março de 1719. depois de ter feito actos de summa Christandade, e se lhe deo sepultura no jazigo da sua caza, que he na Capella Mayor da Igreja de Santa Maria do Castello, Matriz da Villa de Serpa, de que era Padroeiro, unico privilegio nas Igrejas das Ordens.

Cazou este Fidalgo illustrissimamente com a Senhora Dona Ignez Francisca de Tavora, filha do Senhor D. Diogo de Menezes, Comendador de Vallada, e da Senhora Dona Maria de Oliveira sua prima segunda, filha de Luis Francisco de Oliveira, Senhor dos Morgados de Oliveira, e da Patameira, Familias  
taõ

taõ illustres, como dilatadas, e que emparentaõ  
com as mayores cazas do Reino; e deste matri-  
monio ficou herdeira a Senhora Dona Tereza  
Josefa de Mello, dotada de todas aquellas vir-  
tudes, que fazem as verdadeiras Matronas, co-  
mo saõ gravidade, discriçaõ, e piedade; e de-  
vendo esta Senhora continuar a caza dos seus  
Mayores, cazou com o Senhor Antonio Telles  
da Sylva, Cõmendador de Santa Maria de Ve-  
todos, e Senhor de Ficalho, filho do Senhor D.  
Fernaõ Telles da Sylva, segundo Marquez de  
Alegrete, terceiro Conde de Villar-Mayor, do  
Conselho de Estado, Gentil-homem da Came-  
ra, Védor da Fazenda, nomeado a 19. de Outu-  
bro de 1711. e Embaixador extraordinario a  
Alemanha ao Emperador Jozé no an. de 1707.  
para onde partio de Lisboa a 25. de Outubro  
do dito anno. Fez a sua entrada publica na  
Corte de Viena na tarde do dia 7. de Junho de  
1708. e conduzio a Rainha Dona Maria Anna  
de Austria a Portugal, em virtude da procura-  
çaõ, que tinha de El-Rey D. Joaõ V; e sendo  
erigida a Academia Real da Historia, foy hum  
dos Censores della; faleceo a 7. de Junho de  
1734. e da Senhora Condesa Dona Elena de  
Borbon, filha do Senhor D. Thomás de Noro-  
nha, terceiro Conde dos Arcos, e Gentil-homem  
da

da Camera do Principe D. Theodozio, e da Senhora D. Magdalena de Borbon, filha herdeira de D. Luis de Brito Nogueira, primeiro Conde dos Arcos; e não he necessario dizer mais para saber a illustre ascendencia por todos os lados deste fidalgo, a quem para ser Grande, bastava a baronia de Sylva, tão dilatada em Portugal, e Castella nos muitos ramos, e Titulos, em que he fecundissima.

Não degenerou o Genro dos espiritos militares do Sogro; porque tendo principiado os estudos os interrompeo pelo cazamento, e deo principio ao serviço militar no dia, em que o Senhor Rey D. Pedro, e El-Rey Catholico Carlos III. sahiraõ desta Corte para a campanha da Beira, servindo nella como voluntario, até se restituirem outra vez a Lisboa, tendo praça no Terço de Setuval, de que era Mestre de Campo o Marquez de Fontes.

Na Campanha seguinte assentou praça no mesmo Terço, e se achou no sitio de Valença, e no de Albuquerque, estando de guarda com o seu Terço na cabeça da trincheira, quando se rendeo a Praça; por cuja razão entrou com o dito Terço a tomar posse della, fazendo assim nos dous sitios, como em toda a Campanha, o serviço, e obrigação com a mayor diligencia, e valor.

Na

Na terceira Campanha assentou praça na mesma fôrma no Terço de Moura, de que era Mestre de Campo o Conde da Vidigueira, achando-se no sitio de Badajós, fazendo as guardas dos ataques, e assistindo a todas as operações do dito sitio, e da Campanha, a que foy o seu Terço. Tendo adquirido graves queixas no exercicio destas Campanhas, lhe foy muito sensivel não poder acompanhar o Exercito, que penetrou a Castella; mas porèm convalecendo dellas continuou o serviço com o mesmo fervor, e zelo, sendo feito Mestre de Campo no Terço pago, que se levantou de novo para guarnição das Praças de Moura, Serpa, por Patente de 28. de Março de 1707. com o qual fez a Campanha seguinte, tendo-o formado, e disciplinado com tão boa ordem, que nas occasioens de revista, teve a gloria de que os Generaes o attendessem pelo melhor do Exercito.

No anno de 1708. em que se fez o Arregimentado, teve Patente de Coronel por postilla de 8. de Fevereiro do dito anno, ficando com o mesmo Regimento. Fez a Campanha da Primavera, em que o Exercito buscou os inimigos, passando o Rio Xevora para os atacar, e retirando-se elles precipitadamente, e com desordem evitáraõ a batalha.

De-

Depois de recolhido o Exercito, acompanhou o Marquez de Fronteira na entrada, que fez por Andaluzia, tomando segunda vez o Forte de Alcaría de la Puebla, no que teve grande parte, pela disposiçaõ, com que formou a Infantaria, fazendo parecer aos inimigos ser mayor o numero dos batalhoens, e pondo em obediencia outros muitos lugares, de que se tiráraõ grossas contribuiçoens; nesta acçaõ foy Official de mayor Patente de Infantaria.

Foy feito Brigadeiro por Patente de 18. de Abril de 1709. conservando o mesmo Regimento; com cujo posto fez a Campanha da Primavera, achando-se na batalha das Figueiras no dia 7. de Mayo, em que tendo se retirado a Cavallaria, ficando cortados tres batalhoens Inglezes, que faziaõ o lado esquerdo, ficou a sua Brigada cobrindo, e sustentando todo o ataque da Cavallaria Castelhana; o que se deveo ao accordo, com que mandou fazer hum quarto de conversãõ ao Batalhaõ, de que era Coronel seu irmão o Senhor Thomás da Sylva Telles (hoje Visconde de Villa-nova da Cerveira, e Mestre de Campo General dos Exercitos de S. Mag.) e com elle cobrir o claro das suas Linhas, que sendo novamente atacado por hum grande corpo de Cavallaria com o excessivo fogo, que se lhe fez,  
c não

não só fez retirar os inimigos, mas em toda a marcha não atacar mais a Infantaria, que se retirou até a noite em boa ordem.

Na Campanha do Outono do mesmo anno exercitou o mesmo posto, achando-se nas tomadas do Castello de Barca-rota, e na da Praça de Xerez: nesta ganhou com a sua Brigada os arrabaldes, conservando-se arrimado à muralha por espaço de 48. horas; e sem embargo deste grande trabalho, sendo nomeado para atacalla por outro lado com 500. Granadeiros, foy a principal causa de lhe evitar o assalto; porque fazendo-se por engano hum sinal no Exercito, e entendendo hum Brigadeiro Inglez ser o que se havia de dar para o assalto, marchou a elle, e não se querendo deixar persuadir do seu erro, porque o dito Senhor tinha ordens positivas, com que lho segurava, lhe protestou hia com a sua Brigada a assaltar a muralha, antes que o Brigadeiro Inglez o fizesse, o que visto pelos da Praça, fizeram chamada, e se renderão.

Na Primavera de 1710. marchou com o Exercito, que penetrou o Paiz inimigo pela parte de Valverde até a Villa de Çafra, pondo em obediencia, e contribuição os lugares daquelle districto. Na Campanha do Outono as-

sistio

sistio com o mesmo emprego. Foy Sargento  
mór de Batalha por Patente de 7. de Mayo de  
1711. Fez a Campanha da Primavera, e pas-  
sando o Veraõ com sezoens na Corte, com a no-  
ticia de que os inimigos no Outono atacavaõ a  
Praça de Campo Mayor, marchou para a Pro-  
vincia de Alemtejo, e chegando à Praça de El-  
vas, continuou nella doente por dilatado tempo.  
Continuou o exercicio deste posto até a reforma  
geral, e depois della ficou continuando por al-  
gum tempo.

Servio de Capitão da Guarda Alemã por  
impedimento de D. Francisco de Sousa.

Em 29. de Março de 1735. foy feito Mes-  
tre de Campo General dos Exercitos, de que  
tirou Patente em 12. de Abril do mesmo anno;  
e por carta de 21. do dito mez foy encarregado  
do governo da Artilharia do Exercito, e Pro-  
vincia de Alemtejo, e entrando a exercitar o  
dito emprego, o fez com tanto zelo, e efficacia,  
que tendo o ocio da paz, e o descuido de alguns  
Officiaes posto em pernicioso estado tudo o que  
pertencia à artilharia, muniçoens, e armamen-  
tos, proveo em brevissimo tempo todas as Pra-  
ças, do que necessitavaõ; para o que concorreo  
a alta providencia, e cuidado, com que S. Ma-  
gestade procurou fazerse singular objecto do

respeito, e do temor, por cuja razão se achão  
as Praças providas não só de todo o necessario,  
mas ainda de huns grandes depositos, para o  
que foy preciso fazer hum grande numero de  
Armazens para polvora, como com effeito se fi-  
zeraõ nas Praças de Elvas, Campo Mayor,  
Olivença, e Estremoz, porque huns tinhaõ voa-  
do, e outros eraõ incapazes: Na Praça de  
Mouraõ se construiu tambem outro para armas,  
e outras muniçoens, tudo completo em brevissi-  
mo tempo, excedendo a todos estes o grande  
Armazem da Praça de Estremoz, taõ famoso,  
e taõ nobre, que não tem igual neste Reino, por-  
que sendo huma só caza accomoda 30 U. armas,  
podendo, se for necessario, introduzirse nelle  
muito mayor numero, devendo admirarse na  
sua fabrica huma immensidade de perfeiçoens  
da mais primorosa architectura. Esta grande  
fabrica se concluiu em pouco mais de dous an-  
nos, fazendo S. Magestade a honra ao dito Se-  
nhor de encarregar ao seu arbitrio, não só toda  
a fabrica d'elle, mas a eleição da pessoa, que  
houvesse de dirigir aquella obra, eximindo a sua  
despeza da jurisdicção das Vedorias, o que não  
quiz executar, pondo no cuidado da sua dis-  
tribuição a arrecadação da Fazenda, por es-  
tar certo não haveria Official, que se atreves-  
se,



*se, estando à sua ordem, a obrar contra o q̄ devia.*

*Vendo que os Officiaes da ultima guerra, ou eraõ falecidos, ou estavaõ estropeados, e não havia quem soubesse do serviço da artilharia, ordenou ao Sargento Mayor Dionysio de Castro abrisse Aula, e procurou persuadir a todos os Officiaes, e Soldados o desejo de aprender, o que se facilitou aprovando-o S. Mag. com a sua costumada generosidade, e natural amor às sciencias, porque accrescentou o soldo ao dito Sargento Mayor, e deo partidos para a dita Aula, em que tem aproveitado tanto os discipulos, que nelles tem S. Mag. hum grande numero de Engenheiros, e Officiaes de Artelharia.*

*Do mesmo modo fez aprender aos ditos Soldados tudo o pertencente ao seu emprego, fazendo-se insignes no exercicio da artilharia, bombas, e fogos, e tudo o mais da sua profissão, passando o mesmo Regimento por hum dos melhores da Infantaria, mostrando cada Soldado o mesmo zelo de serviço, que o seu General; o que mostraraõ, offerecendo-se a mayor parte do Regimento para o embarque, que fizeraõ 80. homens delle com o Capitaõ de mar, e guerra D. Manoel Henriques para a Ilha de Fernaõ de Noronha; e o mesmo fizeraõ offerecendo-se muitos para a expedição da India no*  
*mez*

mez de Setembro de 1738. que não pedindo S. Mag. gente alguma daquelle Regimento lhe fez a honra de nomear para Officiaes daquella expedição a muitos Soldados delle. Ultima-mente em Março do anno de 1741. sendo Sua Mag. servido mandar tirar de todos os Regimentos de Infantaria daquella Provincia hum grosso destacamento, para novamente soccorrer a India, e tirando-se de todos os Regimentos da Provincia por nomeação dos Coroneis, e com violencia, o Regimento da Artilharia não só não imitou os outros na grande deserção que fizeram, mas servio de guarda a todos os destacamentos dos outros Regimentos em quanto se detinhaõ na Praça de Estremoz; e mandando o seu General formallo em Batalha, e na testa delle ler o capitulo da Carta de S. Mag. e propôr os interesses, com que S. Mag. premia-va (cujo acto fez V. S. por ser Ajudante de Campo do dito Senhor General seu Pay) e acabando as ultimas palavras da proposta, pergun-tando se voluntariamente queria algum servir na India, sahio hum taõ grande numero dos dous Batalhoens, que se fez summamente difficil ao General a escolha, mostrando os que não erãõ nomeados a mayor desconsolação, e receyo de serem rejeitados por inuteis, e nos nomeados

ex-

experimentando-se huma tal firmeza, que nem hum só retrocedeo à palavra, vindo com as suas armas a esta Corte, servindo de Guarda a hum grande numero de Soldados criminosos, que eraõ condemnados a servir naquelle Estado.

No anno de 1738. governou as Armas da Provincia de Alemtejo, durante a auzencia, que por alguns mezes fez della à Corte o Conde da Atalaya, e neste tempo fez a primeira expedição para o soccorro da India, no mez de Setembro do mesmo anno.

Deste Illustrissimo matrimonio nasceraõ (entre muitas filhas, que professáraõ o Estado Religioso nos reformadissimos Mosteiros da Madre de Deos, e Sacramento, e nelles exercitaõ grandes aços de virtude, sendo cada huma de persi hum exemplar vivissimo de perfeição, e piedade) a Senhora Dona Violante Jozeza de Mello, que cazou com o Senhor Fernando Xavier de Miranda Henriques, filho do Senhor Luis de Miranda Henriques, e da Senhora Dona Magdalena de Borbon, filha do Senhor Fernaõ Mascarenhas, Comendador de Alcacere do Sal, e Alcaide mór de Sines, e da Senhora Dona Antonia de Borbon, filha de D. Thomás de Noronha, terceiro Conde dos Arcos, e Gentil-homem da Camera do Príncipe

pe D. Theodozio ; ficou filho unico V. S. que educado por seus prudentissimos Pays mostrou hum genio taõ docil , que só foy necessario o encaminhallo para aquelles estudos , que são proprios de pessoas taõ grandes , e que se destinão para os mayores lugares da Republica , ou sejaõ militares , ou politicos. Estudou V. S. as Latinidades , e passou depois a aprender a lingua Latina , e a nobre Arte de montar a cavallo , e Geometria , e todas as especies de fortificação , e como pratico nestas sciencias as executou com utilidade , e aproveitamento dos Soldados na Provincia de Alemtejo , aonde serve com seu Pay Excellentissimo , extendendo-se a sua curiosidade atè à Arte de Architectura , a quem deve grande parte a fabrica do grande Armazem de Estremoz , em que acima já falley.

Era tempo de V. S. tomar estado para continuar a sua Illustrissima Caza , de que era unico herdeiro Varaõ ; e como para os cazamentos serem felices , ensina a prudencia , que sejaõ iguaes os Esposos, nube pari, cazou V. S. com a Senhora Dona Isabel Jozefa Breiner de Menezes , sua prima segunda , filha do Senhor D. Diogo de Menezes e Tavora , Governador hereditario da Torre de S. Sebastiaõ de Capari-  
ca,

ca , que servio na guerra com grande reputa-  
ção , sendo Capitão de Cavallos , e Cômmissario  
da Cavallaria , e foy ferido na batalha de  
Almança , Comendador de Santa Maria de  
Vallada , Alcaide mór de Silves , e Estribeiro  
mór da Rainha nossa Senhora ; e da Senhora  
Dona Maria Barbara , Condessa Breiner , e  
Dama Camarista da mesma Magestade , filha  
de Philippe Ignacio , Conde de Breiner , e de  
Dona Isabel , Condessa de Breiner. Não he fa-  
cil de explicar a torrente do sangue Illustre ,  
que por este matrimonio se diffundio nos Senho-  
res Antonio Jozè de Mello , Diogo Jozè de  
Mello , e Fernando Jozè de Mello ( de quem  
tive a fortuna de ser eleito para Instructor dos  
primeiros elementos , que conduzem para a in-  
troducção de todas as mais sciencias ) porque  
pela Senhora Dona Brites Francisca de Men-  
doça , Mãy do Senhor D. Diogo de Menezes ,  
entrou todo o esplendor da Caza de Arronches ,  
porque era filha do Senhor Henrique de Sousa  
Tavares da Sylva , primeiro Marquez de Ar-  
ronches , Conde de Miranda , do Conselho de  
Estado , e Guerra , Governador da Caza do Ci-  
vel do Porto , e Embaixador a Madrid , Ingla-  
terra , e Olanda ; e da Senhora Dona Maria-  
na Tereza de Castro , filha de D. Antonio Mas-  
care-

*carenhas, Comendador de Castel-Novo, e de Dona Isabel de Mendocça, filha de Antonio de Mendocça, e de Dona Anna de Castro, filha de Fernão Telles de Menezes, setimo Senhor de Unhaõ; e pela Senhora Dona Maria Barbara, Condeffa Breiner he taõ grande o esplendor, e nobreza, que basta saber, que he de Alemanha, para se ter pela mais calificada, dando nova gloria a taõ generoso sangue a Senhora Anna, Marqueza de Baden, quarta Avò desta Senhora, por ser filha de Ernesto, Marquez de Baden, Irmaõ de Philippe, Marquez de Baden, sexto Avò da Rainha N. Senhora, que Deos guarde.*

*Naõ me permitem mayor extençaõ as rigorosas leys da brevidade de huma Carta Dedicatoria, nem os elogios, que eu poderia dizer, saõ, sem grande offensa, para taõ resumido epilogo. Renuncio este cuidado à fama, que como taõ empenhada nos numerosos merecimentos de V. S. duvido lhe sobejem alentos, e clarins para publicar as insignes proezas dos seus Illustres ascendentes, de quem V. S. he taõ propriamente herdeiro, que pudéra sòmente per si ser principio, e ainda origem da sua nobilissima Caza. Mas pouco herdára V. S. de seus famosos ascendentes (ainda que muito) senão herdára*

*ra*

ra tambem a virtude , e piedade , com que elles illustráraõ seu nome. Oh , quantos vemos gloriarem-se das heroycas insignias de seus quintos , sextos , e setimos Avòs ; esquecendo-se porèm de imitallos em seus proprios procedimentos , e publicas acçoens ; tanto que parece verificarem em si mesmos aquella commua sentença , que os antigos Romanos observarãõ : Filij heroùm noxæ. Muito deve a Deos aquelle , que nasce nobre ; porque a Nobreza foy introduzida por Deos , e não por tirannia ; e por isso disse Plataõ , nasceraõ os nobres para sustentar a terra em paz , e justiça ; que quando a virtude acha na pessoa fundamento de nobreza , levanta sobre ella admiraveis edificios ; mayormente se está acompanhada com o dom da sabedoria , que he o ornato singular da nobreza ; porque se esta he hum conhecimento , e estimação da pessoa , em que ha , ou houve virtude , valor , ou summa sciencia , e tambem huma qualidade de illustre ascendencia , em que os filhos succedem aos pays , em V. S. se acha calificada em summo gráo , pois alèm do hereditario esplendor do sangue , valeroso esforço , e sciencia summa , em que tanto resplandeceraõ seus Illustrissimos Ascendentes , se vê adornado de singularissimas virtudes , que esta he a verdadeira nobreza ; e por

d ii

isso

*isso a Melchisedech Rey, e Sacerdote de Deos  
lhe não assina a Sagrada Escritura Pay, nem  
Mãy, nem outra alguma Genealogia, para  
dar-nos a entender, que na virtude do espirito,  
melhor que na geração do corpo, está a mais só-  
lida fidalguia: Qui contemnunt me, erunt  
ignobiles, disse Deos no primeiro livro dos  
Reys, que basta, e ainda excede para confun-  
dir a jaçtancia de muitos.*

*Dos innumeraveis, e continuos beneficios,  
que sem merecimentos reconheço, formarey  
huma cadeya, com que glorioso de minha escla-  
vidaõ esteja sempre rendido aos pés de V. S.  
que Deos guarde muitos annos, como necessi-  
tamos todos os favorecidos da sua grande libe-  
ralidade.*

*De V. S.*

*mais humilde criado*

*Francisco Luis Ameno.*



# LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

**O** Padre M. Fr. Antonio de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio veja o livrinho, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa 17. de Agosto de 1742.

*Fr. R. Alencastro. Teixeira. Sylva.  
Soares. Abreu. Amaral.*

EMINENT. E REV. SENHOR.

**B** Em occupou o tempo no seu retiro o Capitão D. Gabriel Garcez e Gralha, quando escreveu esta Sylva. Nella se ostenta com todas as veras: *O sabio em seu retiro.* Retirou-se dos cuidados do mundo, para habitar com os pensamentos no Ceo: fenaõ he que vive no Ceo, quem escolhe o retiro, só para tratar com Deos. No retiro he que Deos falla aos coraçoes, e quem procura remontar-se com pensamentos scientificos, e espirituales, deixe as Cortes, e voe para os desertos, porque entaõ mostrará, que escreve remontadamente

mmente com pennas de Aguia. Para compôr qualquer Poezia, ensinou o Mestre de todos os Poetas ser preciso o retiro; porèm para escrever em metro defenganos do mundo, só os escreverá com elegancia, quem do mundo defenganado se acha no foccego do seu retiro. No retiro não se participa aquelle fogo divino, que fingirão produzir o Enthuziasmo poetico; mas huma chamma do Espirito de Deos, que realmente ensina todas as sciencias. Com relevancia as ostenta o Author desta Sylva; porque depois de saber, como bom Capitaõ, tomar as medidas ao terreno, para cantar do mundo a galla da vitoria, mostra que no retiro, que fez, quer avançar o Ceo, para se coroar de triunfos no Empyreo. Quem busca o retiro, vence-se a si proprio, e isto he mais que vencer o mundo; por isso se coroa com outras laureolas, que só dá o Rey do Ceo, e o mundo não póde dar. Deo Deos a este Heroe valor, e sciencia; e se o fez rayo da guerra, tambem o fez Sol da Sabedoria. Tudo nelle assenta bem; porque para ser Heroe, basta ser Catalam; sendo ocioso qualquer outro encomio, se a mim me lembra bem, o que de hum grande Heroe cantou Lope da Vega, hindo descrevendo o seu valor, e sabedoria.

*Mas*

*Mas para que conta os doy?  
Basta-me dezir que soy  
Catalan , y Portuguez.*

Em muitas obras tem resplandecido a luz scientifica deste Sol da Poezia; porèm nesta Sylva naõ só mostra a sua relevante sabedoria, mas o seu incontestavel valor: quando se confessa mais temente a Deos, entaõ se decanta mais valeroso, e mais sabio; pois o principio de toda a sabedoria he o temor de Deos. Quem com este temor escreve, he muito certo, que em tudo se ajusta com os dogmas da Fé, e com as leys dos bons costumes, merecendo as suas obras eternizarem-se no prèlo. V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, Convento da Boa-Hora dos Agoستinhos Descalços 28. de Agosto de 1742.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

**V** Ista a informaçãõ, pode-se imprimir o livrinho intitulado *Ocupacion en el Retiro*; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 31. de Agosto de 1742.

*Fr. R. Alancastro. Teixeira. Sylva.  
Soares. Abreu. Amaral.*

**DO**

## DO ORDINARIO.

**O**R. P. M. Philippe Neri da Congrega-  
ção do Oratorio, informe com o seu pa-  
recer. Lisboa 11. de Setembro de 1742.

*Sylveira.*

**P**Or mandado de V. S. li o livro, de que  
trata a petição adjunta, e nelle não achei  
couza alguma, que encontre à nossa Santa Fè,  
nem que se opponha aos bons costumes; an-  
tes de crer he, que os curiosos com a lição des-  
te livro facilmente deixarão a de outros, com  
que se costuma perder o tempo, e talvez a al-  
ma. E assim me parece que o supplicante he  
merecedor da licença, que pede. V. S. orde-  
nará o que for servido. Lisboa, e Congrega-  
ção do Oratorio 16. de Setembro de 1742.

*Filippe Neri.*

**P**Ode imprimirse, e depois torne para se  
conferir, e dar licença para correr, sem a  
qual não correrá. Lisboa 18. de Setembro  
de 1742.

*Sylveira.*

DO

## DO PAÇO.

**M** Anda El-Rey nosso Senhor, que o Cosmografo mór do Reino examine o livro, de que se faz menção, e pondo nelle o seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa 19. de Setembro de 1742.

*Pereira. Teixeira.*

## SENHOR.

**O** Livro que V. Mag. me manda ver, intitulado *Ocupacion en el Retiro*, de que se diz Author D. Gabriel Garcez y Gralla, consta de varias Sylvas, em que deve praticar quem no retiro do campo busca o soccego do espirito. Parece-me que não contém cousa alguma contra o serviço de V. Mag. e que he muito digno de se imprimir, pelos importantes documentos, que com agradavel contextura se achão espalhados por toda esta obra. V. Mag. mandará o que for servido. Lisboa 22. de Setembro de 1742.

*Luis Francisco Pimentel.*

e

Que

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra; e sem isso não correrá. Lisboa 24. de Setembro de 1742. *Pereira. Teixeira. Cardeal. Vaz de Carvalho. Costa.*

**E**stà conforme com o seu original. Lisboa, Convento da Boa-Hora de Agostinhos Descalços, 13. de Outubro de 1742. *Fr. Antonio de Santa Maria.*

**E**stà conforme com o seu original. Lisboa, Congregação do Oratorio, 14. de Outubro de 1742. *Filippe Neri.*

**V**isto estar conforme com o seu original, pòde correr. Lisboa, 15. de Outubro de 1742. *Fr. R. Alencastro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.*

**P**òde correr. Lisboa, 15. de Outubro de 1742. *Sylveira.*

**Q**ue possa correr, e taxaõ em 400. rês. Lisboa, 16. de Outubro de 1742. *Pereira. Teixeira.*

IN

IN LAUDEM AUCTORIS

PRECLARISSIMI DOMINI

D. GABRIELIS

GARCEZ Y GRALLA

O F F E R T

DOCTOR JOANNES DE COUTO

DE ANDRADE,

*Juris Pontificij, & Cæsaris professor.*

## EPIGRAMMA.

**S**ic tua Musa sonās cunctorū carmine sensus,  
Exulat obtusos, & capit ingenium:

Nulla quidē, ut, tali recreat modulamine, tanta  
Talis, nec maior fit, Gabriele metro.

Ergo lyram, cantusq, librū quoq, carmina, vatem  
Audito, lauda, perlege, disce, cole.

*El Rev. Pad. Maest. F. N.  
a las dòn cartas de Ergas-  
to, y Galindo.*

DECIMA.

**E**Rgasto, y Galindo, aqui  
Tiene cantado tambien,  
Que ni sê qual, ni tê quien  
Preferirse puede a si:  
Solo sê, solo adverti,  
Que en los dòn, tal igualdad  
Reciproca la amistad  
Describe: sea el laurel  
De sus frentes, su Pinzel,  
En toda una eternidad.



Do M. R. P. o Doutor André Nunes da Syl-  
va , em louvor do Capitão D. Gabriel  
Garcez e Gralha.

**H**E a Poezia hum compendio de Scien-  
cias, donde a Rethorica , e a Consonan-  
cia unidas às clausulas do lógico , e armonio-  
so , são exame aos entendimentos , encanto  
aos sentidos , e elevação aos cuidados. Duas  
são as bazes , em que o discurso fabrica o e-  
legante edificio de huma oração, a Rethorica,  
e a Poetica : mas tanto esta aventajada àquel-  
la , quanto vay das forças naturaes aos esfor-  
ços divinos : *Jucunditas orationis alia Re-  
thorica est , alia Poetica : sed hæc tanto excel-  
lentior , quod præter phaleras cum Rethore cõ-  
munes multa cum affatu divino adhibere vi-  
deretur.* A todos os bens do mundo a ante-  
poem Faustro Andreelino : *Rebus in humanis  
nihil est pretiosior illo , qui sua gorgoneis ora  
rigavit aquis.* Pelo mayor favor dos Deo-  
zes a reconhece Homero : *Talem qualis hic  
est Diis similis in voce.* Immortalidades lhe  
tributa Horacio : *Dignum laudem virum musa  
vetat mori , Cælo musa beat.* Mas porque pa-  
ra o louvor da Poezia são estes , a quem ella  
deu nome , ou como partes suspeitosas , ou

CO-

como filhos interessádos, vejamos o que della nos dizem os Sabios, a quem nunca deveo mais que o affecto. Strabo diz da Poetica, que he huma Filosofia, que deo as primeiras leys à razãõ, que illustrou os costumes, que inculca os affectos, e que com agrado eterniza as acçoens generosas: *Sapientissimi quidam poeticis quidquam elocuti sunt, primam quandam Philosophiam poeticam esse asserunt, quæ ab ineunte ætate nos ad vivendi rationes adducit, quæ mores, quæ affectiones edoceat, quæ res generosas cum jucunditate præcipiat.* Plataõ no liv. 2. da Republica, chama aos Poetas filhos dos Deozes; *in Liside*, de tal modo os admira, que os aplaude por pays, e mestres da sabedoria; no seu *Jupiter* affirma delles, que naõ por arte, mas por divino impulso escrevem seus conceitos, taes faõ as suas palavras: *Musa divino instinctu concitat Poetas.* Acrescenta tambem, que nenhuma outra causa faõ os Poetas mais que interpretes dos Deozes: *Nihil aliud esse Poetas, quam Deorum interpretes dum affantur furore.* Esta divindade Poetica lhes confessou Democrito; Plataõ *in Cratilo* lha confirma; e dos modernos, bem conheceo o seu valor El-Rey D. Affonso de Aragaõ, quando perguntado entre

tre as opulencias de suas riquezas , se poderia haver meyo , para que o visse o mundo pobre ? Respondeo : pobre feria , se a Poezia se vendesse ; dando-nos a entender , que mais que todos os seus thesouros , e Reynos a prezava. Tudo disse o Panormitano no proemio do liv. 3. das acçoens deste Monarcha : *Ab Alfonso Rege cum quidam sciscitaretur quomodo in tot divitiis pauper effici possët ? respondit : si Poetica venundaretur.* Estes, e finalmente todos os que desta sciencia tiveraõ conhecimento, lhe tributaraõ entre as comprehensoens os cultos, entre as experiencias os respeitos.

Sendo pois esta a Poezia, quem como o Capitaõ D. Gabriel Garcês e Gralha, famoso Catalaõ, soube entendella, soube exercitlla ? Quem naõ confessa ao seu *Adonis*, por Adonis de todos os papeis daquelle genero ? Poeta consumado o acreditaõ seus versos ; nas véras, quem mais profundo ? quem mais sentencioso ? nas burlas, quem mais galante ? quem mais chistoso ? nas Comedias quem mais entretenido ? quem mais elegante ? e em todas suas obras, quem mais sciente, quem mais politico ? Sol foy, que naõ cabendo na Europa, illustrou a America, porque a ambos os

mun-

mundos alumiasse com as luzes de seu enge-  
nho. Neste breve, quanto discreto papel da  
sua occupaçaõ retirada, com que hoje digna-  
mente occupa a prensa, nos mostra parte de  
seu talento, e brevemente esperamos nos en-  
riqueça com as muitas obras, que tem com-  
posto; das quaes póde bem fiar, que deixan-  
do suspenza a admiraçaõ, muda a enveja, eter-  
nizem seu nome, e perpetuem sua fama: di-  
go meu sentir lizamente, o qual concluirey  
com este Soneto, que de justiça lhe devo.

*O' tu Gabriel, que dessa estancia inculta  
Descubres las traiciones del engaño,  
Y del sabio ignorado desengaño  
Inculcas la vereda siempre occulta.*

*O' quanto bien al mundo le resulta  
Del alto buelo de tu pluma extraño,  
Puès nos enseñas quanto offende el daño,  
Puès nos declaras quanto el bien abulta.*

*Faról luziente, tu escribir facundo  
Al orbe alumbra, que gozoso admira  
Los rayos de tu ingenio sin segundo.*

*Puès en el metro de tu dulce lyra,  
Si la verdad por ti conoce el mundo,  
Por ti escarmiente el mundo la mentira.*

*A cier-*

A C I E R T O   P R E L A D O,  
 tan docto, como emulado, y perseguido,  
 amigo particular del Author.

D I C I D I D O   e s t á ( I l l u s t r i s s i m o , y R e v e r e n d i s s i m o   S e ñ o r )   d i c i d i d o   e s t á ,   a s s e n t a d o   e s t á   e n   l a   e s c u e l a   d e   l o s   P o e t a s ,   y   P i n t o r e s ,   e l   s e ñ a l a r l e s   p o r   r e g l a s   l i c e n c i o s a s   d e   s u s   p l u m a s ,   y   p i n c e l e s ,   e l   a n t o j o .

----- *Pictoribus atque Poetis*

*Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*

Y aunque destes anchos fueros deviò de ser la causa lo que Ciceron apunta, dedicando la Poesia solo al gusto, excluyendola de la verdad historica: *In Historia veritas observatur, in Poesia omnia ad delectationem spectant*, accion que notó muy bien un ladron cafero, quando dixo

*Exit in immensum fecunda licentia vatun,*

*Obligat historica nec sua verba fide.*

Con todo esso, para la perfeccion de qualquier Poema historico, ès muy justo (segun los que mejor lo entienden) se reprima en algo lo licencioso de tan anchos aranzeles, con la observacion destas dós inexcusables partes: que son, verdad de la misma historia, que se canta, como necessaria al todo  
   f    della;

della, y suavidad, que aun mismo tiempo recree, y aproveche, porque sin lo primero, nõ mereciera nombre de historia la que pretende serlo; y con lo segundo entretienese el Lector, combidandole à repassar los ojos por el Poema, una, y muchas vezes. Assi lo fiente Ludovico Vives: *Haut ignoro (dize) satis esse historie si sit vera, quæ ut reliqua habeat omnia, si veritatem non habet, obtinere nomen suum non potest, sed tamen jucunditas orationis detinet lectorem, ut res illas gestas velit cognoscere, neque id semel.* Que esto de solo poner el fin en deleytar, parando la bisarria de los Ingenios en el adorno, y afeyte de sus versos, nõ dexa de reprovarse: porque solo se laurean, y con pluralidad de votos se canonizan aquellos, que supieron juntar la utilidad con el gusto, la verdad con el deleyte, la doctrina con el passatiempo; cantando agradable, y dulcemente con exemplos, y consejos provechosos a las vidas de los hombres, como enseña Horacio.

*Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,*

*Lectorem delectando, pariterque monendo.*

Destas dos tan effenciales partes, adorno, y verdad, delectacion, y provecho, que en summa viene a ser lo mismo, me valí para

la

la composicion que ofrezco con este mi breve assunto, debaxo de los nombres ficticios de Ergasto, y de Galindo. Para la primera me valgo de dichos, y sentencias de Santos, y Escripura; Authores divinos, y profanos, que tengo visto, y repassado muchas vezes; como Virgilio, Ovidio, Juvenal, Claudiano, Persio, Sanazáro, Paulino Nolano, Prudencio, Silio Italico, Estacio, Bautista Mantuano, Vida Obispo, Pico de la Mirandula, el Cartuxano, Francisco Petrarca, y otros muchos, que nõ refiero. Para la segunda, que ès la verdad, parece-me nõ discrepê della en la menor silaba de todo lo que describo en este historico desvelo de mi ocupado retiro; ni aunque faltára, fuera culpa; por ser Relacion, aunque historica, arbitraria; ò *ad libitum* de quien la describe, ò refiere: tomandome tambien la misma libertad, ò licencia para dividir la obra en Ramos, pudiendolo hazer en Capítulos, Paragrafos, Cantos, ò otras divisiones acostumbradas por diversos Authores, conforme el paladar, gusto, ò capricho de quien escribe. Con que a mi parecer cumplo con las dós partes, que nos amonesta el Arte. Porque si este, segun Aristoteles, ès un habito de hazer con razon,

y regla alguna cosa, y segun Santo Thomás una recta razon de las cosas factibles, y segun los modernos una recopilacion de preceptos, y reglas, que con orden, razon, y estudio nos encaminan a algun fin: claro está, que guardando los dós referidos puntos de Horacio, que nos conduzen al fin de aprovechamiento, en nada nos apartamos del Arte; mayormente cõformandonos con su significado; que Arte dixo-se *ab Arctando*, que significa estrechar, segun Covarrubias, y San Isidoro, porque el que la professa, se estrecha, y ata a los preceptos, que le impone el mismo Arte. Y assi nõ ès Arte segun Seneca: *Quia ad effectum casu venit*, sino la que se executa con orden, y particular estudio: como lo si-  
enten Aristoteles, Quintiliano, y Vegecio. El qual Arte se requiere tambien, para ser toda Poesia perfecta, otras quatro condiciones, que son, clara, sonora, dulce, y compendiosa; nõ sé si en esto havré acertado en algo en la mia: porque raros son, pocos son los que con tales perfecciones pudieron llegar a la osadía de Garcilaso, quando cantó.  
*Por vós me llevará mi osádo passò,*  
*A la cumbre difficil de Helicon.*  
Solo sé que desseé acertar en todo, y que tra-



trabajé nó poco para alcançarlo ; acómo-  
dando-me quanto pude , más a lo com-  
pendiofo , y claro , que al estilo de aquellos,  
a quien llama el tiempo , cultos , ò occul-  
tos , criticos , ò metaphoricos ; heréges de su  
propio Idioma , y peste universal del Arte a  
pefar de quien quisiere tolerarlo : porque si  
la Poesia fuè prohijada al Sol , fuè para dar  
a entender , que como el mismo padre de las  
lumbres havia de ser clara , y resplandeciente ;  
que la que nó lo ès , nó ès Poesia , enigma  
ès ; ni se alabe de que tiene su ascendencia en  
el Sol , si nó en alguna Esphinge. Han dado  
en usarse ciertas tropelias en los versos ( co-  
mo yà lo notò Montalvan en su *Para todos* )  
que nó consiste su credito en la profundidad  
de la sentencia , sinò solo en el afeyte de la  
consonancia ; contagio , que se há pegado a  
muchos , cuyas locuciones bastardas nó tie-  
nen más valor , que la hazañaria de quien las  
dize , acabando de golpe , ò porràzo , que nó  
sirve de más , que para hazer cosquillas a los  
oydos , engañando , como con cascaveles de  
azofar , a los que poco entienden , y presumen  
mucho. Pintòlo divinamente Lope en una  
de sus elegantes Canciones , donde dize ha-  
blando desta materia

*Bien*

*Bien ès verdad , que temo el luzimiento  
De tantas methafificas violencias ,  
Fundado en aparencias ,  
Engaño , que haze el viento  
( Herida la campana ) en el oydo ,  
Que parece concepto , y ès sonido .*

Nò menos escusé todo genero de equivocaciones , a quien llaman los Latinos Ambiguidades ; y los Griegos , Dilógias : que aunque en verdad , fon partes fazonadas para el deleyte , con todo dexo de valerme dellas en este assunto por fer más apropiadas para versos de menores silabas , Liricos , y Epigrammaticos ; como entre los Castellanos se nota más vivamente en el agudissimo Quevedo , quando dixo en uno de sus Romances .

*Enfriose de enfaldarse*

*Muy amenudo las sayas ,*

*De cubrirse , y descubrirse ,*

*Siendo cosas tan contrarias .*

Nò menos entre los Cathalanes se usa este donoso lenguaje . Yò menor de todos ellos , segui el estilo en mis Lemosines Romances , quando dixi de un cierto sugeto , que aun mismo tiempo pretendia esposa , y sollicitava un Abito de Montesa .

*En-*

*Enfadat te lo concell,  
Y al amor enfada tant,  
Que crusat nò tindrà el pit  
Sens tindre el rostro crusat.*

*Perque el Pare de la mofa  
Me diven que jurat ha  
De darli la creu en leña  
Que pot lo concell en drap.*

Y entre los Latinos (aunque nuestro tambien por ser Aragonès) el que màs tirò la barra en esta materia ambigua, fue el Bilbilitano Marcial; particularmente en aquel Epigramma fuyo, escrito a cierto Advogado, llamado Hircio, que siendo gran comprador de libros, era tambien mal logrero de la mercaderia de su muger. Dize el Epigramma vertido en nuestro Idioma desta suerte:

*Su muger vende, y inportuno  
Libros compra, si avariento  
Vende un cuerpo, y compra ciento,  
Logro ès de ciento por uno.*

*Bien de ser docto le viene  
Con libros tales, puès quantos  
Hircio tiene, aunque son tantos,  
En la cabeça los tiene.*

Nò emperò pude dexar de admitir lo docturnal, y picante moderado, a quien la Pleble

ble vulgarmente gradúa por fatirico, reprovando el intento de quien assi lo platica; engañandose nó poco; porque fatirico se llamó propriamente aquel estilo, que aunque llevaba siempre su fin a la reprehension de los vicios, mezclando burlas con veras, fue emperò condenado justamente por representarse en bayles jocosos, y deshonestos, y otras jesticulaciones ridiculas; refiriendo-se comunmente en persona de algun Sàtiro, de quien este genero de Poesia adquirió el nombre, como todo se deduze de Lilio Giraldo, Julio, Scaligero, Atheneo, y otros, que tratan de los generos Mímicos, y Mímographos. El que acá seguimos, ès censorio, à imitacion de Horacio, el qual lo tomó de Lucilio, a diferencia de Pacúvio, fuentes ambos de los dós generos fatiricos, cabeças ambos destes dós estilos diferentes, y diversos entre si, como en los preludios al Satirico de Petronio Arbitro lo apunta Don Joseph Antonio. Y en este solamente se esmeraron siempre los ingenios, dirigiendo sus Poesias con igual favor, y estructura de versos escritos a Príncipes, Señores, y familiares Amigos; deslifsandose à la censura de las costumbres de los hombres, por solo natural dictamen, que los  
diri-

dirige, sin más dirección de reglas, ni preceptos que los referidos; porque el respeto, a que mira este relevado estilo, ès que con la parte (conviene a saber) que deleyta, tambien contiene la que por su utilidad está en tanta estima; castigando, y pretendiendo corregir las costumbres dañadas, con dissimulacion artificiosa, y mañoso engaño, puès tantas vezes el que llega a la golosina del dezir sazonado, donoso, y elegante quedará, sin cuidarlo, advertido, y enmendado alguna vez de los defectos, y yerros, que siendo-le muy propios, nõ los conocia; logrando-se felizmente entre la valentia del dezir, y suavidad graciosa, que regala los oydos, aquel gran punto, y encarecido maridage, que inculca Horacio (que yà tocamos) de lo util con lo dulce: como entre los más profesores deste estilo, se mira más propriamente platicado en Persio, Juvenal, San Fulgencio, Tertuliano, y el famoso Epigrammatario Valerio, de quien procuro observar, quanto puedo, la regla de aquel su moderado Epigramma.

*Hunc servare modum nostri novere libelli,*

*Parcere personis, dicere de vitiis.*

Que en nuestro Idioma suena lo mismo que si dixera ,

*Esta templança ha observado*

*Mi Musa siempre , perdona*

*El ofender la persona ,*

*Solo castiga el peccado.*

Y si bien sé que trabajo en balde para la verdadera imitacion de tan relevados numeros, y primores tan superlativamente grandes, con todo, estoy muy cierto, de que nõ me quedará poca gloria con pertender imitarlos, porque *in magnis voluisse satis*. Y segun esto nõ ferà puesto en razon, se me atribuya a particulares fines, ò personas, lo que solo dirijo a la generalidad de los vicios; y aun plegue a Dios, que con advertirlo assi baste, para que lo dexé de hazer la cavilosa malicia, como acostumbra en todos mis escritos, y aun en mis pensamientos, coloreandolos a su favor, y alvedrio como ès notorio: y lo peor ès, que siempre halla Almonecillos con sus Amenes, tan prontos, como se los tuvieran de pensado. Plaga ès esta yà tan comun, enfermedad tan pegajosa, q̄ contado ès el que desta puede escaparse; raros son los que acompañandose con esta Hidra de siete cabeças, dexen luego, luego de vestirse de la color

lor de su librea; V. S. me escuse si le pare-  
ciere molesto en la materia, que tan sin pen-  
sar hà venido a las manos para tocarse, que  
aunque parezca digression, puès viene acuen-  
to, nõ puedo dexar de hazer algun reparo,  
que sirvirà de parentesis a la materia que tra-  
to, y assi digo que. Nõ sé que razon havrá  
para que los enfermos hagan enfermos a los sa-  
nos, y los sanos nõ hagan sanos a los enfermos?  
Esto ès (pergunta un discreto) porque se péga  
la enfermedad, y la salud nõ se péga? Respon-  
de-se que la salud de uno nunca ès tanta, co-  
mo la enfermedad de otro, y con màs faci-  
lidad se muda, y se convierte lo que ès me-  
nos en lo que ès màs, que lo que ès màs, en  
lo que ès menos. Raras vezes la virtud de  
uno ès tanta como la maldad de otro, y  
por esso el virtuoso, el bien intencionado se  
estruga, se corrompe ordinariamente con el  
malo, y con el malicioso. Y este ni se mejo-  
ra, ni se enmienda con el virtuoso, y bien in-  
tencionado. Divinamente lo comprendiò  
en breves sentencias el antigo, y sentencio-  
so Sá de Miranda, quando dixo

*O bem naõ he como tinha,*

*Naõ se pega taõ azinha*

*O mal pôde ser que sim.*

Tan grande ès la fuerça de las malas compañías, que si el hombre que tuviesse el cuerpo muy seguïdo, y derecho, anduviesse mucho tiempo con Corcovados, ès indubitable se haria Corcovado como ellos: temeridad parece, puès a fé que nõ ès finò verdad muy pura; vease como. Los Corcovados comunmente son de menor estatura que los otros hombres, para hablarles desde cerca, ès menester baxarse, y engoviar el cuerpo; al que hablasse muchas vezes con ellos, la costumbre de estar mucho tiempo doblado, le dexaria doblado para siempre: que si las costumbres torcidas se acompañan con las derechas, que mucho que las derechas se hagan torcidas? O' quanto puede la malicia! O' quanto la malicia enbuelve! Mas veamos que cosa ès malicia: esta, dize San Juan Climaco, ès vicio que està en la naturaleza, mas que nõ està en ella naturalmente; porque nõ ès Dios criador de vicios, de virtudes si, naturales en el hombre, como la caridad, la limosna, la compassion, y la fidelidad, que todo esto se halla aun entre Gentiles. Segun Platon, la malicia ès enfermedad del Alma. Segun Euripides, ès torpeza en el hombre. Segun Plutarco, ès el mayor arti-



artifice de la infelicidad , y miseria ; segun Stobeo , siempre tiene por oficio de encubrir la invencion de la maldad , y engaño. Segun Ciceron , siempre tiene mejor entrada para adquirir amistades , que la virtud. Segun Erasmo , las màs vezes obra màs con los malos , que el favor con los buenos. Segun Lactancio , ès de tal calidad , que aunque estè entre pocos , inficiona a muchos. Segun San Agustín , ès maldad , que nõ puede florecer por largo tiempo ; y segun el mismo Santo , como el bien solo se haze de Dios , assi la malicia la hazemos de nõs otros mismos. Bien está lo referido para conocer que cosa ès malicia : mas yo digo que malicia ès lo mismo que respiracion : la qual , siendo una misma siempre , tiene dos afectos contrarios ( como lo toco Zavaleta agudamente en uno de sus Problemas ) que son , calentar lo frio , y enfriar lo caliente : por esto si nos respiran cerca del rostro en el Invierno , sentimos calor ; y si en el Verano , sentimos frio. Assi la malicia haze bueno lo malo ; y haze lo malo bueno. Vé la malicia el vicio , la maldad , el embuste en el Amigo , pariente , ò aficionado ; llega , y con las palabras lo ablanda , lo dora , y con la lisonja todo lo desvanece.

nece. Vé la virtud en el inimigo, en el opuesto, ò poco afecto; a puros argumentos se la convierte en tacha, y se la pone en poco espacio de color de defecto. Alabar las culpas, dizir bien de los vicios, ès dexar quasi irremediabiles a los que los tienen; porque nadie teme hazer lo que nõ le acusan, y qualquiera haze con desfáhogo lo que le aplauden: y estò ès con la respiracion calentar lo frio, estò ès con la malicia hazer de lo malo bueno. Hazer burla de las virtudes agenas, escarnecer de las habilidades, nõ solo se defiguran, si nõ se malquistan tambien con quien las tiene: naturalmente siente el hombre el desprecio, por ser animal muy altivo; al que há hecho alguna cosa loable, si vé que se burlan della, si la mofan, si la escarnecen, se le turba con la verguença el entendimiento, y piensa que el obrar bien ès ridiculo; y si nõ está muy arraygada con el la virtud, la trata de allí adelante con estrañeza: y esto ès con la respiracion resfriar lo caliente; esto ès con la malicia hazer de lo bueno malo. E's tan platicado este estilo, particularmente en este Paiz, que dudo hallarle otro mas apropiado dibuxo, que el presente. Con que para digression lo referido basta; y  
bol-

bolviendo a añadir el hilo de nuestro asunto, digo que ni tan poco se me ponga objecion a lo supuesto de los dos nombres referidos de Ergasto, y de Galindo; pudiendo declararse el mio, y el de mi Amigo, como propietarios dueños de ambas Silvas: porque trillada está la senda, trivial está el camino por donde Griegos, Latinos, y aun los nuestros, me dan la mano para seguirles. Vease la cantidad de Albanos, Belardos, Anfrisos, Fabios, Lucindos, Celios, Medoros, Lauras, Clavelas, Anardas, Rosauras, Lifis, Belifas, Isbelas, y otros muchos nombres, que entre Italianos, Franceses, y Españoles, solo sirven de manoseados rebozos de bien diferentes sujetos. Emanò como de nativa fuente este yà corriente arroyo de la antigua Escuela de los Griegos; como se puede ver en Meleágro, Philodemo, Paulo Silenciaro, y otros diferentes, que para mascarar de los sujetos de quien escrivan, se valieron de los nombres de Heliodoros, Zenophilos, Rodopes, Typheras, Sophias, Chrisophias, y otros semejantes. Descendiò la corriente destas aguas Griegas a explayarse por el anchuroso campo de los Latinos, de tal suerte, que se inundaron sus

ve-

vegas con tanta fertilidad como se vé por toda la varia leccion de la humana literatura. Sea desto el más fiel testigo el enamorado Ovidio , Maestro insigne del arte , y nó ferà otro que lo conjecture , nó ha de ser otro el adivinador , que lo pronostique , finò el mismo que lo assegura de si proprio , quando dize que fuè cantada de sus versos Corîna por todo el orbe , pero que nó era aquel su proprio nombre.

*Moverat Ingenium totum cantata per orbem,  
Nomine non vero dicta Corîna mihi.*

Y realmente fuè assi , que Corîna nó era el nombre de aquella por quien el cantava , y padecia juntamente ; que esta fuè Julia Infanta deshonestâ , hija de Augusto , como de Sidonio Apolinar se colige. Tambien Catûlo para celebrar a Clodia , le reboçò el nombre en Lesbia. Propercio trocò el apellido de Hostia en Cintuya para dissimularlo. Y Tibulo resonando sus versos en Delia , solo se dirigian a Plania , a quien amava tiernamente. Puès si dieramos una vista a los modernos aguadores del Parnaso , digo a los Poetas de nuestros tiempos Lope , el Tasso , Ariosto , el Bembo , Sanazaro , el Retor de Valfogona , y otros muchos , que fingimientos de

de nombres dexarán de hallarse? A vista pues de Dogmatistas tan grandes, no menos que temeridad fuera, (y no pequeña) juzgar por yerro el reboço de los referidos nombres de Ergasto, y de Galindo, que en estas mis Silvas propongo, mayormente siendo la imitacion tan permitida, como se ha visto. Pero quedame aun que reparar en esto, que llaman imitar a los antiguos, una observacion hasta aqui advertida de muy pocos: particularmente en las invocaciones, que comunmente, segun arte, hazen los Poetas en las introducciones de sus obras. Pongo por exemplo (como ya lo tocó Barreda en su Trajano) Quiere tratar Virgilio en sus Georgicas de la cultura del campo; y creyendo que el Dios Pan, Silvano, y otros le tenian a su cargo, invoca-los para tratar del con más acierto. Si yo tratando agora de enseñar la Agricultura, invocara estes mismos Dioses, no creyendo, como realmente no creo, que son dueños deste cuydado, cierto está, que no imitaria a Virgilio; porque si el los invoca, si les pide favor, es porque piensa, y creé que se lo pueden dar libremente: yo sé que ninguno dellos puede darme-lo, luego no les pido favor, no los in-

h

voco.

voco. Piden oy los Predicadores gracia a quien saben, que está llena della, si nó lo entendieran assi, claro está que nó la pidieran. Con que afecto Claudiano, habiendo de describir el robo de Proserpina, pide a Pluton socorro para relatar los horrores de la Isla tenebrosa? Creía el, que Pluton era el dueño del favor, y socorro, que pedia, y quien le pudiera disculpar de yerro, finò lo creyera? Invocaron los antiguos a Apolo, para pedir furor divino, y fuè, porque creían, que lo repartia. Màs nós otros hemos desembozado su crudelidad; nó podemos hazer lo mismo: mejor lo hizieron Alcimo, Avito, Jubencio, Aurelio, Prudencio, Paulino, Damaso mi patricio, y otros, que habiendo de pedir favor para sus versos, invocavan a Dios. Poetas son estes, y excelentes Poetas; Fabulas saben, mas tienen prudencia, y reparan en lo que dizen. Esta ès imitacion propriamente, que si los antiguos pedian socorro a quien entendian, que lo repartia, pidamos-le tambien nós otros, a quien entendemos, que lo reparte. Razon por quien, apartandome de tanta cantidad de Apolos, Minervas, Martes, y Joves, cuyas mentidas Deydades tiene introduzido el abuso, para tanto absurdo,

do, solo a la siempre Virgen Madre, divina Musa del más soberano Apolo, invoco para mi socorro; pues sé, que puede negociarme-lo: que de no menos grande auxilio necesita, el que escribe para la perpetuidad del molde. Mayormente constando-me, que reprehende Horacio por defectuosa la Poesia, que no estuviere anciana en sus borriones; revista, y remirada muchas vezes, y aun llena de correccion, y enmiendas.

*Carmen reprehendite, quod non*

*Multa dies, & multa litura coercuit, atque*

*Perfectum decies non castigavit ad unguem.*

Porque en tanto que no sale la Poesia a luz, en tanto que no se expone a la comun censura del vulgo, puede limarse, corregirse puede, y aun borrarla, por no dexar que borrar a otros; pero divulgados los versos, son como la palabra, que una vez suelta, no ay bolverla donde tiene salido.

*Membranis intus positis, delere licebit*

*Quod non edideris, nescit vox missa reverti.*

Yo confieso de mi, haver delinquido no poco en esta parte; pues apenas concebí, y aun apenas se vió embrion esta retirada ocupacion mia; quando parto, o por mejor dezir aborto, se manifestó a muchos, pero con al-

guna desculpa ; y fuè , nò intentar llegassè a màs su noticia , que a la del Amigo , a quien desde mi hazienda , ò retiro , la escriví , fingiendo responder a su supuesta carta. Mas como deste passò la comunicacion a otros bien distantes , con algunos traslados , fuè-me forçoso recoger los que pude , yà que nò me fuè possible todos , para que falliendo agora màs digna de ser vista , pueda remitirse con màs acrescentamiento a la Prensa , sinò màs ilustrada con la enmienda. Esta pretendo alcançar con la correccion , que V. S. fuere servido apuntarme ; que como luziente Apolo de ambas facultades , tiene acertadissimo voto para todas : y particularmente en esta , que si bien me acuerdo , viendo V. S. mi Adonis tragico yà impresso ; y nò haviendose venializado en el , màs que una sola falta , si ès que este nombre se puede dar al descuydo unico de una mal sonante palabra ( felicidad grande ! ) con todo , fuè tan perspicaç Lince V. S. que nò le passó por alto , apuntandome-la , como con el dedo. En este puès limitadillo volumen , tendrá V. S. màs que enmendar , nò lo dudo ; que aunque sé tiene algo de bueno ( que por malo que sea el libro , lo tiene , segun Tulio ) tam-



tambien me consta tiene algo de mediocre,  
y malo mucho. Que assi se hazen los libros,  
componiendose todos destes tres generos, y  
nò de otra manera, como el siempre cele-  
bre Marcial lo advierte a Avito en uno de  
sus Epigrammas.

*Sunt bona, sunt quædã mediocria, sũt mala plura*

*Quæ legis, hic aliter non fit, Avite, liber.*

Que en Romance Castellano ès lo mismo  
que dezir

*Algo leerás bueno aqui,*

*Algo mediano, yà escucho,*

*Avito, que hay malo mucho,*

*Pero el libro se haze ansi.*

Los màs de los libros, bien se sabe, nò se  
ignora son trasladados unos de otros; pero  
cada uno de por si (aunque se assemeje a los  
otros) ès otro: porque las palabras los trans-  
forman, ò la novedad del estilo los diferen-  
cia: de oro, perlas, y diamantes se hazen  
muchas joyas diferentes; pero cada qual del-  
las, ès oro, perlas, piedras, y diamantes. Y  
si por la materia pierden la novedad, por la  
forma la grangean. Doy, que las sentencias  
repetidas (dize un galante ingenio de nuef-  
tros tiempos) nò hiziera la variedad de las  
palabras otras sentencias; eran muy dignos  
de

de estimacion todos los libros de buena enseñanza ; porque naturalmente somos muy olvidadizos de lo que nos importa , que ès menester dezirnos-lo con infinitas bocas , con innumerables plumas , y otras tantas lenguas. Y tan lexos estoy de creer , que sobran las verdades repitidas en los libros , que las echo menos en las Paredes ; en todas avian de estar escritas , para ser leídas en todas : porque lo bueno en qualquier parte que esté , nõ ès justo se condene por superfluo. Y esto supuesto cercenando agora lo que en este mi mal limado desvelo huviere ( que entiendo nõ será poco ) revisto , y emendado por V. S. podré con más segura confianza prostrarle a los pies del Dueño de mis acciones , a quien como a inviolable precepto de mi obediente alvedrio , humildemente dedico : en tanto que adelgazando el tosco corte de mi pluma , fále tambien a luz mi Hiberica Primacia , para mendigar alientos generosos ; y merecer reconocidos favores del patrocínio grande , que yà logro , sin los que más en particular espero de V. S. de cuya Afabilidad heroyca , Agradó suave , Cortezia atenta , Prudencia rara , Justicia recta , Letras ilustres , Virtud solida , Sangre calificada , copiara aqui en breves lineas

neas dilatadas excelencias, si como la verdad lo pide, la fama lo publica, y mi deseo me dá impulsos para hazerlo; nõ me lo impidiera el temor de ofender la mucha modestia, de que tanto se precia V. S. siendo a pesar de tanto soplo, a pesar de tantos vientos, Columna, Pyramide permanente de la Catholica Iglesia, que expuesta siempre a la inclemencia del tiempo, al rigor de mil atrevidos contrastes, siempre firme, siempre solida, y siempre en si misma permanece tan constante, que parece que solo por V. S. se fabricó aquella gallarda Empresa, que trae Camilo Camili de la Pyramide combatida de diversos vientos, con el titulo de *Immota manet*, que aunque applicada a cierto amoroso intento por su primero artifice, son emperó tan a nuestro intento, y tan sonoros sus versos, que nõ pude acabar conmigo el dexar de recitarlos en su propio Idioma, por nõ privarlos en algo de su materna elegancia.

*Quale al soffiare de piu rabiosi venti  
Salsa eccelsa Pyramide non cede:  
Má, come se spirasser lieve, e lenti,  
Immota star si in contro à lor si vede:  
Tal di fido amator non fieno spenti  
Gli ardori, enon ritrage in dietro il piede*

*Ben:*

*Ben che vento di sdegni, o de altri danni,  
Farlo a terra cader molto s' affani.*

Dios guarde a V. S. con los acrescentamientos, que fus más aficionados fervidores, y verdaderos Amigos le desean, para que conozca el mundo, lo que su persona, lo que su talento vale, bien como la campana, que *Percussa valet.* Deste retiro, Enero, a 8. de 1667. annos.

**De V. S. que s. m. b.**

*Don Gabriel Garcez y Gralla.*

FRANCISCO DE MELLO, Comendador de São Pedro das Gouveas, e de São Martinho de Pinhel na Ord. de Christão.

Antonio Telles da Silva, Senhor de Ficalho, Comendador de Santa Maria de Veatodos, Mestre de Campo General dos Exercitos de S. Magestade, com o Governo da Artilharia do Exercito, e Provincia de Alemtejo.

Fernão Telles da Silva, segundo Marquez de Alegrete, terceiro Conde de Villar-Mayor, Comendador de Rio Mayor, Embaixador a Alemanha.

Manoel Telles da Silva, primeiro Marquez de Alegrete, e segundo Conde de Villar-Mayor, Regedor da Justiça, do Conselho de Estado, &c.

Fernão Telles da Silva, I. Cõde de Villar-Mayor, Regedor da Justiça, Governador das Armas de Trás os Montes.

Luis da Silv. Tel. Alc. mór, Com. da Cea, Gov. da Rel. do P. Mord. m. de Caz. R. Vead. da faz. do Cõf. de M...

João Gomes da Silva, Com. da Vil. de Seda, na Ord. de Aviz, Embaix. a Franç. e Roma, Vead. da Faz. do Conf. de Est.

Dona Guiomar de Noronha, filha de D. Lopo de Almeida, Capitão mór de Sofala.

D. Guiomar de Faro, Senhor do Vimieiro, bisneto do Duque de Bragança, D. Fernando II. de nome.

D. Rodrigo Gomes da Cunha, Copeiro mór del-Rey D. João III. e de El-Rey D. Sebastião.

D. Tereza Jozefa de Mello.

Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, Comendador das Comendas de Santa Maria de Veatodos, S. Pedro das Gouveas, e S. Martinho de Pinhel, na Ordem de Christo, Mestre de Campo General, Governador das Armas da Provincia da Beira.

Pedro de Mello, Governador do Rio de Janeiro, do Conselho de Guerra del-Rey D. Pedro II. Mestre de Campo General.

Francisco de Mello.

Pedro de Mello.

D. Luiza Pereira.

D. Rodrigo Manoel, Comend. das Alcaçovas.

D. Catharina de Castro.

D. Philippa de Castro.

D. Ignez Francisca de Tavora, primeira mulher.

D. Diogo de Menezes, Comendador de Vallada.

D. Joaõ de Menezes, Comendador de Vallada.

D. Joaõ de Menezes, Comendador de Vallada.

D. Maria da Sylva.

Ruy Pires de Tavora, Reposteiro mór.

D. Philippa de Vilhena.

Martim Affonso de Oliveira, S. Jo. Morgad. de Oliveira, e Patameira.

D. Elena de Castro.

D. Isabel Jozefa Breiner de Menezes.

D. Jozè de Menezes, Senhor do Morgado de Patameira, Veador da Rainha D. Maria Sofia, Governador da Torre Velha.

D. Diogo de Menezes, Comendador de Vallada.

D. Magdalena de Tavora, segunda mulher.

D. Philippa de Vilhena.

Martim Affonso de Oliveira, Senhor dos Morgados de Oliveira, e Patameira.

D. Elena de Castro.

Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgad. de Caparica.

D. Maria de Lima.

D. Maria Barbara, Condessa Breiner, Dama Camarista da Rainha D. Maria Anna de Austria.

Filippe Ignacio, Conde de Breiner.

Clara Cicilia, Condessa de Nogarola, segunda mulher.

Fernando, Conde de Nogarola.

Anna Maria, Baroneza Livre de Hafsamburg.

Anna Maria de MinKovvitz.

Sigifredo de MinKovvitz.

Maximilla AinKurnin, f. de Jorge, B. de AinKurnin.

Sigifredo B. L. de Breiner, Conf. de Est. dos Empp. Maximil. II. e Rudolf. II. Camar. e Presid. da Austria Inferior.

D. Isabel, Condessa de Breiner.

Ernesto Fridrico, Conde de Breiner.

Anna Dorothea, Condessa de Stharenberg, segunda mulher.

Erasmio, B. de Stharenberg.

Isabel, B. de Vveiffenvvolf.

Vvolfgang Alberto Notthafft de Vvornberg.

Isabel de Konigsfeld.

Jorge Henrique, Dinasta de Zintendorf.

Leonor, Senhora de Konigsberg, primeira mulher, f. de Henrique de Konigsberg.

D. Maria Eufobia, Condessa de Notthafft de Vvornberg.

João Henrique, Conde de Notthafft de Vvornberg, Conselheiro, e Camarista de S. Mag. Imperial.

Isabel, Condessa de Zintendorf, 2.ª mulher.

Isabel de Konigsfeld.

Jorge Henrique, Dinasta de Zintendorf.

Leonor, Senhora de Konigsberg, primeira mulher, f. de Henrique de Konigsberg.

David de Teuffenbach.

Maria Maximiliana de Teuffenbach.

Maria de Enzerstorff, f. de Vvolfgang Christovão de Enzerstorff.







# CARTA

## De Ergasto a Galindo



L desatado sonorofo argento,  
 Que liquida Tiorba el payimiento  
 Del prado lisonjea ;

Aumentando el adorno de Amalthea ;  
 Tahali de plata , que en cristal deshecho,  
 Cruza del campo el floreciente pecho ,  
 En derritido espejo contemplava  
 Potamides esquivas ,  
 Napèas fugitivas ,  
 Flechas de plata , que disparan montes ;  
 Despeñados aljofares Faetontes ,  
 Que arrojandose al valle sus vigores

A

Inundan

## 2 *Ocupacion*

Inundan yervas , y atropellan flores.

Alli sollicitava ,  
Entre cambiantes de nevada espuma ,  
Alivio a mis tristezas , y pesares ;  
Si en numerosa suma ,  
Vencen las olas de profundos mares :  
Que ausente , amigo mio ,  
De vuestro dulce trato ,  
Viendome solo , confusion forçosa ,  
En este amargo Rio ,  
Que aunque abomino , por vivirle , acato ,  
Passo vida penosa ,  
Sin teneros presente ;  
O' mi querido ausente ,  
O' mi dulce Galindo ,  
Mitad del alma , que ala vuestra unida  
Muere , y vive la mia , pues nó hay vida  
Sin vós , que lo parezca ,  
Por mas que estabelesca  
Este vital aliento ,  
Que dà a mi ser humano movimiento.

Pues sin vós , caro Amigo ,  
Soy como Estatua viva ,  
Animado Esqueleto ,  
En quien la forma solamente estriva ;

Que



# En el Retiro.

3

Que faltando en efecto  
A mi ser, la mitad, depositada  
Ala Ara dulce de Amistad sagrada,  
Solo por accidente  
Podrè vivir, nò estando vòs presente;  
Que en vòs, en cierto modo,  
Nò solo la mitad, faltame el todo;  
Y nadie vivir puede, esto ès lo cierto,  
Hallandose en un tiempo vivo, y muerto.

Sea desto testigo,  
El nò hallarme sin vòs, ni estar conmigo;  
Ya el sentir todos vuestra amarga ausencia;  
Però con diferencia,  
Que los amigos sienten el nó veros,  
Asistiros, oyros, y teneros;  
Los enemigos, y emulos perverlos;  
Y aquellos, que sabeis que son adversos,  
Sienten les falta en vòs tanta doctrina;  
Ciencia peregrina;  
Preceptos excelentes;  
Conceptos eminentes,  
Que aun q̄ la embidia, que alo excelsò atiende,  
Y de agena virtud siempre se ofende,  
Trabajó em barajarlos,  
Procuró dislustrarlos,

A ii

Y

Yà agora en vuestra ausencia , aun que le pesa,  
Aplaude , sollicita , y los confiesa :

Mas que mucho , si son vuestros escritos  
( A un que con exquisitos  
Modillos ) aplaudidos ,  
Y a todos preferidos ;

Que si hay quien lo contrario aun porfia  
Segundo Policiano ,

Aristarco inhumano ,

Zoïlo maldiziente ;

Alaba , en nó alabaros , claramente :

Que es grande alevosia ,

De noche consultar , negar de dia ;

Pues quien con mas harpones

Heriò vuestros escritos , y renglones ,

Esse mismo , imitandolos , declara

Lo que quiere occultar màs ala clara :

Permitalo assi pues el que os imita ,

O dexa de imitar , o lo permita.

El que loco os llamava ,

Aquel que por fin juicio os publicava ,

Ciego con sus rencores ,

Como quien juzgar puede de colores ,

( Que es lo que aun consta en un papel firmado ,

Que el odio confirmò reconcentrado )

Yà

# En el Retiro.

5

Yà trocando el estilo,  
Sigue la fenda con mas docil hilo  
De tanto Laberinto,  
De tanta confusion, Babel sucinto;  
Y halla-se el desengaño  
Del paliado daño,  
Que el fiero Minotauro,  
Tocado de la peste, que dió a Aglauro;  
Introduxo feroz con tirania,  
Desde el folio del mando, que regia;  
Cuya simulacion Amphicibena,  
Por entrambas cabeças se condena;  
Que *Occultum nihil esse finit*,  
*Latebrasque per omnes intrat*  
*Et obscuros explorat fama recessus.*

Todos en fin conocen

Lo que la emulacion puede, y la embidia;  
Que por mas que el rancor barbaro lidia,  
La verdad sacrosancta,  
Tanta Lechuza, Lucifuga tanta,  
Por mas que se arrebozen  
De mil simulaciones,  
Estirpa con sus luzes, y razones;  
Bolviendo en refulgentes  
Las nubes, que insolentes

Ex.

Explayô el vil desdoro  
 Contra el mayor decoro ;  
 A cuyos claros rayos ,  
 Padecen ya desmayos ,  
 Faltandoles el brio ,  
 Que adquirieron de un ciego señorío ;  
 Cuya barbara altura  
 ( Si su altivez se apura )  
 Vendrà ( si bien atiende a su aspereza )  
 Del mayor colmo a la mayor baxeza.

Esto es , Amigo , lo que acà se passa ;  
 Y esto , lo que se atina en esta plaça ;  
 Nó es poco , no , atinarfe ;  
 Que como acà se mira con antojos ,  
 Nò son las cosas , como ven los ojos :  
 Exemplo sea el hierro , que dorado ,  
 Oro parece puro , aquilatado ,  
 Nò siendo mas que hierro : assi succede  
 En lo demàs que el mundo nos concede ;  
 Que donde la mentira reyna en todos  
 Padece la verdad de muchos modos ;  
 Y atropellando el vulgo las acciones ,  
 En lo que de si es claro , ay confusiones  
 Tantas , que es barbarismo ,  
 Provocando un abismo , a otro abismo.

Mas

# En el Retiro.

7

Mas bolviendo a mi curso,

( Por nò ser demasiado este discurso,

Ni a materias remotas se reparta,

Transgrediendo limites de una carta )

Desde que a cà faltasteis,

Y el alma me llevasteis,

Dexando-me tan solo;

Todo es faudades, y penurias todo;

Que en nada me acomodo,

En todo hallo encuentro,

Que donde el alma està, tengo mi centro.

Escrevid-me, Galindo,

Como passais en essas soledades,

Villas de troncos, de arboles Ciudades:

En esse fiel retiro,

Con quien distes al vulgo el màs cruel tiro;

Pintadme vuestra vida,

Que tan en esses boiques està unida,

Dezidme el exercicio

Que teneis cotidiano;

Templad la pluma, cincopad la mano.

Bolved a vuestro officio

Emmudeciendo el arte

En todo, màs que en parte:

Diganlo vuestras Musas,

Si

Si hasta aqui retraidas , no confusas :  
 Descolgad vuestra Lira ,  
 Que ha dias que suspensa no respira ;  
 Cuya metrica voz , cuyo canoro  
 Assento numeroso ,  
 (Perdone aqui el decoro ,  
 La modestia perdone que es forçoso)  
 Sinò iguala al de Tracia , al mismo assombra ;  
 Assombra aquel que pasmos dió a Aquerontes,  
 Parando rios , y moviendo montes.

Si bien para escrivirme ,  
 Si bien por referirme  
 En que passais los dias ,  
 Y que las horas nó correis baldias ;  
 Nó quiero , nó , cansaros ,  
 Preveniros , ni emplearos  
 A taréas mayores ,  
 Aunque sean las vuestras superiores ;  
 Que como a mi me consta  
 La gran facilidad de vuestra pluma ;  
 Y numerosa suma  
 De varios consonantes ,  
 La vena affluente , graves assonantes,  
 Nó ferà mucho , Amigo ,  
 Me escrivais algo más delo que digo.

# En el Retiro.

9

Affí que nõ es dislate,  
Ni es menos disparate  
Dexaros de pedir asuntos breves;  
Ni los discursos leves;  
Antes todo os occupo  
Para que os occupeis nõ en lisongearme,  
Si nõ con occuparme;  
Que harta lisonja fuera  
Si mi afecto se viera  
Occupado en serviros con exceso:  
Mas con esso, y sin esso  
Siglos hà que soy vuestro; de tal fuerte,  
Que nõ podrà apartarnos ni aun la muerte;  
Tan vuestro, que os deseo eternidades  
De descansos, de paz, felicidades  
Sin numero, sin cuento;  
Y tan a estes deseos vivo atento,  
Y affí los solícito,  
Que dellos nõ me aparto, ni me quito;  
Amigo en fin, que los que son perfectos,  
Transforman los afectos en efectos.

Vivid! Amigo pues, que en largos dias  
Mucho se vè, se nota, atiende, alcança:  
Truecanse las tormentas en bonança,  
Y en gran conformidad las rebeldias:

B

Leedlo

Leedlo en Claudiano,  
 Ingenio soberano,  
 Cuyas sentencias, Luzes rutilantes,  
 Observad en sus versos elegantes.

*Multa dies, variosque labor mutabilis ævi  
 Retulit in melius, multos alterna reviscens  
 Lusit, et in solido rursus fortuna locavit.*

Assi en vuestro disgusto

Mario os contemplarè, Tiberio, y Augusto;  
 Que para ser de todos laureados,  
 Primero le miraron desterrados;  
 Ved Claudio que ludibrio  
 De la Corte Romana  
 Se viò, y despues com magestad ufana;  
 Ved Tobias el viejo, cuya vida  
 Fue triste, y lacrimosa,  
 Mas despues tan gloriosa,  
 Que el fin a su medida  
 Obtuvo felizmente;  
 Dichoso aquel, que vive justamente;  
 Vivid pues vòs, vivid por tal camino,  
 Como a un Amigo lo rogò Paulino:  
*Vive precor, sed vive Deo; nam vivere mundo  
 Mortis opus, viva est vivere vita Deo.*  
 El Cielo os guarde mi Galindo Amigo;

Esta



# *En el Retiro.*

II

De esta Ciudad del Santo assaetado,  
Adonde el curso de mi vida figo;  
En primero del mez más abrafado,  
Mil, seiscientos, y quatro con setenta,  
Que es la corriente cuenta,  
En que la fecha engasto.  
Vuestro amigo leal, y ausente, Ergasto.



B ii

RES-

## RESPUESTA

## De Galindo a Ergasto.

**D** Espues, Ergasto mio,  
 Que desse Labirinto impertinente  
 Salí, para el retiro donde habito,  
 Hallè con tal desvío  
 En esta soledad, que blandamente  
 Enseña sufrimiento al'apetito;  
 Màs apto el fertil suelo,  
 Y màs propicio el Cielo  
 Para philosophar; dandome alientos  
 La hermosa variedad destes portentos,  
 Que admiro, que contemplo;  
 Y atendiendola bien, regúlo, y templo  
 Las horas, de tal mòdo,  
 Que la vida acomòdo  
 Para gozar de toda; de tal fuerte,  
 Que en tanta variedad, màs se divierte  
 El animo cansado,

Yà triste, o fatigado:

Que es hermoso lo vario,

Apacible ala vista, y delicioso,

Quanto en si prodigioso,

Si de belleza suma ilustre Erario,

Que el Petrarca concella

Con tropo variar natura è bella.

En esta pues notoria

Diversión, hallo viva la memoria,

Prompta la fantasía,

La voluntad domada,

La prudencia entablada,

Agudo el pensamiento,

Claro el entendimiento,

En cuya paridad, suave harmonia,

Distingo la mejor philosophia:

Phisica natural, Moral, o Etica,

Metaphisica sea, o Geometrica,

Politica, Astronomica,

O aquella que es de ècos, Economica;

Que en esta solamente

Trato por extenso de presente;

Politica forçosa

Para el gobierno de familia, y casa.

Mas por nò ser escasa.

Mi voluntad, Amigo, a tu copiosa  
 Carta, que me mandaste,  
 (Aquella con quien tanto me obligaste)  
 A aquella puès tan docta, tan discreta,  
 Corresponde mi pluma,  
 Grata a tu amor en agradable suma;  
 Y aun que en estilo tosco, subtilmente,  
 Mi afecto la transforma en eloquente:  
 Que aun que estava colgada,  
 En uno destes arboles sombríos  
 Mi Zampona olvidada,  
 Renasceràn aquellos èccos míos,  
 Prestandome tu aliento,  
 Para templar de nuevo mi instrumento.

Que nõ es acá mi inspiracion lozana,  
 Dictada en la corriente màs ufana  
 De los cristales del Parnaso monte;  
 Ni en los que preso viò Belorophonte,  
 El parto de la sangre de Medusa:  
 Inspira dulce Musa  
 Esta filva que vès, si nõ elegante,  
 Deidad mas generosa, màs radiante;  
 Apolo sacro tiene  
 Que no fuè de Corintho la Pirene,  
 Aganipe, o Pimplea,

Quien

Quien la adorna, la dicta, o hermoſea.

Otras luzidas Fuentes

Que a Jór, a Dan, ſangrias del Carmelo,

Igualan las corrientes

Me liban el deſvelo:

La Eſtrella de la mar, ferà Thalia,

Y toda mi harmonia;

La Virgen de las Fuentes ſoberana,

Toda Divina, quanto toda humana

Me dá el impulso, con que eſtoy beviendo

Numeros de cristal, poetico eſtruendo.

Mandas-me, Ergaſto, interponiendo luego

Con bien templado ruego,

De la amistad la autoridad màs grave,

Para el que amigo venerarla ſabe;

Que curioso te pinte

El modo de mi vida

En eſta ſoledad apetecida;

Como paſſo los dias,

Como corro las horas,

Como dexo los años,

Logrando con el tiempo deſengaños:

Y yò, para que veas mi fineza

Sin màs contradicciones, ni porſias,

Y que mucho intereſſa

Mi

Mi afecto en darte gusto  
 A tu precepto, y peticion me ajusto;  
 Mandando-te mis versos,  
 Que perdonarles puedes, por ser fieles;  
 La culpa de no ser dulces, y tersos.

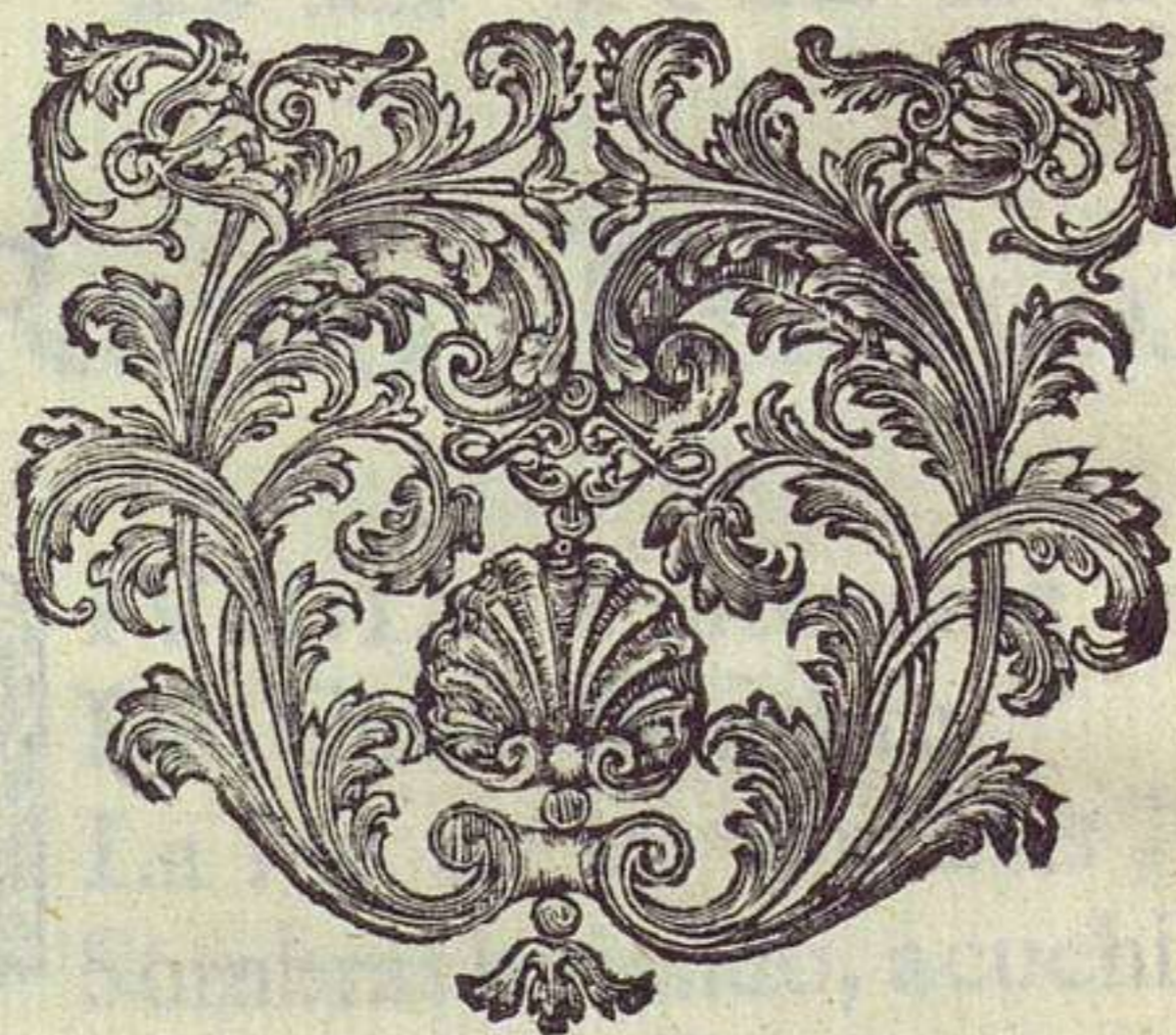
Admitelos, mi Ergasto  
 Tales como ellos son, que a más no basto;  
 Y para que te empeñes,  
 Ni registrar desdones  
 Lo inculto de mis cantos;  
 Dividiranse en tantos  
 Quantos me pareció ser convenientes;  
 Para que no se cansen los oyentes;  
 Ni tu te canfes de saltar barrancos  
 Pues cobrarás aliento entre mis trancos.  
 Oye la vida, pues, en que me occupo,  
 Que es la que referirte aqui me cupo;  
 Oyela con agrado,  
 Escucha con cuydado,  
 Que ni tus atenciones desmerefco,  
 Ni más te puedo dar delo que ofresco.

Guardete el Cielo; mi Retiro, en viente  
 Del Can nocivo del Agosto ardiente;  
 Sobre mil, y seiscientos con setenta,  
 Y quatro, que es la quenta

# En el Retiro.

17

De la edad, en que vino  
A renovar el Mundo el Adán Trino,  
Con su poder inmenso, a quien me rindo.  
Tu Amigo ( Ergasto ) tu leal Galindo.



C

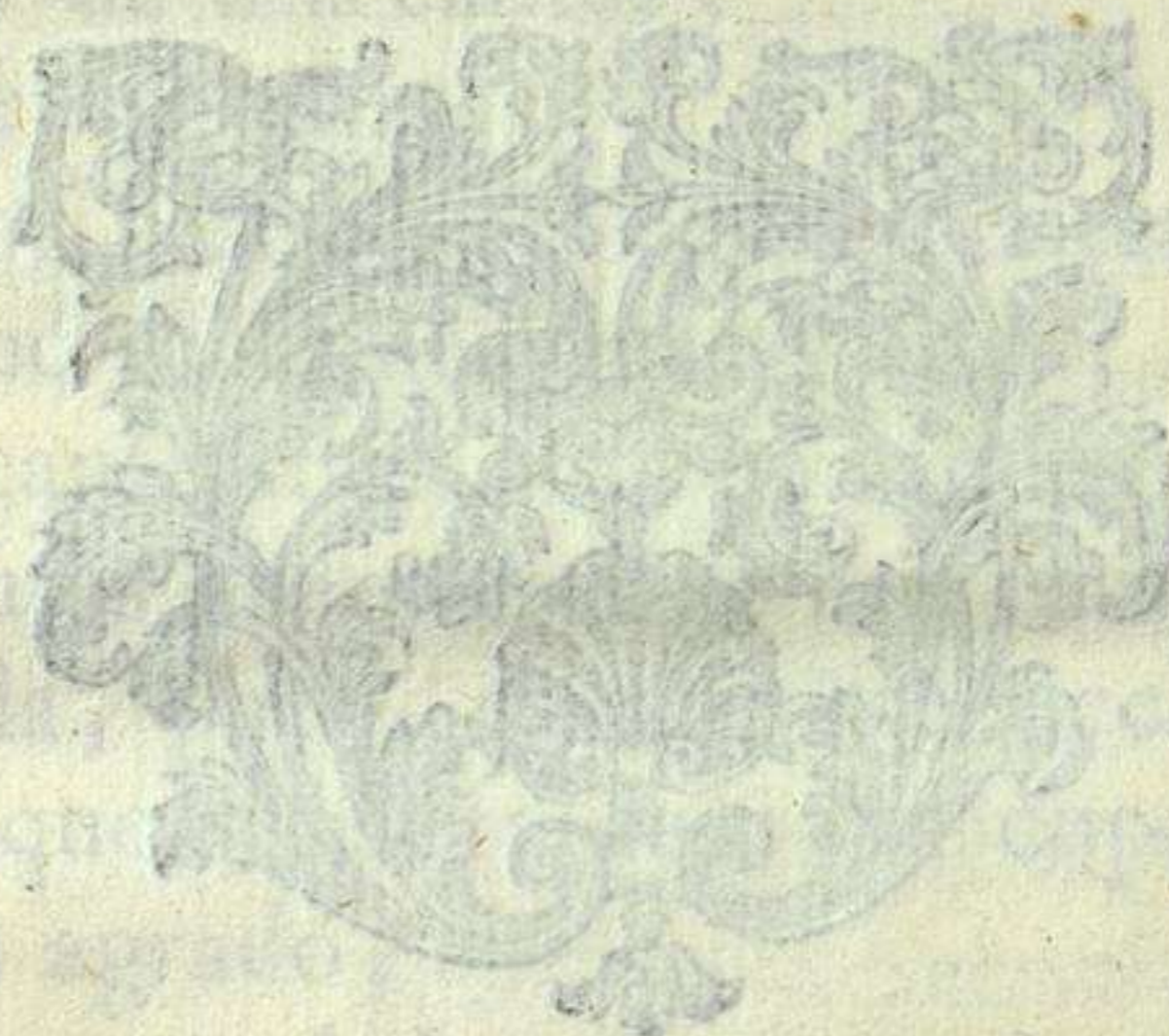
OCU-

EMERSON

Con la poder miento, a quien me rindieron  
En Arago (Ergallo) en el Galindo.

Tales como ellos son, que a mi no bato;  
Y para que te empeñes,  
Ni regalar delicias.

Lo malo de mi mundo  
Dividido  
Quinto  
Pues cobra  
Que es la mala  
Cicla con agua  
Cuchara con cuidado



Que en las acciones de mi vida,  
Del Can nocho de la vida  
Y que en las acciones de mi vida,  
Y que en las acciones de mi vida,

OCU-

C





O C U P A C I O N

EN EL RETIRO.

Ramo Primero.



DIVIDIA el montante

De Cirèo flamante

La luz de las tinieblas ; (blas

Sombras hiriendo, acuchillando nie-

Galan Apolo de la bella Aurora ,

Que quando al Cielo rie , al campo llora :

La rubicunda greña ,

Que entre Olimpos , y Caucasos despeña ;

Manifestava al mundo :

Quando de mi profundo

Letargo recordè : todos dormimos ,

C ii

Sin

Sin advertir despiertos, que morimos,  
 Hurtandonos las horas, que durmiendo  
 Dexamos de gozarlas aun viviendo.

Despierto en fin con las chirleras Aves  
 Por nò dezir cantoras,  
 Quando madrugadoras;  
 Despues de haver templado entre las flores  
 Los picos, o dulsaynas, Ruyseñores;  
 Sacabuches suaves,  
 O Canarios clarines,  
 Que celebran de Fébo  
 Rosicler matutino el rayo nuevo;  
 Sirviendo de alborada  
 La republica alada,  
 Que sobre vivas purpuras fragantes  
 Citaras son volantes;  
 Y haziendo de las alas instrumento,  
 Quando las mueve el bullicioso viento,  
 Todas ellas en suma,  
 Animado son organo de pluma;  
 Que en acorde harmonia,  
 Mientras rompe el albor el claro dia,  
 En bemoles cromaticos acentos,  
 Dulces alternan graves movimientos;

Y ala-

# En el Retiro. 21

Y alaban la Divina Providencia,  
Culpando mi malicia en su inocencia.

Salgo puès a rezar, canto con ellas  
Con canto verdadero,  
(Passeando el Terrero,  
Que es Atrio de mi casa,  
O pequeñuela plasa  
De sus estancias breves, quanto bellas)  
El sacro oficio de la Virgen pura,  
Yà las primeras horas,  
Celestiales Auroras,  
O yà con tierno afecto, màs que humano,  
El patrocinio imploro soberano,  
De esta Virgen hermosa,  
Que a un tiempo Virgen fué, Madre, y Esposa;  
Y con el de Mirandula me inclino  
A obligarla afectuoso en este hino.

Dulcissima Maria,  
Lampara celestial, eterna guia,  
Que al Puerto nos conduzes,  
Y entre las sombras del vivir reluzes  
Faról luziente, Norte soberano,  
Que el camino màs llano,

El

El Rumbo más seguro,  
 Mejor que Palinuro  
 Incúlcas amorosa:  
 O' Virgen más preciosa,  
 Que aquella Margarita, que fuè hallada;  
 Discreta, y avantajada  
 Ala que de Laban partió el Aprizco:  
 Monte de quien sin manos salió el rizco;  
 Rosa de Hiericó, Ciprez divino  
 Del Monte de Sion, Lyrio en el valle;  
 Pues tu del Basilisco serpentino  
 Humillaste la frente con la planta,  
 A quien la esquadra santa  
 De Virgines, y Estrellas más luzientes;  
 Adoran reverentes,  
 Y humilladas se postran, con que quedan  
 Ricas de luz, para que el Sol excedan;  
 Invoco tu favor, prospero viento,  
 Que al Puerto me conduzga de mi aliento.

Rezado pues el sacrosanto oficio,  
 Vuelvo a reiterar el exercicio,  
 Que devo a tan divina Protectora,  
 Cuyo nascer se acomparó a la Aurora  
 De quien nació el Divino

Único Sol, si en las personas trino;  
Cuyo Virgineo, y raro  
Semblante, refulgente, ardiente, y claro,  
Cuya graciosa faz, rostro gallardo,  
Como dize Bernardo,  
Y Anselmo considera,  
Los mortales tenia de manera,  
Que quedavan absortos, y admirados  
De ver belleza tal, tal gallardia:  
O' celestial Maria,  
Angelica creatura,  
Cuya proporcionada compostura,  
Cuya serenidad, cuya presencia  
Nò tuvo competencia:  
Mas a tener licencia, Virgen bella;  
Alva del Sol, que vuestros rayos sella,  
Me atreviera a aplicaros  
Lo que cantó un Poeta  
(Aun que la aplicacion fuera imperfecta)  
De la bella Lavinia, que aun que hermosa;  
Vòs toda pulcra fois, toda graciosa.

Perdonad Virgen bella mi ignorancia;  
Y tu la digression, Ergasto amigo,  
Que como es Sol la Virgen, su luz figo,  
Qual

Qual otro Eliotropio,  
 Beviendole sus rayos celestiales;  
 Hidropico de luzes, y cristales:  
 Aunque contigo, dulce Ergasto, noto  
 Que huelgas de escucharme, por devoto.

Suspenso en fin, y divertido un tanto  
 En contemplar el bulto sacrosanto  
 De una Imagen hermosa  
 Desta divina Estér más amorosa,  
 Conmigo mismo buelvo,  
 Y con suspiros tiernos me resuelvo.

Luego en un Oratorio pequenuelo,  
 Que con justo desvelo  
 Adorno con aromas, campefinas  
 Rosas, y clavellinas,  
 Con otras flores bellas,  
 Que en el Cielo del campo son Estrellas;  
 Mudo, severo, atento  
 A un assombro, a un prodigio, y a un portentoso,  
 Con temor reverente, accion divina,  
 Corro devoto la subtil cortina.

Descubro el Dios de amores;

Mi-

Mirandole entre angustias, y dolores ;  
El Abfalon sagrado  
En la Cruz de la Enzina enarbolado ;  
El Razimo escogido,  
Que al lagar de mis culpas fué esprimido ;  
La Sierpe de metal, que las heridas  
Mortales cura con eternas vidas ;  
La misteriosa Yèdra,  
Del escandalo Piedra,  
Y enfin la vida de mi vida miro  
Afida en un madero, que azia dentro  
Recoge el alma por buscar su centro.

Las piedades de Dios humilde alabo  
Por tan altos favores,  
Como entonces recibo  
En dones superiores ;  
Y a sus finezas obligado empieço  
A darle gracias, pero nunca acabo ;  
Pues hazerlas quisiera  
Como el Cherub en su abrafada esphera.

Rindo-le luego en liquidos despojos,  
El alma por los ojos ;  
Que quien esto assi mira,

D

Y nõ

Y nò llora, lamenta, ni suspira,  
 Con los ojos enjutos  
 Comun ès con las piedras, y los brutos.

Miro allí de mi Dios los dos luzeros  
 Blandones de los Cielos verdaderos,  
 A cuya luz se encienden las Estrellas,  
 Duramente apagados,  
 Por mis males, cerrados;  
 Para mi bien, abiertos;  
 Puès màs que vivos para mi ven muertos.

Las hebras ricas, que del Sol los rayos  
 Excedieron luzientes,  
 Purpureos hilos miro, que pendientes  
 De las fiènes divinas,  
 Rubios chopos parecen entre espinas,  
 O cardenillos chopos  
 En campos de açucenas, y Piròpos;  
 En sangre nò, en rocio salpicados,  
 Como la Esposa los mirò bañados.

Rasgado el monte de su cuerpo admiro;  
 En cuyos huecos mi refugio miro;  
 Adonde cinco fuentes,

Y nò

D

De



De coral derretido,  
Cuyas sacras corrientes  
De liquidas centellas, todas fuego,  
(Raudal entonces nuevo)  
Mi culpa, o mi peccado fementido  
Abriò atrevido, pertinaz, y ciego;  
Y Idropico la vida en ellas bebo.

De esta fuerte discurro,  
Filosofando atento,  
De sus penas el grave sentimiento;  
Pues que rendirle pudo  
Hasta dexarle en una Cruz desnudo:  
Quando piedoso el Cielo,  
Por nõ mirar la ingratitud del suelo,  
De negro vélo se mirò enlutádo;  
Y el Sol con las Estrellas enlutádo:  
Quando se estremecieron  
Los exes de los Polos, y los montes  
Con los màs apartados Horizontes,  
Prodigios atendieron;  
Hasta los mismos Rizcos  
Abriendo-se los tristes Obelizcos,  
Y funestos sepulcros; sin màs braços  
Que el dolor, que los pudo hazer pedaços:

Porque en penas de Dios, las mismas peñas  
 Supieron dar enternecidas señas;  
 Y por esso (mi Ergasto) se viò entonces,  
 Las peñas hombres, y los hombres bronzes,

Yò, minimo entre tantos,  
 De mi Dios, entre penas, y quebrantos;  
 Los rigores que digo, aqui contemplo;  
 Enmudece la voz, el llanto templo:  
 Y pidiendo prestada  
 La Lira coronada,  
 Del gran Pastor de Ephràta;  
 Mi ronca vena en numeros desata  
 (Con afectos diversos)  
 Estes, y otros semejantes versos.

Tierno JESUS de mi vida  
 Quien os puso en essa Cruz?  
 Quien pudo eclipsar la luz,  
 Màs que el Sol esclarecida?  
 Que Joab en essa erguida  
 Enzîna, qual Abfalon  
 Os taladró el coraçon?  
 O que Dalida alevosa,  
 Con falso alago de Esposa,  
 Os pudo entregar Sanson? Quien

Quien a esse amargo lagar,  
(Ostentando-os fruto opimo)  
Tanto os esprime Razîmo,  
Que no teneis màs que dar?  
Mas como en esse lugar  
Os puso mano atrevida,  
Hecho Antorcha reluzida,  
Si se predixo mejor,  
Que seria el Salvador  
Como Lampara encendida?

Quien dessa yèdra el gusano  
Pudo fer, con tal destino,  
Aunque sé que a esse molino  
Sois del puro Trigo el grano?  
Quien os maltrata inhumano  
(Siendo vòs la joya, el brinco  
Del Padre) con tanto ahinco?  
Dezidlo Seraphin muerto,  
De feis alas nó cubierto,  
Si os descubren llagas cinco.

Mas ay, que mis culpas fueron  
Quien assi os tiene parado,  
Roto, nudo, y defangrado

**Con**

Con las heridas, que os dieron.

Ellas solas os pudieron

Poner, mi amoroso Dios,

En estado tan atrás ;

Pues para librarme a mi

Del rigor, que merecí,

Las tomasteis sobre vòs,

A vòs, Señor, a vòs solo

Dellas cargado os contemplo ;

Rasgase el Vélo del Templo,

Rechina el Exe del Polo.

Vistese de luto Apolo,

Las peñas hiende el dolor,

Y el sentimiento mayor

Con clamores se apressura,

De ver que por la creatura,

Oy muere su Creador.

Mis culpas, y yò mataros

Pudímos con vario azero:

Ellas, en esse madero,

Y yò, solo con dexaros.

Mas nò pudiendo escusaros

La muerte, muy mejor ès,

Que os la dèn aquellas ; puès

Fue.

Fuera doblaros la herida ;  
Si quien os llama su vida ,  
Os la quitasse después.

Sè que nò haveis de sentir  
Tanto vuestros golpes crueles ,  
Quando en purpureos claveles  
La Cruz permitis teñir.  
Como si llegais a oyr ,  
Que el alma os dexò olvidado ;  
Porque el golpe del peccado  
De tan injusta mudança ,  
Con màs rigor , que la lança  
Os và rompiendo el costado.

Si en cada Clavo os espera  
En la sangre un menoscabo ;  
Muy más sintierais el clavo ,  
Si mi mano os lo pusiera.  
Que entonces os afligiera  
Màs , que el dolor ordinario ,  
El ser en mi voluntario ;  
Pues lastima en el castigo ,  
Màs la ofensa del amigo ,  
Que la espada del contrario.

**Morid**

Morid Dios, morid mi bien,  
 Mas yà que morís, tirano  
 Mi peccado con su mano  
 Os mate, nò mi desden,  
 Que fuera rigor tambien,  
 Quando en muerte tan penosa,  
 Corriendo el vélo a la rosa,  
 Yà consolando a la Madre,  
 Desamparandoos el Padre,  
 Os dexasse vuestra Esposa.

Bien sè que evitar nò pudo  
 Vuestro amor lances tan fuertes;  
 Eran finitas las muertes  
 De los hombres, nò lo dudo.  
 Y como en punto tan crudo,  
 Era infinita la offensa,  
 Haziendo-os firme defensa  
 De nuestro bien, yà deshecho,  
 La espalda offreceis, y el pecho  
 Para digna recompensa.

Extraño modo de Amor  
 Fué el querer sacrificar  
 Vos a vòs: quien pudo amar

Con

Con modo tan superior?  
A quien tan grande primor  
Nò obliga mi Dios? y alienta  
A que vuestra passion sienta;  
Viendo-os otro Isac cargado,  
Obediente al Padre amado  
Hecho victima cruenta.

Amante fois singular,  
Y de extravagante amor,  
Puès de lo que foy deudor,  
Lo quisisteis vòs pagar.  
Tanto os quisiste ostentar,  
Que si quien fois nò entendiera,  
Bastára que os atendiera  
(Mi bien) en essa inaudita  
Fineza, tan exquisita,  
Para que Dios os creyera.

O' soberano amador,  
Quien pudiera padecer  
Como vòs; y agradecer  
Tan soberano favor?  
Mas nò es possible, Señor,  
Daros recompensa tal,  
E

Que

Que sea favor igual:  
 Que a ser possible, mi Dios,  
 Deseara ser qual vòs  
 Para daros-la cabal.

Mas yà que nò puede ser,  
 Admitid, Señor, mi empleo;  
 Puès tal vez vale el deseo  
 Lo mismo que el pàdecer.  
 Epictima os llevo a ver  
 De mis males, a esse Palo  
 Divino, donde os señalo  
 Serpiente; en quien (si al desierto)  
 Yà al poblado está el muy cierto  
 Remedio del bueno, y el malo.

De Zarza os mirays rodeado,  
 Zarza que nos sana, y cura  
 Por palo santo, y se apura  
 Como remedio sagrado.  
 Tanto con ella enpeñado  
 Estais contra mi homicida,  
 Que os cuesta una, y otra herida;  
 Y en desafío tan fuerte,  
 Fuiстеis muerte de la muerte,  
 Dando a la muerte la vida. Esse



Esse Cayado enpuñais,  
Como insignia de Pastor;  
Bien sé que sois el mejor,  
Puès vuestra oveja buscais.  
Y si tan sediento estais  
Por ella, puès con la voz  
Pronunciais la sed atroz,  
Hedme ahi, para que os quadre  
El atrahèr por el Padre  
Todas las cosas a Vòs.

Sulcâd puès con el Galeon  
De la Cruz tan grande mar;  
Y enseñadme a navegar  
Al puerto de salvacion.  
Puès sois Divino Colon,  
A quien las Indias aplico  
Del gran Theforo (nò chico)  
Seguirè vuestra derrota,  
Que si vòs caçais la escota,  
He de dar en Puerto rico.

Esto que assi medîto  
(Que es la clavija, en que mis males tuerço)  
Passa por dulce almuerço;

Sin otras circunstancias,  
 Que por ser interiores me reservo,  
 Y a la tarde repîto;  
 Que si el cuerpo dos vezes se alimenta,  
 Mejor merece este regalo el alma;  
 Puès saca fuerças de tan dulce calma,  
 Para el Cherub vencer facinoroso,  
 Que a su Dios, atrevido, y sedicioso,  
 Yà con la embidia, ò la sobervia ciego  
 De luz se vino a convertir en fuego.

Queda con esto el alma alimentada,  
 Harta nò; mas cebada  
 En el Divino pasto;  
 En que Dios haze el gasto,  
 Y yò mis ordinarios exercicios,  
 En recompensa de nò ver las Aras  
 Ricas de amor, y en el oficio raras:  
 Donde suspensa el alma adora, advierte  
 A Dios, en accidentes disfraçado:  
 Con admirable suerte,  
 Por mystico accidente,  
 Que le hizo eternamente  
 Hermoso enamorado;  
 Cuya divisa blanca, y encarnada;

Cifrô los gustos de su esposa amada;  
Viendo-se alli la luz inaccessible,  
Los brillantes candores,  
Que desde el Ara, en epiciclo breve,  
En Cielo abrafan, y parecen nieve.

Donde el Melchisedec, el Sacerdote  
Con temor atrevido,  
Y con atrevimiento temeroso,  
Devoto, y comedido,  
De horror cercado el passo pavoroso,  
Llega a tocar el Pulvinar sagrado;  
Y en virtud de la victima endiosado,  
Come del Pan de la granada espiga,  
Que al sediento de amores  
Màs dulcemente la passion mitiga;  
Y bebe de aquel vino,  
Que muda el ser humano en ser divino.

Esto assi referido,  
Esto assi descrito,  
Que es lo que toca al alma,  
Como propria divita;  
Hago a falta de Missa,  
Que quotidianamente

**Ca.**

Carecemos acá barbaramente:  
 Y accion es esta, que con dulce calma  
 Deve hazer el Christiano,  
 Con amor tan perfecto  
 Como pide el efecto;  
 Postrado al soberano  
 Auxilio omnipotente;  
 Que aunque malo me advierto,  
 Sin modo, sin concierto,  
 Imito lo que puedo, aunque nõ tanto  
 Que dè a entender con esto, que soy santo.

Conoscome rendido,  
 Cargado de miserias,  
 Que es Dios el offendido,  
 Quanto yò el offensor loco, atrevido;  
 Y que entre mis lazèrias,  
 Penas, trabajos, ancias, y afficiones,  
 Rigores, y pensiones;  
 Del auxilio de Dios, por mi desquito,  
 Soy quien, entre los màs, más necescito:  
 Y en fin lo que aqui digo,  
 Y en lo más, que profigo,  
 Por pauta tomarè, por fin, y blanco,  
 Dando-vos nueva a mi segundo Tranco.

Ramo

## Ramo segundo.

**Q**Uando puès satisfecho  
Me parece estoy con lo rezado;  
Yà el Sol quiere affomarse coronado,  
Rompiendo el azul techo,  
Vibrando luzes, que parecen alas  
De ardientes llamas, entre Ethereas salas;  
O bien de rayos roxos, y fulgores  
Alimento comun de hermosas flores.

Luego hierve el bullicio  
De mi agreste familia;  
Cada qual a su oficio,  
Y labradores todos,  
Que ocupo, a la campaña,  
Nò con la rubia Ceres; si en la caña;  
Y nò en la de Siringa,  
Si nò en la que los Faunos de Flisinga  
Desde su norte anhelan,  
Y a su dulce se atreven, quando buelan;  
Cuyos Erarios liquido reservan

Por

Por diferentes modos,  
El néctar, o Ambrosia, que conservan.  
Salgo con ellos, miro todo el campo,  
Yà montes, o yà valles,  
Dividido uno, y otro en varias calles  
De troncos, ramos, yervas, y de flores;  
Unas que afrentan de la nieve el campo,  
Otras que del Carmin emuladores  
Se ostentan, con las màs que por lo vario  
Exceden al guarísimo, que confuso  
Laberinto vital ès; donde pierde  
El Dedalo màs sabio,  
Astuto, ò temerario,  
El hilo de su abûso,  
Preso la admiracion, cerrado el labio:  
Cuya esmeralda verde  
(O amarillo Topácio  
Del dilatado espácio)  
Toda suave ès, toda ès opîma,  
Al lucro, en tanta estima,  
Como bien admitida al apetito,  
Haziendo al dueño Fucar,  
Lanças de almivar, paramos de asucar.

Enseña puès el Sol su rubia cara,  
Prodiga de la luz, que el dia aclara;  
Cuya faz rubicunda  
En diluvios de fuego el orbe inunda;  
Y despues de ordenado  
Lo que determinado  
Está, por aquel dia  
Dexo la Agricultura,  
En quien me substituye, y asegura  
Agricultor cuydado;  
Que del mio me alivia; y me desvia  
De Etiopes lanudos, quanto fieros;  
(Cuyos tostados cueros  
El Sol frio, si bien con mayor copia,  
Siendo Congo farten, leña Etiopia)  
Para que assi mejor alcance, y pueda,  
Hincando a la Fortuna la vil rueda,  
Vivir sin sobrefaltos libremente.

Y baxando a una Fuente,  
Hija del valle, nieta deste monte,  
Que entre infancias de nieve ès Faetonte;  
Y en liquida Tiorba se defata,  
Sin murmurar su plata,  
Que ès Fuente biendiziente;

F

Y nõ

Y nò como las otras , que yà adulan,  
 O yà a su modo con correr murmuran;  
 Humilde Fuente si , por cuyo caño,  
 Nò plata , màs estaño  
 Sucesivo vomita;  
 Que de plata carece quien nò quita;  
 Y el que si ( como vemos ) sus cristales  
 Vomitan oro , perlas , y corales.

En esta Fuente puès el rostro , y mano  
 Baño por regalito soberano,  
 Que la niebla del sueño me destierra:  
 Y si el caçar ès sýmbolo de guerra,  
 Nò dexo , nò , con libre desenfado,  
 De divertirme aun tiempo , y fer soldado!

Mas nò me avisa el parche , ni vaqueta,  
 Que enpuñe la gineta,  
 Ni de armas me prevenga,  
 La rodela , la espada , ò yà la pica;  
 Quando el braço se aplica  
 En tiempo que convenga,  
 Pecto espaldar , Arnez , Casquillo , Almete,  
 Manoplas , Brazalete,  
 Gola , Quixète , Corasina , bufa,



Tachonadas , tahárias , contrabufa ,  
El hielmo , ni celada ,  
Ni la malla travada ,  
Las greves , ni otras tales  
Al exercicio militar iguales.

Que en otras diferentes ,  
Tambien acá milito ,  
Yà perfiguiendo el Gamo ,  
O' yà con el reclamo ,  
El humilde Periaá , y el Conejito ;  
O' yà con mis Sabuésos ,  
Que el mismo viento rendirán traviefos ,  
La Paca , y la Cutia ,  
La Anta , y Capivàra ,  
Que de corage avàra  
Dentro del agua cria :  
Yà el animal cerdofo ,  
En quien se transformô Marte zeloso ;  
Mas nõ el de Calidonia ,  
Cuyo nocivo estrago ,  
Reprimiò Meleagro  
Acompañado de Areas , y Thesêo ,  
Castor , Polux , Thelemon , y Ancêo ;

Y Atalanta animosa,  
Que se opuso con el contra la Diosa.

Otros Cerdozos corro,  
En todo diferentes;  
Mas nò menos valientes,  
Osados, y animosos;  
Antes son tan estraños, (raro caso!)  
Que tienen el ombligo al espináso.

El Tlaquasi Indiano,  
Que Sirigueya llaman,  
Tambien coge mi mano,  
Animal prodigioso,  
Torpe, fuzio, asqueroso,  
Y a modo de Raposa  
De las nuestras de España;  
Mas savandija estraña,  
Que en una alforja lleva reservados  
Sus hijos, y enbolsados;  
Que colgados del pecho  
Naturaleza pròvida los puso;  
Extravagante uso;  
Y alli, como en un saco, juntos muestra;  
Dò el vivir les administra diestra.

# *En el Retiro.* 45

El tardo Tamanduà, que forcejûdo  
Se ostenta en lo membrudo,  
Cojo: y tal vez la onça encarnizada,  
Traydora, quando irada;  
Yà el conchoso Tatû, que propriamente  
Armadillo le llama nuestra gente.

Los tres Cutîs, Mirî, Atá, y Mondê recojo  
Aunque les cause enojo;  
Yà la inutil Perguifa,  
Cuya pereza nos provoca a risa;  
A quien por ironía,  
Abuzando del nombre verdadero,  
Le llama nuestro idioma,  
O vulgar energia,  
Periquito ligero,  
Quando al mirallo el vulgo aliento toma.

En vez de Martas, los Sàguîs dorados,  
(Que parecen Ardillas)  
Requeridos de muchos, y buscados  
Para grandes señoras,  
Me ocupó algunas horas  
En buscallos atento,  
Con que luego los doy, ò los presento:

Los

Los Bugios, Macacos, y los Micos  
 Prendo tambien, y más Animalicos,  
 Cuya diversidad, y inmensa tropa,  
 Superabunda en todo a nuestra Europa.

Desde esta montería provechosa,  
 Passa el divertimiento a más gustosa  
 Alteneria, en quien la hermosa Aràra,  
 Que en los colores, y el graznir ès rara;  
 Me desvela su buelo,  
 Yà por coger anhelo  
 Al Papagayo Usû; yà la Corica  
 Retorica de lengua, en color rica;  
 El Aldáya, Acaná, Ayuruhueva,  
 Ajarúcamitínga colorado,  
 Verde, azul, y amarillo camozado;  
 O yà el Maracanà, yà la Maytaca  
 Parlera como Hurráca;  
 Yà la Tiriba en cuerpo mas chiquito;  
 Yà el verdegayo hermoso Periquito;  
 Yà el Pintahuà, que por los pastos corre,  
 Y uno a otro se vale, y se socorre,  
 Que Benteví listado  
 Siempre vé, y nunca vé, lo que ha cantado.

La

La Gurâpônga , que con voz temprana  
E's de pluma en los bosques fiel campana ,  
Puès tal vez nos avisa  
Entre sus badaladas con su prisa ;  
Cuyo son entre mudas soledades ,  
Nò fê que aliento infunde de faudades ;  
Nò fê que tierno acento  
Inprime de faudoso pensamiento.

El Anû, que aunque torpe, vil, y acervo,  
Que en el pico , y color parece cuervo,  
Sus virtudes encierra ,  
Usadas comunmente en esta tierra ,  
Para la desentéria ,  
Fluxos de vientre, que ès cruel miseria ;  
Come-se todo entero ,  
Pluma, y tripas , asado en un brafero ;  
Para que assi se vea ,  
Que en todo lo criado ,  
Nò hay cosa inutil ; todo está preciado.

El pardo Suviâ, que puerco y gordo ;  
En algun modo se parece al Tordo ;  
A quien el Surùcuá por su gordura  
Avantaja , y mejor por la hermosura ;

**El**

El agreste Pavón, chiquito ès Pavo  
 Negro, y dorado, salpicado el pecho;  
 El Tinguafú rabado,  
 Que con la cola abana,  
 (Estylo lisongero)  
 A quien llaman las viejas hechizero,  
 Igual al Caburê, de grandes ojos,  
 Cuya carne, y despojos,  
 De substancia ès mal sana:  
 El Frango ceniziento;  
 La Piáfôca que del ala al cuento  
 Lleva los azicates,  
 Armas comunes para sus debates.

El Urûguáva de cabeça chata,  
 Que los mosquitos mata,  
 Tragandose a montones  
 Cantidades de cientos, y millones:  
 El Socô, Margullones, y Marrecas;  
 Las Saracuras de las piernas secas,  
 Menguadas de las alas, y del rabo,  
 De los cuèllos erguidas,  
 Y en todo vivas, briosas, y atrevidas.

El verdofo Gaypabo,  
Travieso entre las plantas, y las flores,  
Quando enjaûlado mira sus vigores,  
Y anzuelo suele fer de sus parientes,  
En color diferentes:  
Y a falta de Canarios,  
Pardillos, Verderones, y Silgueros,  
Satisfecho me dexan  
Thiès, en color varios,  
Blancos, rojos, y pardos,  
Encarnados, y verdes,  
Negros, pagîfos; todos tan gallardos,  
Que aunque fon destes montes lifongeros,  
Admiran sus hechuras, y primores.

Y en las de màs sabores  
Escojo, como en plaça, estas, ò aquellas;  
Sin reparar en bellas,  
En dispuestas, ò hermosas,  
Si nõ en las màs sabrosas;  
Como el Johó, Jacùtinga, Jacûpema,  
Jacûcaca, el Urû, ò la Capoera,  
La Enanbû regalada, y plazentera  
Para la gula estrema:  
Las Palomas, Guaypevas, y el Tucáno;

G

Que

Que parece Judio en las narizes ;  
 Y a falta de perdizes ,  
 Estas son las que suplen ,  
 Sin otras muchas , que sería en vano  
 Quererlas reduzir a breve fuma.

Mas lo q̄ más me admira , ès ver la Añhuma ;  
 Animal abultado ,  
 Paxaro muy pesado  
 Con un cuerno en la frente ;  
 Cuya virtud , se sabe , ès excelente  
 Contra todo veneno ;  
 Para toda ponçoña  
 Antidoto sereno ;  
 Sin ficcion Unicornio , el más perfecto ;  
 Como se echa de ver por el efecto.

Y aun con mas eficacia ,  
 Para el veneno tiene mejor gracia ,  
 Y antidoto más fino ,  
 El pico diamantino ,  
 Pequeño , y corcovado ;  
 Del pajaro agorèro celebrado ;  
 Digo del Macahuâ ; que por ser raro ,  
 Tarde se coge , y se vende caro ,

Acà



Acà el Macucahuá tambien despojo  
De sus siete pechugas:  
Yà el pesado Mutû, ligero cojo;  
Y yà con tenaz liga,  
Y con menos fatiga,  
Libre de carrapatos,  
(Que ès plaga, que se coge por los matos)  
Las simples Avezillas,  
Y humildes Jurities tortolillas,  
Gustosamente alcanfo,  
Y a su pesar amanso;  
O yà, sin tanto asomo,  
A entrambas rinden atomos de plomo.

De esta catterva puès, chufma volante,  
De esta alada Republica vagante,  
La cantidad admiro numerosa;  
Y aun en la variedad prodigiosa,  
Observo los colores,  
Que con plumas conpiten con las flores,  
Y animados del ayre Ramilletes,  
Quando de flores nò, de plumas ricos,  
Divididos en coros  
Metricos todos, suaves, y canoros,  
Huespedes son, y de arboles eternos;

A quien posadas pagan con motetes  
Que en vez de labios, reduplican picos,  
Entre pimpollos tiernos;  
Sin componer falsetes,  
Por ser extravagantes  
Quiébros sí, muy constantes,  
Por sucesivos de uno, y otro día;  
Testigos los armonicos agravios  
Reiterados en picos, si nó labios,  
De tantas Cantilenas,  
Prognés, y Filomenas;  
Y alabo por mas solida armonía,  
Que la que en las Ciudades,  
Agenas de verdades,  
Llenas de bajos, y de varios falsos,  
Continua se exercita,  
Que la de acá, por ser quien más excita  
A la virtud, que abona;  
Ni el contrabajo, ni el falsete entona:  
Toda esta ès tipples, tenores, y contraltos,  
Nò de mysterios, ni de enigmas faltos;  
Puès con ella, en las Aves, por creaturas,  
Llevanto el pensamiento a las Alturas,  
Y vagando entre choros de Cherùbes,  
Penetro Cielos, taladrando nubes.

## *En el Retiro.* 53

La Angelica harmonía de aquel canto  
Triplicado en el Santo, Santo, Santo;  
Suspendo confidero,  
Que tal deve de fer; si este rastrero  
Me suspende el sentido;  
Y como el Monge, que al èco repetido,  
Estuvo enagenado tantos años;  
Lo estoy yò; conociendo los engaños  
De la rastrera, y baxa melodía  
Con quien nuestra aficion tanto se fia:  
Y assi las màs sonoras  
Melodías, Canoras,  
Los numeros màs graves,  
Compases màs suaves,  
Relevados concentos  
De los màs bien templados instrumentos;  
Quien hade preciarlos? Quien? a vista  
De aquella consonancia sacrosanta,  
Que el Cielo alegra, y al Infierno espanta.

Estava el otro dia harmonioso,  
Al fasilol de un Plantano frondoso,  
(Arbol del Paraíso,  
Si la opinion nò miente,  
Por comun, y corriente,

De

De quien Adan el fruto comer quiso )  
 Con su lirica solfa un Gaturâmo ;  
 Donoso Paxarillo,  
 Con el cuerpo chiquito,  
 Atomo alado, bolador brinquito ;  
 Palido el pecho, el hombro apabonado ;  
 Verdofo, blanco, y pardo en los extremos  
 De la cola, y las alas por lo menos ;  
 Negra la tez, con parte de amarillo,  
 El cuello en tornasoles  
 De azules, y dorados arreboles ;  
 El Pico azicalado,  
 Creo que bastará para pintado.

Estava en fin haziendo en dulce suma ;  
 Glosas, y consonantes a un reclamo,  
 Laûd viviente, ò Citara de pluma,  
 Breve compàs de las cantoras Aves  
 Agudas, y suaves,  
 De cuya gran Capilla agil maestro ;  
 Si nõ por màs suave, por màs diestro :  
 Y alli trinando endechas  
 Dulces, de amor ridiculas sospechas ;  
 Tanto me suspendió su melodia,  
 Su lirica harmonia,

Que

Que casi enagenádo de mi mismo,  
Al extasis llegué de un paradisimo.

De esta fuerte ocupado solícito,  
Nuevas moralidades;  
Cuyas ponderaciones,  
Aunque en humildes, barbaros terrones  
Deste Albergue de mudas soledades,  
En ellas me desquito  
De aquellos ratos, que ociosamente  
Perdi; vagando entre una, y otra gente:  
Y en todo quanto miro  
En esta soledad, dulce retiro,  
Procuro aprovecharme:  
Y hasta en los Animales  
Quadrupedes, efectos naturales  
Pondero de continuo,  
Y alabo en ellos el Creador Divino.

La sociedad me admira de las Fieras  
Yà altivas, yà severas;  
Que aunque indomitas, crueles, y arrogantes,  
Pazes siempre constantes  
Observan uniformes;  
Y en dulce union conformes

Cul;

Culpan los hombres fragiles, y varios,  
 Puès de sus semejantes son contrarios;  
 Peor que Fieras, menos sociables,  
 Falsos, leves, instables,  
 Furiosos, atrevidos,  
 Insufribles al bien, y al mal sufridos;  
 Y aun cada qual de si la paz destierra,  
 Por tener con los suyos cruda guerra;  
 Veniendo a ser del hombre, porque assombre,  
 El mayor enemigo, el mismo hombre.

Assi discurro puès en quanto veo;  
 Mas bolviendo a mi empleo,  
 Sin pervertir el arte,  
 De todo (Ergasto) he de darte parte;  
 Tomemos mas alientos,  
 Con nuevos pensamientos,  
 Para que sea en tanto,  
 Tercero el ramo del siguiente canto.

**Ramo tercero.**

**Q**Uando con más ardor de Apolo el rayo,  
Por officio, ò ensayo,  
Perpendicularmente  
Las plantas hiere, con albor rugiente,  
Zenith deste Orizonte,  
Con cuyo Plaustro, con Flegon, y Etonte,  
En quien Icaro Auriga se despeña  
Al tiempo en que se empeña  
Desde su azul esféra,  
Y està en el medio de su gran carrera;  
Buelvo a mi Casa, que situada tengo  
Sobre un pequeño Atlante,  
Humilde Promontorio  
Con humos de Gigante,  
Aun que nõ muy hiniesto  
De pesado recuesto:  
Un Montezillo enfin, que por un lado  
Es algo levantado,  
A quien de plata calza el piè el Tridente  
De Neptuno esplendiente;

H

Cuyo

Cuyo undoso despejo,  
 Sirve de claro espejo,  
 Al nò encumbrado risco;  
 Ni tan Pyramidal, como Obelisco;  
 Que de mi Albergue en termino sucinto,  
 Es base, fundamento, planta, y plinto:  
 En cuyo sitio lo apacible encierra  
 Gozar del mar, a un tiempo, y de la tierra.

Llego en fin, donde hallo  
 Dispuesta la comida,  
 Cuyos faynetes callo,  
 Nò de grandes manjares,  
 Ni al antojo servida  
 De la gula infaciable;  
 Sin mezcla si de enfados, y pesares;  
 Al gusto razonable,  
 Limpia, bien fazonada,  
 Y moderadamente  
 Al humano sustento suficiente,  
 Y de viles sospechas reservada:  
 Que el pobre de rezelos vive ageno,  
 Y en su barro já màs temiò el veneno.

Sin



Sin miedo, ni embaraço,  
A comerla me affiento,  
Con menos fausto, pero más contento,  
Que los grandes Señores;  
Ni que los regalones  
Epicureos tragones,  
De apetito nõ escaço,  
Idropicos de gustos, y sabores:  
Y como ellos nõ anhele  
A manjares estraños, y exquisitos,  
Con que se vician más los apetitos.

Está la Mesa coronada en torno;  
Yá de mi Esposa, y nueve hijuelos mios,  
Que firven por adorno,  
Dulces, y amargos Rios  
Del Mar del Matrimonio,  
Que en fé del desposorio  
Me asisten, mientras como,  
Y en uno, y otro mil deleites tomo,  
Reparando en sus dices, y abolorio:  
En cuyo testimonio,  
Todo el Mar, todo el campo me parece,  
Que se viene a la Mesa, y que me ofrece  
Pezes aquel, estotro fruto, y flores;

Al menos sus colores,  
 Con que fazôno el gusto, y la comida,  
 Menos custosa, y mäs apetecida.

Assi como, assi ceno  
 Seguro de ponçoña, y del veneno  
 De los murmuradores (torpe gente)  
 Y viles detractores, que piamente  
 El Obispo Divino,  
 Aurelio Augustino,  
 Destierra de su mesa:  
 Y en tanta quietud, tanto descanso,  
 Solo el murmurio del Tridente manso,  
 El silencio con ondas interrompe;  
 Tal vez un hijo rompe  
 La vena al suave llanto;  
 Y tal en dulce canto  
 El Ave, que parlera,  
 Tenplando el pico en el corriente hielo  
 De algun pequeño Arroyo,  
 Y dandole después gracias al Cielo,  
 Con el me brinda desde la Ribera,  
 Que haga con ella la razon; que el Ave  
 Enseñarla tal vez al hombre save.

## En el Retiro.

61

Los ratos de ocio, que me ofrece el dia,  
Hazenme de ordinario compañía  
Dulce, y util los libros, verdaderos  
Del Alma compañeros,  
Socios del pensamiento,  
Luz del entendimiento,  
Amigos los más fieles, y más claros,  
Pues hablan sin lisonjas, ni reparos;  
Vivos me aconsejan como muertos;  
Muertos, que vivos me encaminan ciertos:  
Mudos Maestros, en quien mudo aprendo  
Los rumbos más seguros,  
Y encuentro los pasados, y futuros:  
Cuya leccion sagrada,  
Haze la soledad más regalada;  
Las acciones regûla,  
Y el espirito avisa, y estimûla;  
Avivienta la Idea,  
Y todas las passiones señorea;  
Theforo enfin, que por los ojos logra  
El Alma, y Alma que en su aliento cobra.

Tambien en mi Jardin gasto algun rato,  
Por hazer exercicio,  
Y pagarle el fragante beneficio,

Que

Que me ofrece barato:  
 En aliar sus quadros me entretengo,  
 Yà con la Azada, ò con la hoz igualo  
 Pequeñas lomas, y arbolillos tiernos,  
 Que transplantedos tengo;  
 Yà la hortelica para mi regalo;  
 El Ravano, y la Versa,  
 La Lechuga, la Col, y otra diversa;  
 El Ajo, y Berengena,  
 La Cebolla, y el Navo,  
 El Bledo, y la Chicoria que entrecavo,  
 Aliño, y riego con mi propria mano;  
 Aunque tengo hortelano,  
 Que esta mi huerta ordena;  
 Mas pareceme a mi que en trabajallo,  
 Quando la como, mejor gusto le hallo.

De yervas diferentes,  
 Que para enfermedades son urgentes  
 Remedios, y eficâces;  
 (Sin mendigar de Phármacos compuestos,  
 Ni Recipes de Medicos molestos)  
 Que estes de acà son puros,  
 Màs ciertos, màs seguros,  
 Liberales, nò escasos;

Que

# En el Retiro. 63

Que la experiencia enseña,  
Y de los Brutos deprendimos todos:  
Conservo en esta huerta de mil modos;  
Que como carecemos de Botica,  
Doctor Necesidad nolas aplica.

Y en las diversas flores,  
Que componen Tapetes de colores,  
La hermosura contemplo;  
Y alabando el Creador en ellas, veo  
Quando más en mirallas me recreo,  
Que cada qual me ofrece algun exemplo;  
Cuya moralidad me dexa satisfecho,  
Y aun tiempo me deleyto, y me aprovecho,

La de todas más suave  
En el olor; más grave  
En el color: aquella  
Del Cielo flor, si del jardin Estrella;  
La que viviente grana,  
Esplendido coral de la mañana;  
La que Rubî florido,  
En lecho de Esmeralda ès concebido;  
La Rosa, que preciada de escarlata,  
Con tantos pundonores,

El

El Imperio se usurpa de las flores,  
 Y como Reyna del jardin se trata:  
 En su misma beldad desvanecida,  
 Fragil retrata nuestra humana vida;  
 Puès quando màs de su fragancia arroja,  
 Poco viento la encoge, ò la deshoja.

En el Clavel hermoso  
 Principe de las flores orgulloso,  
 Regia Purpura admíro,  
 Del Murice color, labor de Tiro;  
 Y en sus fragantes hojas,  
 Yà purpureas, ò rojas  
 Lenguas contemplo de Carmin que alaban  
 De su Creador la gran soberania,  
 Defatada en aromas su harmonia.

En la Afucena ayrosa,  
 De Juno blanca Rosa,  
 Que nasciendo en crespusculos de nieve;  
 Y esparziendo candores,  
 Ostenta sus dorados resplandores,  
 Con que el jardin la reconoce Aurora,  
 Por màs que el yelo a su candor se atreve;  
 Miro la Castidad, cuya pureza,  
 El menor accidente,  
 La destruye, ò la mancha facilmente. El

# En el Retiro. 65

El Girasol atento

Al Sol que mira, cuyos rayos copia,  
De sus doradas hojas en la copia,  
O bien en su imitado movimiento,  
Me roba el Alma, y me cautiva el gusto,  
Por parecerse tan al vivo al Justo;  
Que al Sol indeficiente,  
Al Rayo omnipotente,  
Siguiendo vá con amoroso anhelo,  
Y al movimiento mismo de su Cielo.

Tambien en las Albahacas me divierto,  
Yà sus doradas hojas argentando  
Con plata de las vallas,  
Que cercan el jardin por màs concierto;  
Yà sus pimpollos tiernos afeitando:  
Y quando al tóque de mi mano, siento  
Llenar de olor el diafano elemento;  
En ellas veo la humildad copiada,  
Puès màs olor despide, màs ajâda.

En las chicas Violetas,  
Que aun antes de nascidas,  
Ocultas, y secretas  
Huelen Auroras de sus proprias vidas:

I

La

La virtud confidero ;  
 Cuyo olor verdadero  
 Por màs que occulto estê , donde este mora,  
 Alva se excita , y se descubre Aurora.

De aquestas florezillas , y otras muchas ;  
 Aunque gustoso pienso , que me escuchas ,  
 Por nò fer màs prolixo , nò te pinto  
 Su hermosa compostura ;  
 Que nò ès ( Ergasto ) el enfadar cordura :  
 Mas nò la flor , que en termino fucinto  
 Mysterios singulares  
 Abraça , prodigiosa  
 Emula del Clavel , y de la Rosa ;  
 Dexarê de pintarte ;  
 De cuyo assunto infiero ,  
 Que devo de fer yò el Pintor primero.

Cuyo boton , que ès cuna de Esmeralda ,  
 Cinco lenguas arroja ,  
 Cada qual dividida por su parte ,  
 Sin que la una al otra se trashoja :  
 Formando juntas , bella  
 De purpura , y de nieve hermosa Estrella.



Sirven estas de falda

A otras más crecidas

Cinco, también hermosas, divididas

En forma de otra Estrella; nacaradas

Por fuera; entrechafadas,

Llenando los vazios

De las más inferiores;

Cuyo interior iguala los colores;

Ostentandose juntas,

De purpureo arrebol salva en diez puntas.

En el ambito breve

Una pequeña mancha está de nieve

Al medio de su espacio,

Que compone un rivête

Un tanto levantado,

Que para basa sirve, ò fundamento;

Donde tienen su candido cimiento

Setenta y dos espinas;

En color peregrinas;

Blanco, rojo, y morado;

En circulo redondo;

Con las puntas hiniestas

En donde se eslabona

Obsidional Corona

Con partes manifiestas,  
 Cuyo centro ès a modo de retrete  
 Salpicado de purpura a los lados;  
 Y de coral, al fondo:  
 Donde nace una caña  
 A modo de Pilastra, ò de Coluna  
 Con el labor estraña;  
 Cuyo pie remeda al de Cruzero  
 Labrado todo entero  
 Con diferentes frisos,  
 Emulo de los marmoles màs lisos.

Es esta caña de un cañuto solo,  
 Que remata en lo alto,  
 Con tres clavos bien hechos,  
 Encima un botonzillo,  
 Nò de secretos, ni de Egnimas falto:  
 De cuyo pie pendientes  
 Estàn en breves trechos,  
 De color amarillo,  
 Con igualdad decentès,  
 Cinco escudos curiosos,  
 Partidos por el medio  
 Con pequeñas cisuras;  
 Dibujos tiernos, palidas figuras

Con

II

De

# *En el Retiro.* 69

De otros cinco piedosos;  
Con quien nuestro remedio  
Obrò con dolor vivo,  
De mi mal compassivo,  
Por mi error temerario  
El Opífice eterno en el Calvario.

Portentoso Theatro (Ergasto) admira  
En esta Flor divina, donde atenta  
De Christo la Passion se representa:  
Admire-te el prodigio  
De tan Santo vestigio,  
Y dentro de ti mismo te retira;  
Veràs los instrumentos,  
Clavos, Corona, Cruz, y otros portentos  
Al vivo dibujados,  
Y en tan pequeño espacio dilatados.

Mas bolviendo a contarte  
El modo de mi vida;  
Digo, que destas flores  
Officiosamente, aunque sin arte,  
Con modo, con medida  
Varios quadros compongo;  
Donde atento dispongo

En

En sus estancias, flores, y colores:  
 Unas ingiero donde otras faltan,  
 Estas cerceno, quando se adelantan;  
 Aquellas acreciento,  
 Quando les miro flaco el fundamento;  
 Y a la que menos crece,  
 Tambien le busco modo  
 Para ser mi desvelo igual en todo;  
 Con que el jardin parece  
 Confuso Labirinto,  
 Que en termino sucinto  
 Presos a todos los sentidos tiene.

Con esto honestamente se entretiene  
 El interior, y el exterior sentido,  
 Para que el alma afloxe  
 Al arco debil la estirada cuerda;  
 A nuevo aliento acuerda,  
 Nuevo vigor descoje,  
 Y tan altos despues haze los tiros,  
 Que alcançan donde alcanfan mis suspiros,  
 Dando en el blanco, que me diò la vida  
 Menos cansada, y màs entretenida:  
 Pero tu en tanto, en otro Ramo (Amigo)  
 Notarás quanto en el cantando digo.

Ramo

**Ramo quarto.**

**D**Esde mi huerta , ò jardin frondoso ,  
Passo tal vez al Mar , y tal al Rio ;  
Dò en un barquillo mio ,  
Pequeño , y curioso ,  
Que me espera en la una , ò en la otra orilla :  
Sulco con el los campos de Nerêo ,  
Peyno la azul guedexa ,  
Quando peynar se dexa  
De los ligeros remos ;  
Y en tan gustoso empleo ,  
Donde el deleyte medra ,  
Ando de piedra en piedra ;  
Registro de Neptuno  
Los Senos , uno a uno ;  
Sus diafanos alcobas ,  
Las arenas , las algas , y las obas ;  
Ni aun escondrijos dexo ,  
Donde hallo el Cangrejo ,  
El Sirî , el Caracol , Ostra , y Lagosta ,  
Macacû , y Sururû , con poca costa ;  
La Tariôva , el Ufâ , que entre raîzes

De

De los Mangales vive ;  
 El Bomboà , Berbigon , Uñas de Vella ,  
 A quien llaman Boâpèma  
 Los Indios , y aun aquella  
 Que del Cielo recibe  
 El transpariente , y liquido rocio  
 ( Que en Aljofar se quaja hermoso , y frio )  
 En la sabrosa Lapa ;  
 Ni aun nada deste genero me escapa :  
 O yà con menos maña ,  
 Los engaños de red , tiendo o la caña ;  
 Y Agricultor me ostento de ambos Nilos  
 Cogiendo Pezes , donde siembro hilos.

Quando se esconde el Sol , y de los montes  
 Baxan las sombras a ocupar el valle ;  
 Y de Neptuno la veloz corriente  
 Menos se vè en la playa , y más se siente :  
 Al tóque repetido  
 Del sonoro metal , que nos avisa  
 ( En estes Horizontes )  
 Ala oracion Angelica precisa ,  
 Que desde esse Babel suena al oydo ;  
 En las claras orillas ,  
 Devotamente hincamos las rodillas ;

Y

# En el Retiro. 73

Y con el Angel, que me diò su nombre,  
Repetimos el Ave  
A la Fenix suave;  
A la de gracia llena;  
Palma, Ciprèz, Oliva, y Azucena;  
A la Virgen Divina,  
Aurora, Sol, Estrella matutina;  
A la Planta olorosa,  
Balsamo, Mirra, Cinamomo, y Rosa;  
A la Torre eminente,  
Ciudad, Espejo, Huerto, Poço, y Fuente;  
A la candida Garça,  
Paloma, Nieve, Puerta, Escala, y Zarça;  
A la ardiente Coluna,  
Nube, Mañana, Luz, Oriente, y Luna;  
Al soberano Plaustro,  
Arca, Trono, Santuario, Templo, y Claustro;  
Al Patrocinio cierto,  
Guia, Amparo, Camino, Auxilio, y Puerto.

Rezada en fin el Ave, y aun las Aves  
Devotas, y suaves,  
Parece, que la refan  
Quando en silencio a recogerse enpieçan,  
Gozosos nos bolveremos,

K

Cada

Cada qual de su pesca acompañado ;  
 Unos con su pescado ;  
 Otros con su marisco ;  
 Aquellos a su Aprisco ;  
 Estes a sus barracas ;  
 Y yò para mi Albergue deseado ;  
 Como el Ave a su nido ,  
 Como piedra a su centro ,  
 Porque el gusto mayor se cifra dentro  
 De lo màs retirado , y recogido .

Yà despues de la cena ,  
 Talvez se buelve al mar ; si se le ordena  
 Su blando movimiento , y nos combida  
 A que con hasta del Arpon se mida .

Quien podrá referirte ,  
 ( Ergasto ) y numerarte ,  
 Y por menor dizirte ,  
 O por mayor contarte  
 La variedad de pezes , que se cogen ,  
 Si à la luz , que se lleva , se recogen .

Los Sargos , y a el Dentádo ;  
 Con la Carâpiasava enparentado ;



O el de beyso ; Roqueros ,  
Se fisgan entre peñas , y agujeros ;  
O el Arpon reforçado ,  
De sus cavernas claras ,  
Los saca a ver la luz mal de su grado.

La sabrosa Garòpa ,  
Tambien figue esta tropa ,  
Y muere donde mueren  
Los Meros , y Abadejos :  
De las peñas no lejos ;  
Ni dellas apartadas ,  
Las Crocròcas se cogen regaladas ;  
Las alvas Garapèvas , peces Penas ,  
Que amigos son de chinas , y de arenas ;  
Delicados Labarros ;  
Que Salmonetes , raros  
En estes climes viven ,  
Pues apenas en ellos se conciven.

Las Pescadas salvages ; y las chicas ,  
Que para enfermos son muy apreciadas ;  
La Cabra , el Roncador , y Papatierra ;  
El Pampano dorado ,  
El rastero Lenguado ,

Las Azevias ricas  
 Al gusto desta tierra,  
 Quando comerse fuelen con vinagre.

Aqui el Bejùpirà, que de los pezes,  
 Tiene de Rey las vezes;  
 Cojo; y con el, la Anchada, y las Anchovas  
 Tiernas, y regaladas con sus ovas:  
 Aqui el bermejo, de color de almágre,  
 Delicado de polpa, y de sabores,  
 Con las Arrayas, grandes, y menores;  
 PESCO tambien: y el Bolador extraño,  
 Que aunque alas tiene, nò escapò de engaño.

Y envez de Albùres nuestros, y Besùgos,  
 De Lisas, y de Barbos,  
 Que el Hebro tanto abunda,  
 Y al mar de nuestra España se redunda,  
 Los Peratìs, Taiñas, y los Pargos  
 Pescamos, y otros muchos,  
 Que por ser infinitos nò refiero,  
 Y ès bien, que alla se queden en vivèro.

Recogemonos todos,  
 Con varios pezes, que en diversos modos  
 Lleva la vil canalla; Yà

Yà presos por la agalla,  
Yà en cestos recogidos, ò ensartados  
En sipôs, que son mimbres dilatados,  
Cuerda comun, que a todas partes cogen.

De esta fuerte contentos se recogen,  
Cada qual a su Alcova,  
Por nõ dezir Sanzâla,  
Que la pagîsa choça se le iguala;  
Dò en catres de Pindóva  
Cogida por los Rios,  
Treguas dan al cuydado: y yò a los mios  
Tambien les hallo modo,  
Con quien me fatisfago, y me acomodo.

Antes (però) de recogernos todos,  
Digo de la Familia de mi casa,  
Con pausâdos periòdos  
De sonora harmonia, en nada escasa  
De triples, que administran los hijuelos,  
Musica, que penetra hasta los Cielos,  
Dividida en dòs Coros,  
Atentos, y sonoros,  
Alternativamente repetimos  
Cincuenta vezes la màs dulce, y suave

Sa.

Salutacion Angelica del Ave:

Y en cada dezenario

De rosas, que oficiósa el alma aplica,

Devotos engirîmos.

La oracion Dominica,

Logrando por lo menos,

En esta ocupacion de nuestro afecto,

Del jardin de los Cielos el Rosario;

Cuyo Divino efecto,

Si en devida atencion ès exprimido,

Y al fin, que se pretende dirigido,

Puede en la Virgen tanto,

Que al màs gran peccador buelve en gran

Santo.

O' Ergasto, quien supiera

Obrar lo que aqui cuento, de manera

Que a merecer llegàra

De tan divino efecto luz tan clara,

Que entre el hierro soèz de mis tinieblas

Fuesse mi guia, desterrando nieblas:

Mas ay, que qual Campana,

Se ostenta mi voz vana,

Puès llamando a la Iglesia aprissa, aprissa,

Se queda fuera sin gozar la missa,

Viniendo a ser, de su sonoro Idioma,  
Quien menos se aprovecha, y menos toma.

Mas nõ repares tu en lo que yò hago,  
Si ès que mis yerros, y maldad conoces,  
Repara en el sonido de mis voces;  
Que si son buenas, y imitarlas quieres,  
Y lo que pierdo yò ganar supieres,  
Mucho me fatisfago,  
De que entres tu a lograr lo que yò llamo,  
Serviendo-te mi voz de fiel reclamo.

Despidido puès yà el hermoso dia,  
Despuès que a Dios se lo dexé ofrecido  
Con la suave harmonia,  
Y canto repetido  
De mis tiernos hijuelos simplezitos;  
Mis penurias, mis males exquisitos,  
Templo con ellos, viendo que animando  
Me estan, quando llorando;  
Puès me parece a mi, que quando lloran,  
Con equivocadas voces me enamoran;  
O que con balbuziente  
Lenguaje, quieren que sus ayes sienta  
El maternal afecto, porque sean

Del

Del néctar, que desean,  
Socorridos; nõ dudo,  
Que tanto el natural enseñar pudo;  
Pension forçosa en nuestra humana suerte;  
Por nõ incurrir en pena de la muerte,  
Y nadie havrá, si en el comer consiste,  
Que pagando-la bien nõ se resiste.

Màs dexando esto assi, mi rumbo figo,  
Y solamente digo,  
Que entre uno, y otro abraço afectuoso,  
Anhelan mis chiquillos su reposo;  
En cuyo arrullo apretado, ò estrecho,  
Tambien hallo yò el mio en blando lecho;  
Campo de paz, palestra del sosiego,  
Talamo del Cupido permitido,  
Que nõ se logra sin aver Cupido;  
Porque el Santo Himeneo  
Convierte en obras, lo que fue deseo;  
Donde con puro amor, con pura llama  
Reciproca me llama  
La mitad de mi vida,  
La mitad de mi alma,  
Si dos en una unida,  
Hiedra racional, sin embarazos;

Tre-

Trepa, qual vid hermosa, la alta palma  
Con intrincados, quanto honestos lazos.

Y puès yà recogidos  
Con gustos, y plazeres repetidos,  
Aqui, Ergasto, te pinto nos hallamos,  
Justo ès tambien que aqui nos recojamos,  
Hasta ver de otro dia,  
En que mi ocupacion se emplea, y fia.

Porque segun se ofrece,  
Y a la vista parece,  
Entenderàn nò hay màs que lo contado;  
Aunque si ponderado  
Lo tienes, yà te escucho;  
Y si dixeres que aun me falta mucho,  
E's assi, bien lo advierto,  
Bien tu razon entiendo,  
Pues quieres, que te vaya describiendo,  
Si nò con más concierto,  
Con menudencias más, de mis empleos  
Nuevas ocupaciones, y florêos;  
Mas como las reparto  
En varios dias, como en varias horas,  
Nò ès possible que en uno solamente

L

Te

Te pueda comprehender sucintamente  
Lo que exerciendo estoy muchas Auroras.

Pero para que veas  
Lo màs que dezir puedo a lo que apuntas,  
Sin màs respuestas, ni sin màs perguntas  
( Puès obligarme fabes )  
Y mi aficion alabes,  
Por ver lo que deseas  
Oye, Ergasto, en voz alta,  
Parte de lo que falta;  
Y aunque en todo sucinto  
Podrà ser te contente el **Ramo quinto.**

**Ramo**



## Ramo quinto.

**L**A noche apenas de su curso iguala  
Las perezosas horas,  
Y el gallardo Memnon riendo señala  
La venida del dia,  
Anunciando Auroras,  
Enbuelto en oro, y grana,  
Crepusculos rompiendo a la mañana,  
Sacando el Sol la frente  
Por el balcon dorado del Oriente:  
Quando buelve la luz: yò ami exercicio,  
Que tengo por officio;  
Y esparziendo despues al viento vago  
La vista, veo en el salado Lago;  
Màs oye lo que veo,  
Repara (Ergasto) en mi nuevo empleo.

Al de Amphitrite Albergue, y su descanso,  
Miro campos de Estaño, quando manso;  
Yà Sierpes de cristal, quando traviesso;  
Mas quando buuelto aviesso

Su altivo movimiento,  
 Y en todo su elemento  
 Furioso se defata,  
 Blandos miro de Naves mil colchones,  
 Puès les sobra la lana, y algodones  
 En las blancas espumas,  
 Que buelan como plumas  
 Entre montes de sal, riscos de plata.

Yà miro en otra parte,  
 Sin el arte, y con arte,  
 La varia compostura,  
 Que al cuydado enseñò la Agricultura,  
 Con varios atributos,  
 Que en el campo atesora,  
 En los montes, y valles, bella Flora;  
 Como Vertuno cantidad de frutos.

De Naranjos gallardos,  
 Yà Chinos, yà Españoles,  
 Que nunca en frutos tardos,  
 Matizan de arreboles  
 Entre hojas de Esmeraldas,  
 Para mayor decoro,  
 Hermosos pomos de oro,

Pue-

Pueblan los campos, con tan anchos fueros,  
Que aun los Montes incultos son primeros.

De Limas, y Limones,  
Toronjas, y Cidrones,  
Prodigos desperdicios  
Se ven en este Clime,  
Por màs que el Norte tanto aprecie, y estime.

Con su agrio delicado  
La Pitanga se ostenta fruto amado;  
Rubî encendido, cuyo aspecto alinda  
En color, y fabor quasi a la Guinda.

Y la Guarimîxâma,  
Que al apetito llama,  
Quanto el hastîo quita,  
Menos Corona, a la Cereza imita.

Colgados a Razîmos  
Plantanos miro dulces, quanto opîmos,  
Cafero fruto ès, firve de aliento  
Por gula a unos, a otros alimento.

Los

Los Ananás sabrosos,  
 Quanto a la vista hermosos;  
 Coronados de hojas por laureles;  
 Emulos de las piñas de Cibeles,  
 Si en el color de pomos de Cidalia;  
 Son confeccion de Azucar, y de Algalia.

El Maractîjá, raro  
 Por la flor, de quien yà hize el reparo,  
 Maduro, y fazonado,  
 Gualdo en color, en el aspecto ovado.

Y el otro pequeñuelo,  
 Que mucho menos crece,  
 Y Perilla parece  
 De color naranjado,  
 De quien se ostenta prodigo este fuelo,  
 Mirî, y el otro, Ufû; y ambos pasados,  
 Son mejores àl gusto, y regalados.

La amarilla Guayâva,  
 Que a nò ser tan comuna,  
 Fuera màs estimada, y oportuna  
 Al ser de su decoro,  
 Puès su facilidad ès su desdoro.

La

La Agibútícáva,  
Que como goma por los troncos nace,  
Y al gusto satisface  
En forma peregrina  
Iguala, aunque sin huesos, con la Endrina.

El sabroso Arazâ, que qual conserva,  
Se parece a la cerva,  
Digo el Mirî, ò menor, que menos crece,  
Que el mayor, a la Nispola parece.

El Cayù artificioso,  
Yà por su palidez vanaglorioso,  
Yà por su castañuela corcovada,  
Sabrosa quando asada,  
O' yà por su carmin resplandeciente,  
Aunque rispido, al gusto se consiente.

El Cayáz, cuyo nombre  
Es justo que me asombre,  
Puès si a comer-se llega,  
Ay del fugeto, que a su afecto entrega  
Su libre voluntad, que aunque sagrada,  
De la Patria se olvida màs amada.

El

El Jaraquitiâ de color de oro,  
 Que a punçadas le escarvan su tesoro,  
 Puès para fer comido,  
 De la leche que guarda, ès esprimido.

La Sapocáya altiva,  
 Frondosa, y levantada,  
 Por màs que se vè esquiva,  
 Erguida, y abultada,  
 Sus castañas ofrece, que en botijas  
 Arrimaditas cria como hijas.

El Engâ, que Algarrova  
 Parece, y nõ tamaña  
 A las que cria nuestra amada España;  
 El Patî, Indayâs, y el Coco duro,  
 Cuyo miollo ès leche, y azucar puro.

Los Cardos de Ananâs, que por las peñas  
 Se crian, como greñas,  
 Cuya carne ès de nieve, en lo accessorio,  
 La piel vermeja, y tripas de Abolorio.

Aquella, a quien sus granos, ò granates,  
 El nombre dieron, de quien oy blasona,

Tan-

Tambien acá le dieron la Corona,  
Las frutas desta esfera,  
Por más que en ella sea forastera.

El palido Membrillo,  
Quicà de miedo, que tomó al cuchillo,  
Que en quartos dividido,  
Se mira convertido  
En carne dulce, quando confitado;  
Y aunque calificado,  
No obstante el ser que tiene de Estrangero,  
Fertil produze acá, como casero.

Ni menos las Sandías,  
Opuestas siempre a calurosos dias,  
Abultadas, y aquosas,  
Al paladar sabrosas:  
Y el letrado Melon, que el necio alabe,  
Si en las letras profesa que nõ sabe.

Las Vides con los troncos abraçadas,  
A muchos sitios firven de doceles  
En diversos Atlantes sustentadas;  
Donde Baco en razimos  
Regalados, y opîmos,

M

Co:

Coronando de pampanos las sienes,  
 Los ardores impide con Canceles,  
 Del amante gallardo de Climenes.

Estas, y otras mil frutas,  
 Que por nõ ser prolixo nõ refiero,  
 Llenan el gusto, y dan al apetito  
 Dulces, y agrias, humedas, ò enxutas,  
 Con solo ver, hartazgo verdadero,  
 Por modo extravagante, y exquisito.

De Plantas, y Raizes diferentes,  
 Que son para la vida ingredientes,  
 Y alimento comun destes Paizes;  
 Quien podrá, quien, dezirte,  
 (Ergasto) y referirte  
 La copia fertil, que este clime cria?

Tiene el primer lugar destas raizes,  
 La que suple configo  
 Faltas del rubio Trigo;  
 Digo la Mandióca,  
 De quien se haze la harina,  
 Que ès Pan de cada dia;  
 Yà el Bolo, yà el Beyjû, y la Tapioca:

Y



Y el Carimá tambien, que por dolientes  
Se prepára con caldos excelentes,

La Batata saúmada,  
Que después de cogida,  
Al huméro se pone recogida;  
Para que sea al gusto más preciáda.

El Carátayafû, Cará mimoso,  
Carahuna sabroso,  
Caránbóya, el Aypî, Tamátárána;  
El Berî, Carâyté, los Mangarazes,  
El Menduî, la Tayóva,  
Con la Tañápoá: estrañas frases  
(Ergasto) aqui me escuchas,  
Mas nó te maravilles de ser muchas,  
Que fuera en mi accion vana  
Quererte-las contar sucintamente,  
Por ser su muchedumbre indiferente.

Las plantas más lozanas, y abultadas  
Las Calabaças son vanas, y inchadas;  
Todas orgullo vil, llenas de viento,  
Y sin más fundamento,

Al fin son Calabaças,  
Que siempre ocupan anchurofas plaças.

Habas de las comunas,  
Que llaman en Sevilla Tarragonas,  
Aqui cultivo algunas,  
(Y nõ con poca gloria  
De reduzirme el nombre a la memoria,  
El de mi Patria amada,  
Màs de mi apetecida, que gozada )  
Y con màs abundancia,  
Aunque en menos jaçtancia,  
Si mi exercicio abonas,  
Cojo de naturales;  
Tales al guſto, y en colores tales;  
Que a las otras exceden numeroſas;  
Tan varias como hermoſas,  
Negras, blancas, pagiſas, y bermejas;  
Y algunas de liſtadas,  
A quien por competencia,  
(Y a todas las que aqui tengo pintadas  
Con galante apariencia)  
Imita de Friſuelos muchedumbre,  
Copia mayor de toda la legumbre.

Y en lugar de Lentejas,  
Yà nuevas, ò yà añejas,  
Chicharos, Garbanços para enfermos  
Cojo en los valles, campos, montes, yermos;  
El Guandù, y Mangalò, siempre afamados,  
Para sanos, y enfermos estimados.

De Gergelì, y Manduì, recojo a veces  
Cantidades, que gasto en colaciones,  
En vez de higos, passas, y de nuezes,  
Y de nuestros piñones,  
Almendras, y Avellanas,  
Que en algo se parecen tostaditos;  
Como el Aypì, a castañas reboldanas.

Ni tan poco me falta para el pasto  
Ordinario, y comun, y de màs gasto,  
El Arròs blanco, que aqui siembro, y cojo;  
Y aun que en beneficiarlo el pie me mojo,  
Tambien en el atino,  
Que vive en agua, porque muere en vino:  
Y assi quasi infinitos  
Gozo diversos, como estraños, frutos,  
Deste suelo excelencias, y atributos.

Tan-

Tambien por otras partes  
 Las Cañas en hileras  
 Miro, que como Martes  
 Me parecen Soldados,  
 De pardas plumas todos coronados.

De los troncos de Alcides,  
 Ni de aquellos, que enbian a las lides,  
 Armas para vibradas,  
 Nô miro acà las margenes pobladas;  
 Ni de fecundos arboles los cetos;  
 Ni el bosque con Abetos;  
 De otros si, màs altivos,  
 En vez de Alzenas, Alamos, y Olivos.

El gran Jaquitibâ, siempre robusto;  
 Como el Iriribâ, y el Olio adusto;  
 La Arerîba, el Viñatico, y el Louro,  
 El Angelin, Ipè, Mofarandiba,  
 Los dos Carandás, Mufútaîba;  
 Buraèn, la Perova, Urucaràna,  
 El Tapapiñoà, Brasil, Canela,  
 La Tatagîba, el Cedro,  
 Con las dos Bicoibas, de quien mana  
 ( Si a sus nuezes se anhela )

El

El unguento precioso,  
Que para achaques varios ès famoso:  
El Utì, el Piquiá, los Salsafrazes,  
Para curas de enfermos eficazes;  
La Marácánàiva, y Goyàvèra;  
Con la frondosa Higuera,  
Que sirve como Corcho de Alcornoque;  
Los dos Cuticàêns, el Sóquesóque,  
Y las dos Sapocàyas,  
Por lo robusto, altivas Atalayas  
Del Bosque: y otros tales,  
Que parecen iguales,  
Se ven con propiedad tan encumbrados,  
Que quieren enpinados,  
Conpetindo con Pinos de Cibéles,  
Medirse con los altos chapiteles;  
Y descubriendo el monte  
Ver como sale el Sol en su Orizonte,  
Que aun a las plantas sirve de contento,  
Bolver los ojos a su nacimiento.

Y que harè yò en el mio?

A quien anhelo (Ergasto) quanto fio  
De mi esperança el logro, que nò atino;  
Mas entretanto a escucharte inclino

El

El provecho moral, que en lo que digo;  
 Y tu escuchado tienes,  
 Llanamente consigo;  
 Que si en esto convienes,  
 Y el nuevo Ramo, con cuydado adviertes,  
 Y en mi afecto (que ès tuyo) te conviertes,  
 Podrà ser te aproveches,  
 Y el engaño deseches,  
 Que como a mi otro tiempo me tenía  
 En lo que màs viviendo me morìa,  
 Perdido, y engañado  
 Con nécia confiança:  
 Que tanto puede, tanto aqui se alcanza  
 En estas soledades,  
 Templos de desengaños, y verdades:  
 Escucha puès en tanto,  
 Que tomo aliento para el otro Canto.

Ramo

**Ramo sexto.**

**L**evanta Musa más el pensamiento,  
Y a nuevo auxilio aspira; a nuevo aliento  
Me enpresta voz más alta;  
Para que de mis versos,  
Si nó tan puros, suaves, ni tan tersos,  
Suplas con tu favor lo que les falta:  
Mas si ès Maria toda mi Thalía  
Todo el favor espero de Maria.

Continuando puès, Ergasto mio,  
De mis ocupaciones  
Estas ò aquellas varias estaciones,  
Alguna utilidad siempre procuro:  
Talvez moralidades conjeturo;  
Y tal, si en ellas fio,  
O' que de pensamientos, que discursos,  
Nò forma la razon en sus recursos?  
Y para que los veas ponderados,  
Oye-los cincopados,  
Y añadamos el hilo

N

De

De lo que aqui te cuento  
 Con nuevo modo, en màs subido aliento,  
 Si en otra forma nò, con otro estilo.

Por otras partes, puès, curioso miro  
 La de màs variedad, y a todo aspiro;  
 Escucho de las Aves  
 Unas voces agudas, y otras graves;  
 Y acordes, me parece,  
 Que en lirica armonia  
 Le dan las gracias al Autor del dia;  
 Puès cada qual con passos de garganta,  
 Sus beneficios cuenta, quando canta.

Con lenguas de sus écos  
 Oygo hablar a los concavos, y huecos;  
 Veo reír los prados,  
 Preguntar los sembrados,  
 Y responder la fuente,  
 Que todo acá presume de viviente.

Y en fin los campos, fotos, montes, y Aves,  
 El mar, las selvas, arboles, y frutos,  
 Las Fieras, y animales,  
 Y quanto se divisa

En



En toda la campaña,  
Con lengua perceptible, bien que estraña,  
Sin lisonja me avisa,  
Y en la vicissitud del mismo tiempo,  
Todo me desengaña,  
Y está como diziendo-me que vea  
Como se passa todo,  
Sin que se advierta, ni perciba el modo;  
Puès succede àl Aurora el Sol dorado;  
La tarde à la mañana;  
A la tarde la noche, horror del dia;  
Al dia la semana;  
Luego los meses, y despues los años,  
Los lustros, con los siglos, las edades,  
Que han de venir a ser eternidades,  
En cuyo fin iguales  
Somos, ò Ergasto, todos los mortales.

Conozco acá mi engaño,  
Y como el que prudente  
De larga enfermedad convaleciente  
Con escarmiento adquiere el desengaño,  
Y atiende a la templança,  
Cuyo provecho con el daño alcança,  
De aquel error passado,

Sinò libre del todo , mejorado ;  
 De afectos màs desnudo ,  
 Con la experiencia mi salud ayudo .

Contemplo acá tambien los devaneos ,  
 Los diversos empleos ,  
 Y los discursos vanos ,  
 Que padecemos todos los humanos  
 Encontrados en todos los deseos .

De lo que el uno llora , el otro rie ;  
 De lo que este se agravia , aquel se engrîe ;  
 Donde este teme , ò llora la deshonna ,  
 Establece risoño aquel la honra ;  
 Lo que este por inutil desperdicia ,  
 Aquel por su mayor util codicia ;  
 El uno olvida , lo que el otro llama ;  
 Lo que este encarece  
 El otro vitupera , y aborrece ;  
 Y lo que aquel recoge , este derrama :  
 Con que apenas en tantos pareceres ,  
 Concuerdan los pesares , y plazeres .

Este sigue la paz , aquel la guerra ;  
 Este trafiega el mar , aquel la tierra ;

Este

Este desde su estudio mide el Cielo,  
Y inmoble aquel se espacia por el suelo;  
Este quiere el ruído de la caça,  
Y aquel más el bullicio de la plaça;  
Este procura el ocio,  
Aquel sigue la causa, y el negocio,  
Y deste modo, nada  
De quanto agrada al uno, al otro agrada.

Esto se toma en las inclinaciones,  
Mas donde estan los daños,  
Y mayores engaños,  
E's en las mal fundadas opiniões.

El parlero se dà por eloquente;  
El temerário passa por valiente;  
El rigido por justo;  
El lascivo por hombre de buen gusto;  
La mentira ès ingenio, y agudeza;  
La fatira, y el chiste, honor pulido,  
Y su Autor ès jovial, y entretenido;  
La humildad ès baxeza;  
Pundonor la vengança;  
La afectada lisonja ès alabança;  
La cautela ès prudencia;

El

El artificio del astuto ciencia;  
 Y el loquaz insolente,  
 Passa en nuevo lenguaje por corriente.

Llama-se fantidad la hipocresia;  
 El silencio ignorancia;  
 El valor arrogancia;  
 La prodigalidad cavalleria;  
 Al sotamano, y coecho,  
 Que comunmente admiten por provecho,  
 Nombran galanteria;  
 La detraccion donayre,  
 Y el nò seguir esta opinion desayre;  
 El ser vicioso ès gala;  
 Estilo que ni el barbaro lo iguala,  
 Y el faltar el amigo àl confidente,  
 Es yà cosa comun entre la gente.

Con tan falsos juicios  
 Se doran de virtud entrambos vicios;  
 Y creciendo el abuso,  
 El modo de peccar se buelve en uso;  
 Y profigue la culpa  
 Con apariencia vana de disculpa.

O' si agora Democrito viviera,  
Como de los mortales se riera,  
Y como en su opinion màs bien fundada,  
Sus delirios Eraclito gemiera;  
Porque nunca la vida,  
Ni màs digna se halló de ser reida,  
Ni màs digna se vió de ser llorada.

Mas como la virtud resplandeciente  
Habita en un lugar tan eminente,  
Que raros la conocen; a su casa,  
Por caminos fragosos,  
Arduos, y pedragosos,  
Se camina: y nõ en vano  
Silio a Scipion lo dixo, el Africano.

*Casta mihi domus, & celso stant colle penates,  
Ardua saxoso deducit semita clivo.*

Causa eficaz por quien los hombres todos  
Corriendo a lo màs facil, y suave  
Por diferentes modos,  
Abraçan el deleyte;  
Pareciendonos grave  
Lo que màs nos conviene, y aprovecha;

En.

Engañados talvez con el afeyte  
 De una apariencia vil, que traen los males,  
 Haziendo àl Alma brecha  
 Con tiros desiguales,  
 Hasta quedar rendidos  
 A la miseria soêz de tantos vicios,  
 Que son los exercicios,  
 En que vamos perdidos,  
 Y al precipicio infausto encaminados,  
 Añadiendo pecados a pecados.

O' si las alas de Aguila, y de Buytre  
 (Mi Ergasto) acá alcançara,  
 Aquellas que inventó el sabio Empedocles,  
 Y cuenta Luciano,  
 Con que boló Menîpo siendo humano:  
 Que levantado buelo  
 Nò diera, deste baxo, y llano suelo?  
 Y en alto levantado,  
 Que abominables cosas nò mirara?

Que Estoycos Agatócles  
 Nò viera mi cuydado  
 Vendiendo, y litigando con desdoros,  
 Yà la sagrada sciencia,

Yà

• Yà la humana eloquencia?  
Y quantos Hermodoros  
Scientes Epicuros,  
Por menos de mil reales ser perjuros.

O' que Herofilos Cinicos,  
De pensamientos ínicos,  
Cediendo sin verguença, ni recato,  
La honra por el gusto, y el vil trato.

O' que de Tholomeos  
Incestuófos miràra, y que Thereos?  
Prognés, y Philomenas,  
Didos, Faustinas, Cleopatras, Silenas?  
Que pocas Artemisas,  
Y que raras Lucrecias,  
Cuerdas entonces, quanto agora necias?

Que Antiocos, de entrañas babilonicas,  
Gozando sus madrastras Strátónicas?  
Y que hijos de Athálos Licimácros,  
Preparando veneno por sus padres?  
Y que Antigonos torpes semicapros,  
Cometiendo adulterios con sus nueras,  
Como hijos de Gayo con sus madres?

O

O'

O' que enormes , que fieras  
 Culpas nõ viera fieras , y prolijas?  
 Que Cinaras nõ hallara con sus hijas  
 Incestuosamente?  
 Pecado escandaloso ,  
 Y que Arfazês nõ viera sanguinoso  
 Matando a su muger injustamente?  
 Que Caligulas viles , y tiranos ,  
 Con estupros mirára ,  
 Sus hermanas gozando?  
 Que crueles Dacianos?  
 Que Cesares hurtando  
 Los publicos Erarios?  
 Y que de temerarios  
 Manlios , y Dentatos?  
 Mas que pocos Torcátos?  
 Que muchos Catilinas detractores,  
 Reyes , Emperadores,  
 En viles detracciones?  
 Yà caçando Ratonas;  
 Yà moscas ; ò yà ranas ,  
 Pescando viento en balsas Lidianas?

Que Artábanos nõ viera con sus redes?  
 Y que Artaxerxes en hilar sentados?

Que



Que ahorcados Iphis viera en las paredes?  
Y que de descuydados  
En sus propios oficios,  
Mironides, Demetrios, y Dionisios,  
Que a sus propias amigas  
Cedieron el honor, y sus fadigas  
Afeminadamente?

Viera en fin claramente  
Rebueeltas por Semîramis, Affirias?  
Armenias, por Pincias?  
Romas, por Agripinas?  
Claudios, por Mefalinas?  
Por Mitridas, Damascos?  
Y bueltas en Peñascos  
Hermosas Galateas?  
Por Nerones, Popéas?  
Por Uxonias, Germanias?  
Por Bolenas, Britanias?  
Por Cavas, por Elenas,  
Grecias, y Españas de desdichas llenas.

Mas nõ veamos tanto,  
Que con solo en lo visto causo espanto;  
Pero nõ, nõ te admires,

108 *Ocupacion*

Ni te espantes, Ergasto, ni te assombres  
De tan diversos nombres,  
Ni de tan varios males,  
Que Menipo los viò tales, y quales;  
Que como ès ancho el mundo,  
Y los hombres tan varios,  
Como faciles, flacos, temerarios,  
En sus afectos fundo,  
Que pueden insolentes,  
Caer en desatinos tan patentes.

O' hombres necios, quien por esta vida  
Siendo tan fragil, breve, y sin medida,  
Ciego se precipita,  
Puès a penas nos dá lo que nos quita!

*O' stultas hominum mentes, ò pectora cæca, &c.*

Estád, ò hombres,  
Ciertos, que se dez haze  
El hombre, por màs nombres,  
Y titulos, que enlace,  
En tierra, y en lo que es tierra se resuelve;  
Y lo que del Cielo ès, para allá buelve.  
*Cedit item retro, de terra quod fuit ante in  
terra, &c.*

Mas

## *En el Retiro.* 109

Mas bolviendo a mi cuento,  
Aprovechando-me lo referido,  
Que por solido tomo fundamento  
Dentro de mi sentido,  
A la razon arguyo; y las razones  
Repito de las falsas opiniones,  
Que de todas las cosas  
Tenemos los humanos;  
Y infiero el horror, que padecemos  
En las que màs tenemos entre manos,  
Yà feas, ò yà hermosas;  
Y ès porque con el juizio escurecemos,  
O' porque ellas nò son lo que parecen,  
O' porque por su ser se desvanecen;  
Con que hallo al fin en todo,  
Por bien estraño modo,  
Desde estas soledades,  
Que todo ès ceguedad de ceguedades.

Y aun si mejor lo apuras,  
Ergasto, y ver quisieres claramente  
Quanto se alcança acá tacitamente;  
Hallarás que vivîmos  
Enbuelto en lo mismo que morîmos:  
Por esso en mil tropieffos

De

De casos tan adverbos, como aviéssos,  
 De contino topamos,  
 Yà aqui caêmos, yà allî nos levantámos:  
 Mas dexemos lo màs por otro Canto  
 Mientras descanso de cansarte un tanto.

**Ramo setimo.**

**E**Ste es, Amigo, el modo con que vivo,  
Y assi como lo passo, te lo escrivo;  
Este ès de mi alvedrio lo ocupado,  
Y assi lo passo como lo he contado;  
Este ès de mi destino  
La senda que me guia abuen camino;  
Y esta ès enfin la vida,  
Que ès màs por imitada,  
Seguida, y alabada,  
Que nò por perseguida:  
Y estes enfin de todos mis deseos  
Las delicias, los gustos, los empleos  
Son, en quien, como libro que està abierto,  
Estudio el rumbo, que conduze al puerto  
De la muerte, forçosa  
Carrera, breve, tarde, ò presurosa.

Aqui contemplo, y veo en lo que para  
La Corona, la Mitra, y la Tiàra;  
El grande, el pequeñuelo,

**El**

El Hidalgo, el Capelo,  
 El Villano, el Monarcha,  
 El alto Cetro, ò yà la humilde Abarca:  
 Y que tambien me espera  
 Siete pies de spelunca quando muera:  
 Que al fin todos morimos  
 En los mismos alientos que vivimos;  
 Donde todos forçados  
 Lagrimas blasonamos, y cuydados;  
 Que quando florecientes  
 Plantas fomos, gallardas, y excelentes,  
 Con tanta gentileza,  
 Menos edad se goza en màs belleza;  
 Que entonces caducamos,  
 Quando màs firmes nos parece estamos;  
 Entonces perecemos,  
 Quando màs encumbrados florecemos;  
 Flores al fin; en cuya pompa breve  
 El menor cierzo, ò soplo se le atreve;  
 Flores al fin; pero con tal subsidio  
 Como nos descriviò el meloso Ovidio.

*Nos quoque floruimus, sed flos fuit ille caducus,  
 Flammaque de stipula nostra, brevisque fuit.*

Y como en mis trabajos  
Penas, y desventuras,  
Disgustos, amarguras,  
Pendientes, y prisiones  
(Que por varios caminos, por atajos  
Diversos me embistieron,  
Tan de tropel, que como Tigres fueron)  
Como tu, Ergasto, sabes:  
Quiso Dios apartarme,  
Y en estas soledades colocarme  
A alivios más suaves,  
Donde del vil furor estoy izento:  
Y en tanto que sediento  
Otra vez no me coja,  
Y a su plazer, del mio me despoja,  
Estaré contemplando,  
Que otros hay en el mundo,  
Que estan con más profundo  
Pesar, que el que presente  
Puede afligirme a mi, aunque injustamente  
Me estuvo maltratando:

Y en esto reparando,  
Todas mis penas, aunque sean graves,  
Se me hazen llevaderas, y suaves;

P

Que

Que assi Ovidio aun Amigo perseguido,  
Mirando-le afligido,  
Encarga, que lo entienda:

*Neque enim fortuna ferenda  
Sola tua est; similes aliorum respice casus,  
Mitius ista feres:*

Mayormente si advierto  
Que tambien foy dichofo  
En tenerte por cierto  
Amigo, a ti mi Ergasto, y tan famoso  
Que en las aduersidades,  
Como en prosperidades  
Nò dexastes de serlo:  
Y puès tê conocerlo,  
Sê tambien estimarte;  
Puès fuiste en esta parte  
Amando mis penurias, y fadigas,  
Que voluntario tomas,  
Nò como las palomas,  
Nò como las hormigas  
Amigos falsos, cuya consistencia,  
Nò estriba en màs q̄ en propria conueniencia.

Aspi-



*Aspicis, ut veniant ad candida tecta columbæ,  
Accipiat nullas sordula turris aves.  
Horrea formicæ tendunt ad inania nunquam,  
Nullus ad ammissas ibit amicus opes.*

Tales observaciones  
Estoy filosofando de continuo,  
Con esto (como dixen) ando el camino,  
Que breve nos conduze a las regiones,  
Donde de los mortales se terminan  
Las vanas presunciones, que en si crian.

Previengome, de suerte  
(Si ès de la vida el fin principio fuerte  
De lo que nõ se escusa)  
Que para lo que se usa  
En bronca sepultura,  
En pompas funerales,  
Conduzgo materiales  
Yà en vida: que ès cordura:  
Y della (con assombros) por despojos,  
Riego la cal con agua de mis ojos;  
Tomando yà en la Idèa, prevenida,  
De mi cuerpo al sepulcro la medida;

## 116 Ocupacion

Donde con tablas de Ciprez funesto,  
O en el marmol hiniesto,  
De los que padeci casos aduersos,  
Por Epitafio entallarè estes versos:

*Semper in aduersis vixi, genus omne malorum  
Expertus, quorum non fuit ulla quies.  
Nunc morior, nunc finis erit, nunc ista volebunt,  
Quod superest, animam suscipe Christe meam.*

Vivamos, pues, en tanto, dulce amigo,  
Que estas pisadas, y estes rumbos figo;  
Nò como quien vivir por vivir quiere;  
Nò como quien morir teme algun dia,  
Si nò como quien muere  
En cada instante, que de vida adquiere,  
Y de vivir confia.

Vivamos, pues, con ancia nò de vida,  
Si nò solo en vivirla comedida;  
Vivamos recatados,  
Igualando al deseo los cuydados;  
Que aquel que nò merece  
Vivir, yà se muriò, nò permanece;

Y

Y el que vivir merece, se apercive,  
Que aun despues de morir se eterno vive.

Muchos por su ignorancia,  
O' por necia arrogancia,  
Antes que del vivir se ennoblecieron,  
Anticipadamente se murieron;  
Que la verdad nõ cuenta  
El espacio de vida, por el quanto,  
Ni arifmetico tanto;  
Si nõ solo por qual: ni se acrecienta  
La vida con los dias,  
Que inutiles passaron  
En vanidades tibias,  
Que los que tibios siempre se mostraron  
A la virtud, y en ello perseveran,  
Que mucho los vomiten, y que mueran?

Esto puès atendiendo,  
Estoy palpablemente conociendo,  
Que este vivir, ès vida solamente,  
Que a la muerte, aunque venga, nõ la siente,  
Es muerte apetecida,  
Y mãs para embidiada, que temida:  
Que la que acá se alcança,

En

En medio este sosiego, esta bonança;  
 Es muerte al fin, ès muerte en lo aparente  
 Que anhela para vida permanente;  
 Muerte en fin, cuyo ceño  
 Puede passar por agradable sueño;  
 Que como nuestra vida ès sueño toda,  
 Acá, aún la muerte al sueño se acomoda.

O' bienaventurado

Si para Dios me viera destinado;  
 Y por modo tan alto, tan divino  
 Encontrara el atajo, ò el camino,  
 Por donde el alma suavemente lleve  
 La Cruz pesada desta vida breve,  
 En este fiel retiro,  
 A imitacion de un Pablo, y de un Hilario;  
 Contento con tener lo necessario;  
 Alegre, y fatisfecho  
 En lo encogido de mi humilde techo;  
 Que a mayores Alcaçares nõ aspiro.

Y aunque suspiro, como quien saudoso  
 De algun bien que perdiò, vive achacoso,  
 Buelto a mi nacimiento,  
 (Alvergue primitivo de mi aliento,

Cuna

# *En el Retiro.* 119

Cuna de mi niñez, Nido agradable  
De mi primero ardor más afectable,  
Mi bella Patria: cuyo dulce suelo,  
Fuera el gozarlo mi mayor consuelo,  
Edificando altares

A mis Patricios cariñosos Lares:)

Diviertan-me mis hijos  
Caseros regozijos,  
Y frutos deseados,  
Aunque agridulces, paz de los casados.

Pero como evidente,  
Solo ès el Cielo Patria equivalente  
De todos los que errantes peregrinos  
Vivimos entre lobregos destinos;  
Que como Paulo enseña,  
Y su doctrina enpeña,  
Claramente se indicia  
Nò tenemos aqui Patria propicia,  
Permanente, ni estable;  
Si nò todo mudable;  
Cada qual anhelante  
Aspire, Amigo, a la Ciudad triunfante;  
Por cuyas puertas de luzientes quiciòs,  
Yà los campos Elisios,

Yà

Yà Hibleos , ò Penfiles ,  
 Yà los Mayos , ò Abriles  
 O' de Esperides huertos ,  
 Se hallan : y en ellos los màs dulces puertos.

Que estes del suelo , sin gozar descansos,  
 Todos son bueltas , buelcos , y balanfos ;  
 Todo esto de acá , ès vario , y instable ,  
 Pero aquello de allá , firme , y estable ;  
 Esto todo agonias ,  
 Pero aquello de allá , todo alegrías ;  
 Esto todo pobrezas ,  
 Pero aquello de allá todo riquezas ;  
 Esto todo tormentos  
 Pero aquello de allá todo contentos ;  
 Y en fin todo esto ès penas , ancias , sustos ,  
 Aquello todo ès gustos ;  
 Y si esto , llanto , ayes , desventuras ,  
 Solloços , y amarguras ,  
 Sobresaltos , disgustos ,  
 Y suceffivas muertes ;  
 Lo de allá todo es vidas , todo ès fuertes .

En estes puès que passo desengaños ,  
 Libre de muchos daños ,

En

En que atento reposo ;  
Menosprecio del hombre más dichoso  
Los gustos , las delicias , las riquezas ,  
Los honores , los timbres , las grandezas ,  
Los oficios , los cargos ,  
Dulces àl necio , y à la cordura amargos.

Y enfin , Amigo , a todo me resisto ,  
Que deste modo puedo estar bien quisto ;  
Que donde en summo grado ,  
La embidia , como aqui tanto florece ,  
Menos mal me parece  
Vivir sin puesto , y pobre , que embidiado :  
Mayormente sabiendo  
Que todo lo de acá vâ feneciendo ,  
Y que al fin todo viene a rematarse ,  
Solamente en salvarse , ò nò salvarse ;  
De cuya accion depende inadvertida  
La conclusion mayor de nuestra vida ;  
O bien para contentos sempiternos ,  
O penar para siempre en los Infiernos.

F I N.

Q

AU-

# AUTHORIS TETRASTICON

**T** Hesperides transtris, clavo desistat Apollo  
Emeritæ puppis carbasa sacra ferant;  
Si bene nostra rates perfecit, fausta tropheè,  
Si male, naufragii signa nefasta dabunt.

Si quid dictum contra Sanctam Fidem nos-  
tram Catholicam, aut bonos mores,  
tanquam non dictum; & omnia sub  
correctione

**S. M. E. C. R.**

F. I. N.

UA

9





INSTITUTIONS TITILASINON

1. En caso de incendio, evacuar el edificio  
Si hay heridos, prestar primeros auxilios,  
Si nada, salir del edificio por la salida de emergencia.

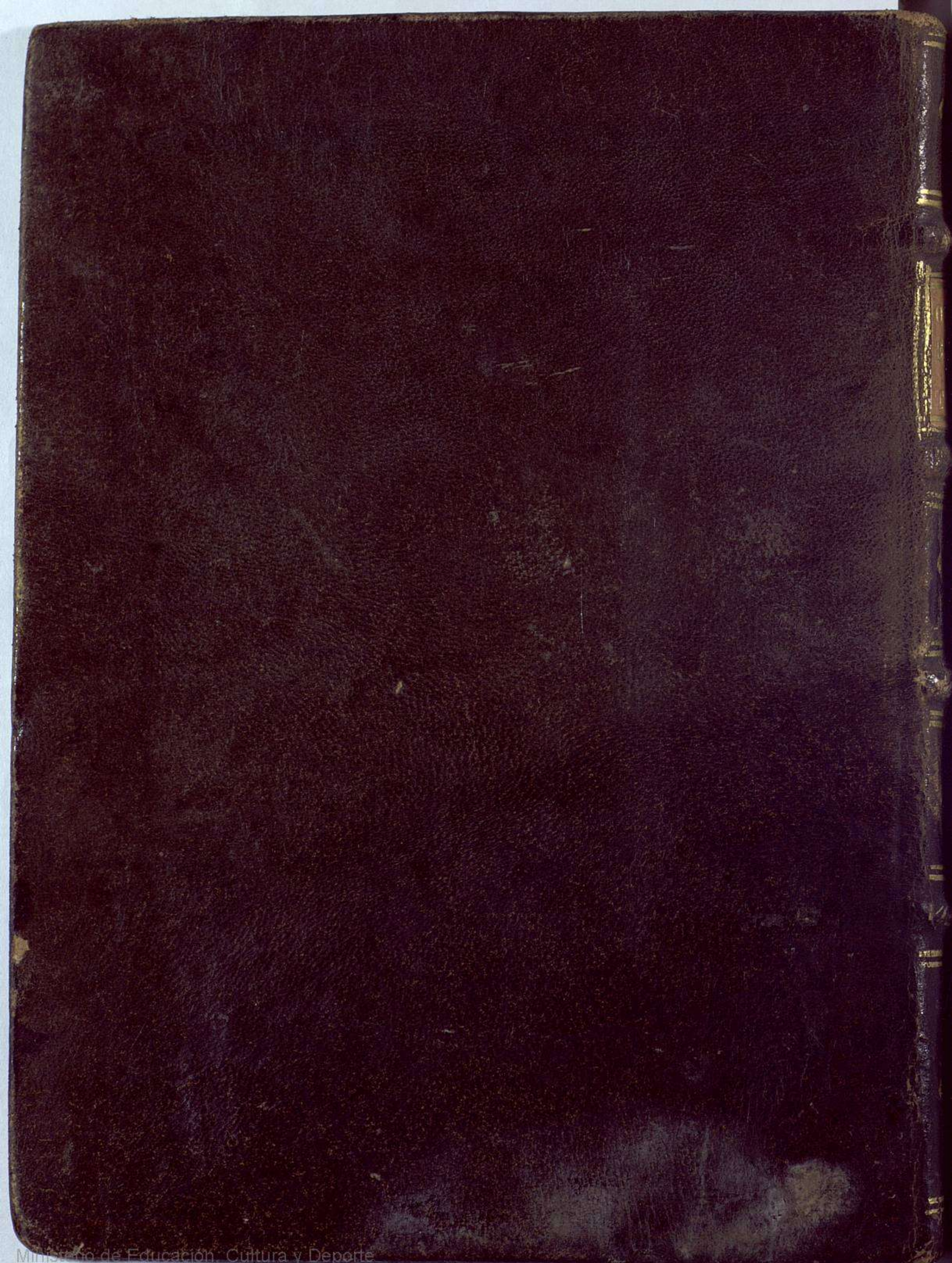
2. En caso de terremoto, cubrirse debajo de una  
mesa o escritorio, o en un espacio sin esquinas,  
manteniéndose bajo el escritorio o escritorio, etc.

S. M. E. C. R.











OCVP  
DNI EL  
RE  
T II RO

